



FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM GEOGRAFIA

RACHEL DOURADO DA SILVA

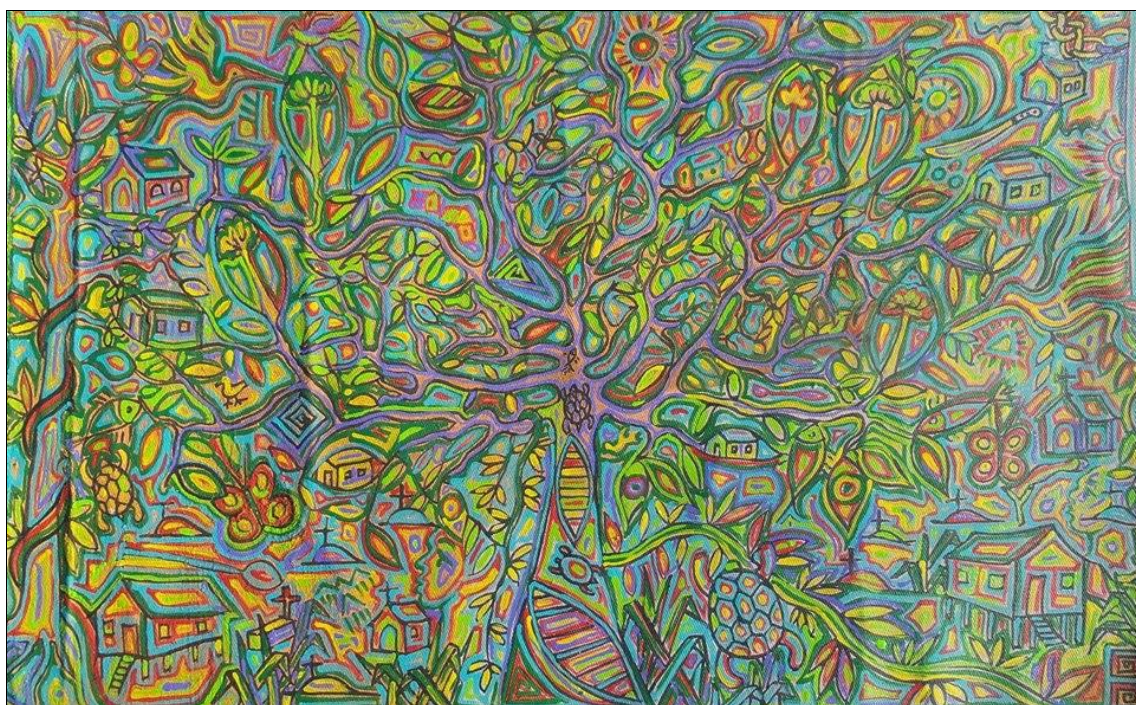
ESPAÇOS DE PEREGRINAÇÃO: A DEVOÇÃO NAS ESTRADAS DA SERINGA

Porto Velho –RO

2015

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
NÚCLEO DE CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM GEOGRAFIA

RACHEL DOURADO DA SILVA



ESPAÇOS DE PEREGRINAÇÃO:
A DEVOÇÃO NAS ESTRADAS DA SERINGA

Geografia

Linha de Pesquisa: Território, Representações e Políticas de Desenvolvimento - TRPD

Porto Velho –RO

2015

**FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA NÚCLEO DE
CIÊNCIAS EXATAS E DA TERRA DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM GEOGRAFIA**

RACHEL DOURADO DA SILVA

**ESPAÇOS DE PEREGRINAÇÃO:
A DEVOÇÃO NAS ESTRADAS DA SERINGA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Geografia – PPGG, Núcleo de Ciência e Tecnologia, Universidade Federal de Rondônia, como requisito necessário para obtenção do título de Mestre em Geografia, da Universidade Federal de Rondônia.

Orientador: Professor Dr. Josué da Costa Silva

Porto Velho-RO

2015

FICHA CATALOGRÁFICA


S586e	<p>Silva, Rachel Dourado da</p> <p>Espaços de peregrinação: a devoção nas estradas da seringa. / Rachel Dourado da Silva. Porto Velho, Rondônia, 2015. 159 f.</p> <p>Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Rondônia/UNIR.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Josué da Costa Silva</p> <p>1. Santa Raimunda. 2. Peregrinação. 3. Santos da Floresta. I. Costa Silva, Josué da. II. Título.</p> <p>CDU: 911.3:27-57</p>
-------	---

Bibliotecária Responsável: Cristiane Marina Teixeira Girard/ CRB 11-897


ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO
RACHEL DOURADO DA SILVA

A Banca de defesa de Mestrado presidida pelo orientador **Prof. Dr. Josué da Costa Silva** e constituída pelos examinadores **Profa. Dra. Xênia de Castro Barbosa** e **Profa. Dra. Maria das Graças Silva Nascimento Silva**, reuniram-se no dia 31 de julho de 2015, às 9 horas na sala Rosa Ester Rossini, Bloco 1N, sito no Campus Universitário José Ribeiro Filho, para avaliar a Dissertação de Mestrado intitulada **"ESPAÇOS DE PEREGRINAÇÃO: A DEVOÇÃO NAS ESTRADAS DA SERINGA"**, da mestranda **Rachel Dourado da Silva**, matrícula 201310052. Após a explanação da mestranda e arguição pela Banca Examinadora, a referida DISSERTAÇÃO foi avaliada e de acordo com as normas estabelecidas pelo Regimento do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia foi considerada APROVADA. Conforme determinação do Colegiado do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Geografia, a candidata tem o prazo de até 90 (noventa) dias, a contar desta data, para realizar as correções sugeridas pela banca e entregar as cópias definitivas de sua dissertação.

Porto Velho, 31 de julho de 2015.



Prof. Dr. Josué da Costa Silva
Orientador/presidente



Profa. Dra. Xênia de Castro Barbosa
Examinadora Externa



Profa. Dra. Maria das Graças Silva Nascimento Silva
Examinadora Interna

Andar com fé
Gilberto Gil

*Andar com fé eu vou,
que a fé não costuma "faiá"
(...)*

*Que a fé tá na mulher
A fé tá na cobra coral
Num pedaço de pão
A fé tá na maré
Na lâmina de um punhal
Na luz, na escuridão.*

*Andar com fé eu vou,
que a fé não costuma "faiá"
(...)*

*A fé tá na manhã
A fé tá no anoitecer
No calor do verão
A fé tá viva e sã
A fé também tá pra morrer
Triste na solidão.*

*Andar com fé eu vou,
que a fé não costuma "faiá"
(...)*

*Certo ou errado até
A fé vai onde quer que eu vá
A pé ou de avião
Mesmo a quem não tem fé
A fé costuma acompanhar
Pelo sim pelo não.*

AGRADECIMENTOS

Início meus agradecimentos no campo sagrado, agradecendo e dedicando este trabalho à Santa Raimunda, seringueira, parteira e santa na qual tenho fé e creio que roga e cuida dos que dela necessitam. Agradeço também à Santa Estelita.

Agradeço à minha família, em especial minha mãe, Maria Sevy, minhas tias: Mavy, Nazaré, Rita, Iraci e Bahia, meu tio José Dourado, minhas irmãs Suzanna e Alanna, meus irmãos, Lucas e Domingos, minhas primas Pollyana, Maria Marnisia, Marli, Marildes e Denice, meus sobrinhos Sarah e Kauã, sei que a vida sem a presença destes não seria a mesma, dedico e agradeço cada lição aprendida e experiência trocada.

Agradeço *in memoria* a meu pai, Raimundo Leonécio, meu tio Antônio Dourado, à *minha bisavó* Lúdia e à avó Irene. Agradeço cada lição herdada.

Gratidão às mulheres que cruzaram meus caminhos com amor, dor e trabalho, Vânia Regina, Vera Lúcia e Ana Cunha. Obrigada pela doce amizade!

Agradeço ao meu filho, Jean Felipe, que compreende minha eterna ausência e é feliz com sua liberdade.

Agradeço aos meus amigos queridos que alegraram minha jornada e colaboraram de forma direta ou indireta com a pesquisa: Vó Eunice, Fabiano Ribeiro, Kamila Figueiredo, Kennedy Figueiredo, Ana Luisa, Filipe, Dermeson Lima, *Vulgo cabeça*, Ilnaira Souza, Elenice Duran, Sonia Machado, Stefany Aguiar, Desirée Galeotti, Ivanilse Calderon, Marcel Emeric, Cláudia Coimbra, Michele Tolentino, Miguel Mauri, Vanessa Napiame, César Eduardo Medina Gallo, Williane Silva de Souza, Stélia Castro, Nairá Farias, Isis Farias, Mariana Farias, Patrícia Marchi, Ezaque Saraiva, Tirla Tavares, Maique, Maria das Graças, Cassiano Lobato, Aquesia Maciel, Hiury Nascimento, Samy Ampuero, Natalia Veras Cardenas, Marineide Maia, Otávio Marangoni, Maria José, Dandara Camargo e Angelsea Camargo.

Agradeço ao meu orientador, Josué da Costa, pessoa que foi essencial para prosseguir estudando, apresentando resultados, dando ânimo, orientação, calma. Gratidão por sua paciência e sabedoria na hora de ensinar!

Agradeço a meus professores que estiveram juntos na jornada, estimulando e dando ânimo, Maria das Graças Nascimento, Luzia Neide Coriolano, José Dourado e Paulo Klein.

Agradeço aos amigos do Centro dos Trabalhadores da Amazônia – CTA – e às comunidades dos seringais Icuriã e São Francisco e às demais comunidades visitadas, pelas tantas acolhidas e colaborações, em especial a família de Dona Celita. Agradeço a tod@s entrevistad@s.

Agradeço a CAPES, Fundação Elias Mansour e à Universidade Federal de Rondônia, pelo apoio financeiro, que tornou possível a realização dessa pesquisa.

Gratidão!

In memoria Elói Araújo

RESUMO

Os processos migratórios que ocorreram no Estado do Acre tornaram diversificadas as manifestações culturais. As expressões de cunho religioso estão associadas aos elementos do catolicismo, influência de Padre Cícero vividas pelos imigrantes no nordeste brasileiro, além dos ritos indígenas e as manifestações afro-brasileiras. O Estado do Acre é marcado por diversos conflitos por posse de terra, ligados a interesses econômicos do capital. Os seringais com suas colocações distantes umas das outras, também eram povoados por personagens de fé, muitos com as romarias, advindas do nordeste e demais expressões. Utilizamos o método fenomenológico e metodologia exploratória para vivenciar o fenômeno religioso e social nas comunidades dos seringais com apoio teórico de Eliade, Bachelard, entre outros. Apresentamos o espaço do seringal, as relações das famílias, o vínculo com a religiosidade, bem como o espaço religioso e o tempo da fé. A trajetória de Raimunda é apresentada segundo depoimentos, bem como no desenvolver da festa que acontece todos os anos dia 15 de agosto no seringal Icuriã. Realizamos análise da experiência do peregrino com a paisagem e as motivações que os impulsionam a peregrinar. Vivenciamos os espaços sagrados em demais seringais, como o seringal Petrópolis, São Pedro e outros, conhecemos outros santos da floresta como Santa Estelita, Santa Sebastiana e percebemos as relações sagradas vividas nos seringais e as necessidades dos sujeitos, suas estratégias de organização, a força e a fé na permanência dos sujeitos na floresta.

Palavras-Chave: Santa Raimunda; Peregrinação; Santos da Floresta.

RESUMEN

Los procesos migratorios que ocurrieron en el Estado de Acre hicieron diversificadas las manifestaciones culturales. Las expresiones de naturaleza religiosa están asociadas a los elementos del catolicismo, influencia del Padre Cícero vividas por los inmigrantes en el nordeste brasileño, a parte de los ritos indígenas y las manifestaciones afro-brasileñas. El Estado de Acre es marcado por diversos conflictos por pose de tierra, vinculados a interés económico del capital. Los *seringais* tan apartados unos de otros, también eran poblados por personajes de fe, muchos con las romerías, advenidas del nordeste y demás expresiones. Utilizamos el método fenomenológico y metodología exploratoria para observar el fenómeno religioso y social en las comunidades de los *siringais* con apoyo teórico de Eliade Bachelard, entre otros. Presentamos el espacio del *seringal*, las relaciones de las familias, el vínculo con la religiosidad, bien como el espacio religioso, tiempo de la fe. La trayectoria de Raimunda, es presentada según testimonios y también el desarrollo de la fiesta que ocurre todos los 15 de agosto en el *siringal Icuriã*. Realizamos análisis de la experiencia de peregrinos con el paisaje y con las motivaciones que los impulsa a peregrinar. Registramos la vivencia de los espacios sagrados en otros *seringais* como el *seringal Petrópolis*, *São Pedro* y otros, conocimos otros santos del bosque como Santa Estelita, Santa Sebastiana y percibimos las relaciones sagradas vividas en los *seringais* y las necesidades de los individuos, sus estrategias de organización, la fuerza y la fe en la permanencia de los individuos en el bosque.

Palabras clave: Santa Raimunda; Peregrinación; Santos del Bosque.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Nossa senhora do Acre ou Nossa senhora da seringueira.....	25
Figura 2 - Pintura do artista acreano Hélio Melo. Obra da Estrada da Floresta- retrata as estradas da seringa.	33
Figura 3 - Localização seringais Icuriã e São Francisco na RESEX Chico Mendes.....	47
Figura 4 - Comunidade São Francisco, alimentação das criações.....	65
Figura 5 - Mapa de localização de pontos culturais religiosos.....	72
Figura 6 - Ramal do Icuriã Lugar Sagrado do Menino do Miradouro.....	76
Figura 7 - Capela Santa Sebastiana.....	78
Figura 8 - Ex-Votos deixados na Capela Santa Sebastiana.....	79
Figura 9 - Capela Santa Euricléia	80
Figura 10 - Mapa Mental do Bairro Sibéria.	81
Figura 11 - Capela São João do Guarani: Ex-votos.....	83
Figura 12 - Capela e Igreja do São João do Guarani-fiéis rezando o terço- pagamento de promessa.....	84
Figura 13 - Capela Santa Antônia Oliveira.	86
Figura 14 - Mapa Mental:Trajeto realizado caminhando até a capela.....	87
Figura 15 - São Luiz Alma da Nova Amélia – Seringal Fronteira Colocação Nova Amélia. .	91
Figura 16 - São Luiz Alma da Nova Amélia – Seringal Fronteira Colocação Nova Amélia. .	92
Figura 17 - Capela Santo Antônio – Seringal Florência Colocação Rio Branco	94
Figura 18 - Santo Antônio – Seringal Florência Colocação Rio Branco	95
Figura 19 - Cruz Milagrosa – Transacreana Km 5.	97
Figura 20 - La Cruz Milagrosa – Cobija – Pando - Bolívia.	98
Figura 21 - Capela Alma da Flor de Natal.	100
Figura 22 - Alma da Flor de Natal.....	101
Figura 23 – Capela São Raimundo.	102
Figura 24 - Capela. Na imagem frente da capela do km 75	103
Figura 25 Ex-votos da capela	103
Figura 26 - Capela Santa Rosa e Santa Francisca.....	105
Figura 27 - Túmulo, velas e flores.....	106
Figura 28 - As margens do antigo cemitério onde foi enterrada Estelita.....	109
Figura 29 - Peregrinas peruanas – Colocação Flor de Xapuri – Seringal São Francisco	111
Figura 30 - Peregrinas peruanas – Colocação Bom Sucesso - Seringal Icuriã.....	112

Figura 31 - Santuário Santa Raimunda	113
Figura 32 - Santa Raimunda	133
Figura 33 - Mapa da Peregrinação Santa Raimunda do Bom Sucesso	136
Figura 34 - Peregrinos – Santa Raimunda do Bom Sucesso	141

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Entrevistados.....	58
Quadro 2 - Ex-votos dos santos da floresta, levantamento das principais doenças no seringal	74
Quadro 3 - Santificação de mulheres	130
Quadro 4 - Peregrino e Turista	148

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
CAPÍTULO I - UM OLHAR GEOGRÁFICO PARA A RELIGIOSIDADE	20
1.1 RELIGIOSIDADE: UMA EXPRESSÃO POPULAR.....	21
1.2 A COLOCAÇÃO, A CASA, A FAMÍLIA SERINGUEIRA.....	31
1.3 A RELIGIOSIDADE NO SERINGAL	35
CAPITULO II - ESPAÇO RELIGIOSO: TEMPO DA FÉ.....	45
2.1 DEVOÇÃO NA FLORESTA A PARTIR DO MÉTODO FENOMENOLOGICO	46
2.2 ESPAÇO E TEMPO DAS MULHERES	58
CAPITULO III - SANTOS POPULARES DA FLORESTA	69
3.1 ESPAÇOS SAGRADOS NA FLORESTA	70
3.2 MENINO DO MIRADOURO	75
3.3 SANTA SEBASTIANA: ALMA DA LUA NOVA	77
3.4 SANTA EURICLÉIA	79
3.5 SÃO JOÃO DO GUARANI.....	81
3.6 SANTA ANTÔNIA OLIVEIRA	84
3.7 SÃO LUIZ: ALMA DA NOVA AMÉLIA	90
3.8 SANTO ANTÔNIO DO RIO BRANCO – DA CAPELA.....	92
3.9 CRUZ MILAGROSA	95
3.10 LA CRUZ MILAGROSA – COBIJA – PANDO – BOLÍVIA	97
3.11 ALMA DA FLOR DE NATAL	98
3.12 SÃO RAIMUNDO COUTINHO.....	101
3.13 CAPELINHA.....	102
3.14 SANTA ROSA E SANTA FRANCISCA	104
3.15 SANTA ESTELITA.....	106
3.16 SANTA RAIMUNDA: ALMA DO BOM SUCESSO	109

CAPITULO IV - SANTA RAIMUNDA: ALMA DO BOM SUCESSO.....	114
4.1 SANTA DA RESERVA EXTRATIVISTA CHICO MENDES	115
4.2 SANTIFICAÇÃO DE MULHERES.....	129
4.3 CAMINHOS DA RELIGIOSIDADE: PEREGRINAÇÃO NAS ESTRADAS DA SERINGA	135
4.4 NARRATIVA PEREGRINA LOLA PASTOR	138
4.5 TRADUÇÃO NARRATIVA PEREGRINA LOLA PASTO.....	139
4.6 NARRATIVA DA PEREGRINA NATALIA VERA CARDENAS	141
4.7 TRADUÇÃO NARRATIVA PEREGRINA NATALIA VERA CARDENAS	143
4.8 TURISMO RELIGIOSO	146
CONSIDERAÇÕES FINAIS	150
REFERÊNCIAS	154

APRESENTAÇÃO

A pesquisa voltada à Religiosidade Popular, com foco no espaço sagrado da Santa Raimunda, do Bom Sucesso no Acre desenvolveu-se no período de 2012 a 2014. Inicialmente, como pesquisa preliminar com intuito de embasar o projeto de seleção do mestrado.

Os primeiros contatos com as comunidades do Seringal Icuriã e São Francisco se deram em 2009 em função das atividades realizadas pelo Centro dos Trabalhadores da Amazônia –CTA –, com foco no projeto de educação, Projeto Seringueiro e ações do GPFC – Grupo de Produtos Florestais Comunitários. Ao iniciar as atividades, como técnica no Projeto Seringueiro, tive a oportunidade de adentrar seringais e colocações distantes dos núcleos urbanos e vivenciar as histórias, mitos e lendas narradas por idosos, adultos e crianças.

Acompanhei a finalização do livro infantil, 2ª edição “bichos”, no qual crianças dos seringais contam as lendas da floresta e desenham e pintam as ilustrações, contato que me aproximou do modo de vida do seringueiro. Anos depois estive coordenando junto com educadores do CTA o novo livro, este ainda não publicado e a experiência com as narrativas e as ilustrações, me aproximava da cosmologia do seringueiro. Cada ida ao seringal, cada mergulhar na dinâmica de vida na floresta, as leituras dos cadernos de técnicos que fundaram o projeto seringueiro me aproximava mais das comunidades.

O primeiro Santo popular que tive a oportunidade de conhecer foi São João do Guarani, que fica nas proximidades da Escola Padre Jósimo, fundada pelo Projeto Seringueiro.

A amizade com os comunitários foi crescendo e eram constantes os convites para participar de festas de casamento, festas culturais, manifestações religiosas... E assim, além das entradas a trabalho, reunia com demais amigos do turismo para visitar as festas nos seringais. Fomos a comunidade do Santa Quitéria, para a festa cultural organizada pelo núcleo das mulheres que pertence a Associação da comunidade. Lá o encantamento foi grande, as histórias de luta, a peleja com as onças, dificuldade com remédios. Escutávamos tudo, embalados pela *caçuma*¹ produzida por elas. Depois desta festa logo fui convidada a comparecer a festa religiosa de Santa Raimunda. Para esta mobilizei minha irmã Suzanna, minha prima Geovanna e minha amiga Maria das Graças. Ao chegar ao lugar a emoção

¹ *Caçuma*, palavra de origem indígena, nome dado à bebida feita da macaxeira, que passa por processo de fermentação.

tomou conta de nós: cada sujeito que passava vestido de anjo, com flores nas mãos, andando com muletas, velas acesas, as famílias que estavam trabalhando na logística do local... Lembro que aproveitei para fazer algumas entrevistas, sentir um pouco aquela história e compreender quem é Santa Raimunda e como uma manifestação na floresta, num lugar tão “isolado” conseguia atrair tanta gente. De volta à casa, escrevendo tudo que ouvi e gravei e revendo as fotos, no desenvolver da escrita, omiti do texto que Raimunda sofria violência física do marido, que tal violência foi a provável causa de sua morte. Ao dormir, Santa Raimunda veio em meu sonho e disse: “escreva sim, isso vai ajudar outras mulheres a saírem dessa situação”.

Naquele momento, percebi meu trajeto com Santa Raimunda, acreditava que ia focar no turismo religioso, por ser turismóloga e acompanhar as políticas públicas federais, o fortalecimento das cadeias produtivas, do turismo como alternativa de combate à pobreza, mas não conseguia perceber nada adentrando as localidades, nem em oficina para ajudar na elaboração de uma lembrança da festa, orientação para manejo da trilha, ações básicas que não necessitam de muito recurso financeiro. Diante da omissão do estado vi que não poderia fortalecer na pesquisa algo que não é real aos sujeitos que vivem na localidade.

Ao descobrir o programa de Mestrado em Geografia e suas linhas de pesquisa, logo percebi que deveria tentar a seleção. Elaborei o projeto de pesquisa com dados que já havia coletado em campo e contei com ajuda de amigos como Dermeson Lima, Luzia Neide Coriolano, Pollyana Dourado e minha mãe, Maria Sevy, que revisaram o projeto, questionaram e cada questionamento colaborava com a minha compreensão e crescimento.

No programa de mestrado contei com o estímulo do meu orientador, Josué da Costa. Iniciei a jornada de apresentar resultados em congressos de geografia e a persistir adentrando as comunidades. Durante as disciplinas tive motivação com foco ao gênero e as orientações dadas pela professora Maria das Graças. Para entender o território contei com a colaboração da professora Madalena Cavalcante, as políticas públicas na Amazônia com o professor Adnilson de Almeida e do espaço sagrado dos Suruis, com o professor Almir Surui.

No Grupo de Estudos e Pesquisas Modos de Vida e culturas contei com a colaboração dos demais pesquisadores. Cada um no seu universo de pesquisa partilhavam em longos debates sua compreensão dos autores que embasaram nossas pesquisas.

As idas aos congressos estimulavam cada vez mais minha investigação, tive a oportunidade de apresentar resultados da investigação nos congressos, como: ENANPEGE

em Capinas São Paulo, EGAL em Lima / Perú, SINGA em João Pessoa Paraíba, Colóquio Ibérico em Guimarães Portugal.

As visitas técnicas em espaços sagrados como santuário de Aparecida no estado de São Paulo enriqueceram o olhar para a relação dos sujeitos em espaços urbanos, as diferenças dos ex-votos, o percurso do peregrino. Em Santiago de Compostela, na Espanha, vivenciamos o constante movimento de peregrinos que chegavam à cidade por um dos três caminhos, alguns peregrinando com muita dificuldade em função da longa jornada. A estrutura para atendê-los surpreende em função do volume de peregrinos que adentram a localidade, na catedral após a celebração da missa os fiéis formam filas para passar em frente ao túmulo de Santiago, Tiago Maior, rezam e seguem. Em Montserrat, na Espanha, a experiência de visitar um santuário em meio a montanhas, o percurso apesar de bem estruturado é cansativo em função da altitude, torna o andar compassado no ritmo da respiração, mas a cada conquista a renovação e desejo de persistir, são inúmeros os peregrinos escolhendo a melhor forma de adentrar o santuário. Em Fátima em Portugal a experiência é indescritível, o lugar tomado por peregrinos, pagando suas promessas, pessoas ajoelhadas entrando no santuário, as lágrimas transbordam, percorrer os passos de Fátima das suas aparições e chegar ao local escolhido para construção do santuário provoca no devoto a emoção, o contato íntimo com força superior e fortalece as dores e motiva os sujeitos a superar os “males” vividos. Visitamos os templos islâmicos em Rabat e Casablanca em Marrocos perceber as estruturas da fé, os fiéis aguardando o horário para vivenciar sua adoração, a fé nas diferentes estruturas religiosas é o que motiva os sujeitos.

Outra contribuição foi o contato com demais pesquisadores de outras universidades do Brasil, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Universidade Estadual do Ceará e demais países como Universidade Autônoma do México, Universidade Autônoma de Barcelona, Universidade de Coimbra ao trocarmos bibliografias e discussões.

INTRODUÇÃO

O Estado do Acre tem no seu processo de formação social a presença de povos indígenas que se comunicavam com demais povos dos países fronteiriços, Bolívia e Peru. Com o processo de ocupação do território por nordestinos, sírios, libaneses, entre outros, foram muitas as misturas, tornando o processo complexo. Alguns povos indígenas nômades na tríplice fronteira utilizavam o cipó em seus ritos, conhecido como *ayahuasca*², e o contato com o “outro”, o nordestino, fora constituída uma nova linha religiosa. Os seringais com suas colocações³ distantes umas das outras, também eram povoados por personagens de fé, muitos com as romarias, advindas do nordeste e demais expressões, tornando o processo complexo.

Neste cenário, o movimento religioso nas estradas da seringa⁴ na reserva extrativista Chico Mendes levanta a dúvida para investigá-lo. Para isso, partimos da seguinte questão: Quais as relações existentes entre a religiosidade popular na floresta e a ocupação do território? Para investigar a relação entre religiosidade e território, utilizamos metodologia exploratória, através de fontes orais para levantamento de informações sobre a religiosidade, numa abordagem fenomenológica, aplicada nas comunidades dos seringais Icuriã e São Francisco, a metodologia esteve pautada na observação e diálogo com os visitantes: romeiros, devotos, curiosos, aventureiros, pastorais e movimentos da igreja católica para categorização do fenômeno da religiosidade baseados nos três conceitos de Hall (2006) para identificar a cultura, a identidade e as relações dos sujeitos com o espaço sagrado a partir da perspectiva de experiência cultural como manifestação da essência humana, dentro de uma abordagem fenomenológica.

Trabalhamos tempo e espaço partindo das narrativas dos sujeitos, seguindo base teórica de Meihy e Holanda (2013) para respeitar a oralidade e assim conseguir um recorte real do tempo e espaço da cada indivíduo que contribuiu com a pesquisa, com base no tempo e espaço marcado nas narrativas, construímos nossa pesquisa.

A pesquisa esteve pautada em uma investigação voltada a alcançar os objetivos: a) De que forma são constituídos os espaços sagrados; b) Como a população identifica e santifica pessoas que viveram o cotidiano da comunidade e passam a compor uma

² *Ayahuasca* é uma bebida sagrada utilizada com propósitos espirituais, pelos povos da Amazônia. A bebida é feita com Jagube (*Banisteriopsis caapi*) e Chacrona (*Psicotria viridis*). Também conhecida como Mariri, vegetal, santo daime, cipó e ayahuasca.

³ Colocações são pequenas porções de terra com no mínimo três estradas de seringa.

⁴ Estradas de seringa são porções naturais em meio à floresta com forte presença da Seringueira (*Hevea brasiliensis*) o seringueiro demarca seu percurso conforme as seringueiras estão dispostas e assim consolida-se as estradas de seringa.

manifestação religiosa popular; c) Como se dá a participação dos residentes no culto a Santa Raimunda; d) As celebrações ocorridas provocam mudanças socioespaciais; e) De que forma a promessa e a entrega dos ex-votos têm relação com as políticas públicas. De forma sucinta, alcançamos nossos objetivos, porém o método nos aponta outros problemas que conforme adentrávamos novos surgiam. A relação de gênero, como uma mulher “excluída” em vida passa a ser cultuada como santa? O turismo religioso é uma alternativa econômica viável para a comunidade? Porém, não aprofundamos e cabem investigações aprofundadas.

O trabalho está organizado em quatro capítulos: O primeiro trata das experiências religiosas e os processos híbridos culturais vividos. Trabalhamos a influência do catolicismo e a organização do seringal em três recortes históricos, para entender o processo territorial e a religiosidade.

O segundo capítulo trata do espaço religioso e tempo da fé. Trabalhamos esse capítulo com apoio da história oral, e principalmente com apoio da geografia com uso das categorias geográficas, como: tempo e espaço. Direcionamo-nos com base no início das narrativas dos entrevistados, cada sujeito adentrava na história em seu tempo e seu espaço, usamos essas falas para nosso trabalho e desenvolvemos a organização do espaço sagrado com base nos tempos vividos de cada sujeito.

O terceiro capítulo é voltado especificamente às informações e imagens coletadas nas diferentes espacialidades sagradas, realizamos um mapa dos santos da floresta e adentramos alguns seringais com GPS para pontuar esses santos, anteriormente trabalhados na obra do antropólogo Estanislau Klein (2003), mas ao iniciar o trabalho descobrimos outros santos, enfrentamos as dificuldades de acesso e conseguimos concluir o levantamento com imagens, narrativas e vivência nas localidades.

O quarto capítulo é voltado a Santa Raimunda do Bom Sucesso, nele abordamos a trajetória de Raimunda, segundo narrativas, o desenvolver da festa a Santa Raimunda, trabalhamos com uma narrativa dos sujeitos para compreender o envolvimento da igreja católica e as divisões de tarefa entre comunitários. Nas narrativas encontramos elementos machistas que estão intimamente relacionados com o processo de sofrimento, morte e santificação das mulheres santas da floresta. Desenvolvemos neste capítulo os caminhos dos peregrinos, como é vivenciada a paisagem pelos peregrinos e as motivações que os impulsionam.

A ilustração que apresentamos na capa da pesquisa é parte da vivência em campo, recorrendo os espaços sagrados, conhecendo o movimento e a diversidade de modos de vida

na Amazônia, em um momento já esgotados descansando abaixo de uma frondosa sumaúma visualizamos em sua copa o mapa mental da floresta, dos percursos vivenciados, dos animais, das casas, dos rios, igarapés, dos túmulos e capelas, do ambiente, sujeitos e floresta. Descrevemos o vivenciado ao artista acreano Ueliton Santana que conseguiu montar a composição para a pesquisa.

CAPÍTULO I - UM OLHAR GEOGRÁFICO PARA A RELIGIOSIDADE



Ilustração: Mapa do Acre

1.1 RELIGIOSIDADE: UMA EXPRESSÃO POPULAR

A geografia da religião é uma área de estudos recente, porém a religião é tema amplamente estudado pelas ciências sociais. O estudo da religião na geografia tardou-se pela dificuldade de estudar as formas simbólicas, o imaterial, Claval (2011) aborda as dificuldades encontradas pelos geógrafos, a geografia científica difere da geografia vernacular, essa também pautada pela paisagem, as formas planas entre outros objetos analisados numa paisagem, essa multidão de traços fala do homem e da vida social desses sujeitos, mas não cabe somente ao geógrafo a coleta de dados, cabe a ele narrar esses feitos, descrevê-los. O estudo direcionado para a relação do homem com o ambiente proporciona o olhar ampliado nas diversidades de uso no ambiente as relações dos sujeitos, a forma de ocupação no campo, a dinâmica dos espaços. A geografia não pode manter-se apoiada somente na observação, essa passa a coletar dados com entrevistas e questionários. Então temos a geografia narrativa, quantitativa, qualitativa. Essa produção provoca nos geógrafos o sentimento de ter muito a dizer, esse construto leva em consideração a dinâmica de comunicação, (CLAVAL, 2011, p. 230).

A geografia era uma ciência da seriedade e do permanente. Mencionava as igrejas ou os templos porque eram referências visíveis na paisagem, mas continuava a ser curiosamente silenciosa sobre cemitérios, porque a vida é que interessava. Falava de turismo, mas não se voltava muito para as festas às quais frequentavam participantes estivais.

Claval indica que o novo olhar geográfico rompe com o silêncio, a experiência religiosa, as festividades, os fazeres eventuais tornam-se visíveis aos olhos da ciência, o sagrado passa a ter a mesma atenção, dando foco ao simbólico (ROSENDAHL, 2012, p. 27), “os geógrafos da religião que estudam a dimensão espacial do sagrado propugnam o estudo do espaço por meio da análise do sagrado, desvendando sua ligação com a paisagem e com a linguagem codificada pelo devoto em sua vivência no espaço.”.

A religiosidade é vivida nas diversas manifestações humanas, tem campo simbólico nos diferentes agrupamentos humanos e é registro da identidade das populações, perceptível ao adentrar nos lugares, estes experimentados em zonas rurais ou urbanas, as vivências e percepções são campos para estudo. De acordo com Eliade e Couliano (1999), em dados momentos a religião se confunde com a história, o autor apresenta na cultura andina o

momento em que Atahualpa presumiu que Pizarro fosse o grande deus Viracocha⁵. Essas histórias, mitos e outras crenças foram vividas com tanta intensidade, que influenciam as sociedades contemporâneas. Assim investigamos, através de fontes bibliográficas e observação direta, de que forma esses espaços foram se constituindo como sagrados em alguns lugares da América Latina para adentrar no fenômeno local.

A América do Sul, com sua vasta diversidade cultural, foi colônia europeia, nem tudo sobreviveu à sobreposição cultura europeia, porém alguns fazeres e saberes conseguiram resistir à força do processo de colonização. Os saberes e fazeres tornam os processos culturais híbridos, conceito apresentado por Canclini (2008). Os elementos dos povos indígenas, somados aos dos colonizadores, tornaram diverso o fazer religioso. O sincretismo religioso é evidente no cotidiano, nas narrativas e nas fontes históricas que estudamos, alguns povos conseguiram sobreviver à sobreposição europeia, mas a sobreposição cultural foi intensa (ELIADE; COULIANO, 1999, p. 55):

A América do Sul é um imenso território ocupado por povos de grande diversidade. Embora nenhuma divisão territorial faça justiça à sua variedade, a que apresentamos a seguir tem aceitação geral: a) Área andina (da Colômbia ao Chile), que abrigou a cultura dos incas do Peru; b) Área de Floresta Tropical, em grande parte coberta pela floresta amazônica, compreendendo também a Guiana; c) Área do Gran Chaco; d) Área meridional, até a Terra do fogo.

A colonização europeia nestas áreas também se caracterizou pela sobreposição do Cristianismo às crenças e ritos dos povos nativos. Os dogmas da esperança cristã estavam pautados na sobrevivência depois da morte e na recompensa celeste pelos méritos acumulados em vida, o temor à morte e a recompensa para uma vida pós-morte. Destacamos a colonização na área andina e da floresta tropical para traçar um olhar geográfico para a religiosidade no Brasil, sobretudo nas florestas do Acre.

Na área andina, os incas (Eliade; Couliano 1999 p. 55) “desapareceram em 1532, quando o último soberano foi decapitado pelos conquistadores.”. A área mais conhecida dos incas são os vales altos das montanhas. Ao visitar Macchu Picchu, o guia local informou que as relações dos incas com a terra, água, animais e plantas eram dados com respeito, as populações que viviam nos altos das montanhas não poluíam os rios com seus dejetos. Percebemos e tivemos destaque do guia ao passar por plantas que florescem até os tempos atuais, compondo a agricultura, uma vasta plantação de plantas de poderes que eram utilizadas para aprofundamento espiritual.

⁵ Viracocha, nome em Quichua, divindade invisível, criadora de toda cosmovisão Inca. Sendo o primeiro deus dos antigos Tiahuanacos que provinham do lago Titicaca.

Algumas plantas de poder⁶ são utilizadas em quase toda extensão da Amazônia, plantas que são de jardim, para os povos indígenas. O consumo diante da comunicação foi sendo passado para os demais povos. Nas florestas do Acre, os indígenas consomem o cipó, também conhecido como Mariri, feito do Jagube e da Chacrona, plantas utilizadas pelos povos indígenas para trabalho espiritual. No Acre, a herança dos povos indígenas e o contato com outros povos do nordeste que vieram para o trabalho da borracha possibilitou a fundação da doutrina com base no catolicismo fundada por Raimundo Irineu Serra, “o Santo Daime”, e na “União do Vegetal” “recriada” por José Gabriel da Costa, e Barquinha, por Daniel Pereira de Mattos.

O uso da mão de obra africana, na condição de escravos, durante a colonização europeia no Brasil, contribuiu para disseminação de crenças nos orixás. Eliade e Couliano (1999 p. 36) aludem que cultos afro-brasileiros tiveram seu surgimento em 1850 “a partir de elementos de origens diversas, [...] feições autenticamente africanas, como a possessão pelas divindades *orixás* [...]”, elementos nítidos no fazer religioso das barquinhas.

Durante o desenvolver da pesquisa, tivemos a oportunidade de conhecer espaços sagrados ou manifestações de cunho religioso em alguns lugares da América do Sul; um imenso território tendo como religião matriz, o catolicismo. Percorrendo o Peru, conversando e experimentando as celebrações, percebemos as relações com o catolicismo e a cultura inca, os templos católicos, construídos sobre os templos incas, a exemplo do Qorikancha⁷, a Catedral na praça de armas, que sobrepõem o templo Inca e na rua ao lado, quase coberta pela igreja está a pedra dos 12 ângulos, dando evidência aos processos de sobreposição, as festividades do cristianismo, como natal, são comemoradas, mas elementos da cultura inca permanecem, como purificação com água, com flores, os ritos são feitos para natal e ano novo e a tradição a *Pachacuti* e *Pachamama* seguem até os tempos atuais.

Na Bolívia não foi diferente, a cultura andina é vivida junto ao catolicismo, a exemplo do dia 9 de novembro em La Paz, onde comemoram o *Dia de los ñatitas*, dias das caveiras, momento de fé e celebração aos entes que morreram. Atividade dos povos pré-colombianos, que tinham o hábito de partilhar os ossos de seus antecessores, as caveiras são mantidas na casa para proteger os membros da família. Neste dia, as caveiras são enfeitadas com coroas de flores entre outros e levadas para a celebração de uma grande missa realizada no cemitério.

⁶ Para comunidades tradicionais Plantas de Poder são plantas com poderes de elevação e trabalho espiritual.

⁷ Templo do Sol.

Na Argentina, às margens do rio Luján encontra-se a basílica de Nossa Senhora de Luján, a história se assemelha à de outras como a de Nossa Senhora de Aparecida, São Paulo, Nossa Senhora de Fátima, Portugal, Nossa Senhora da Penha, em Vitória, Espírito Santo. A basílica foi construída neste lugarejo em função da imagem de Nossa Senhora da Imaculada Conceição dada de presente pelo Brasil, por volta de 1630; porém, os viajantes que levavam a imagem pernотaram à margem de Luján e no dia seguinte todos os obstáculos surgiram para prosseguirem, diante do desejo do sagrado de permanecer na localidade, construíram uma capela para venerar a santa, que é a padroeira do país.

No Uruguaй, a história que nos foi contada é da Nossa Senhora dos Trinta e Três, que remonta a fundação de Montevideo, 1726. Contam que antes da última batalha do Uruguaй, trinta e três soldados, em maio 1823, vindos do Brasil, desfilaram em frente ao altar da Virgem de Luján na cidade de Florida e ali renovaram seu voto de liberdade ou morte, em função da coragem dos trinta e três soldados, o conselho paroquial a nomeou Nossa Senhora dos Trinta e três, padroeira do Uruguaй, a mesma virgem do Luján é padroeira da Argentina e do Paraguai.

No Brasil, tivemos a oportunidade de conhecer o Santuário de Nossa Senhora Aparecida. A história de Nossa Senhora tem relação com sua aparição nas águas do rio Paraíba, no povoado de Guaratinguetá/SP em 1717, quando pescadores com rede encontram o corpo da santa e no segundo puxar da rede encontra, o rosto da imagem. Diante do fato, o local foi tornando-se atrativo para fiéis de diversas partes e foi construída a basílica. A peregrinação ocorre com maior movimento em outubro, dia 12; do mesmo mês é o momento que culmina a festividade e peregrinos de todas as partes pagando suas promessas.

As expressões do catolicismo foram adentrando as localidades, mesmo com os elementos das demais representações a sobreposição foi massiva, e os santuários atraem fiéis de diferentes partes que levam consigo elementos com a finalidade de agradecer as dádivas celestiais, em alguns elementos, como a entrega de alimentos, joias, flores. Nesses, percebemos relação com as representações afro-brasileiras.

Os espaços sagrados estabeleceram-se com base no catolicismo, somados a símbolos das culturas indígenas. Os peregrinos vivenciam o espaço sagrado, bem como os profanos, o comércio se estabelece no trajeto dos peregrinos e no entorno do lugar sagrado, o percurso ao sagrado implica uma purificação, porém tornam necessários alguns consumos, conforme assinala (ELIADE; COULIANO, 1999 p. 62):

É fácil perceber que o sistema religioso dos índios sul-americanos é uma rede de maior complexidade que serve de base para sua cultura e que é impossível distinguir a parte “profana” da parte “religiosa” de sua existência. Afinal, o mundo, para cada um e nós, não passa de uma operação mental, única e sem compartimentos distintos: não há fronteiras onde se pare de “pensar de maneira profana” para “pensar de maneira religiosa” ou vice-versa. “Sagrado” e “profano” misturam-se forçosamente, fala a mesma língua e proclamam em uníssono o mesmo “discurso”.

A historiografia regional apresenta a influência religiosa no ato da Revolução Acreana, quando a imagem de Nossa Senhora Seringueira esteve presente, santa que pertencia ao povo boliviano, santa protetora dos seringueiros, ver figura 1.

Figura 1 - Nossa senhora do Acre ou Nossa senhora da seringueira.



Fonte: Acervo: Instituto Imaculada Conceição - Ordem das Servas de Maria. Local: Rio Branco/Acre

Existe versão da história brasileira e da história boliviana, na boliviana, os bolivianos estavam em procissão quando foram atacados pelas tropas de Plácido de Castro, e os

brasileiros ficaram com a imagem da Nossa Senhora Seringueira. Na versão brasileira os soldados bolivianos simularam uma procissão, mas estavam armados escondidos atrás do quadro para atacarem os brasileiros, Plácido de Castro pediu perdão à virgem e “meteu bala”. Os bolivianos fugiram e os brasileiros ficaram com o quadro.

O quadro foi dado de presente ao Coronel João Donato em 1903 e só em 1953 retornou ao Estado do Acre. Conforme relatório Santos Populares no Acre, Departamento Histórico da Fundação de Cultura e Comunicação Elias Mansour, p. 04 (2007):

[...] É uma tela de 1m82 de altura por 1m50 de largura, cores ainda nítidas apesar de esmaecidas pelo tempo. A Mãe de Jesus segura-o com o braço esquerdo, enquanto no direito tem um ramo de seringueira. No pé direito do quadro, cuja moldura está carcomida, apenas as iniciais L.P. do artista boliviano que a pintou com base numa aparição da Virgem durante perigo de vida na selva inhospita. Quando isso ocorreu, quem foi o artista, ignora-se. As manchas e furos na tela são de balas disparadas por Plácido de Castro, em 1902, durante uma tentativa dos soldados bolivianos, ao caudilho, a quando de uma forjada procissão com a imagem de Nossa Senhora da Seringueira [...]

A relação dos sujeitos na Amazônia e a devoção são vividas em distintos períodos, os sujeitos bolivianos já haviam experimentando as “mazelas” da floresta, conforme descrição acima percebemos que a pintura foi feita em agradecimento, e retrata o que até momentos atuais vive-se no seringal. O ramo de seringueira que Nossa Senhora carrega, também pode fazer alusão ao ramo que todo sujeito deve depositar ao cruzar um espaço sagrado, aspecto herdado da cultura indígena. No trabalho de Farias, apresenta como o folclore popular homenageia a Santa Seringueira com a música do Jabuti-Bumbá⁸ (FARIAS, 2012, p. 21 e 22):

Padre José e Padre Peregrino, o (seu) destino era gostar de trabalhar, com muita fé lá no meio da floresta gostavam de casar e batizar. José contou, Peregrino confirmou, que o seringueiro viu uma aparição. Era uma santa com um lindo menino e um raminho de seringueira na mão. Bolivianos faziam procissão religiosa para se defender. Com a santa pintada numa tela muito bonita para se proteger. Um das balas pegou na linda santa com o raminho e um menino na mão. Bolivianos partiram em retirada e os brasileiros ganharam a revolução.

O Estado do Acre é constituído por diferentes povos com características culturais e experiências de vida distintas, agrupados em períodos diferentes ao longo da história do Acre, que pouco a pouco foram configurando o novo lugar com características das experiências vividas anteriormente, dando aos seringais paisagem “semelhante” as experimentadas em outros espaços (ASSIS, 2012, p. 18);

⁸ Jabuti Bumbá é uma manifestação cultural Acreana que teve origem na família Farias. A festividade é composta por jabutis coloridos, mulheres com saias rodadas feitas com chitão e chita, os homens também abusam das vestimentas feitas com chita. Todos dançam muito, aos sons dos tambores e outros instrumentos.

Os nordestinos, ao chegarem aos seringais acreanos, encontraram uma realidade muito diferente do sertão nordestino, no lugar de uma vegetação típica do semi-árido, com a predominância da caatinga, encontraram no Acre uma floresta exuberante, densa e misteriosa. Sentiram falta de suas práticas culturais e religiosas: as missas, as festas do padroeiro, os terços e a ausência de vilas ou cidades, pois as colocações de seringa encontravam-se isoladas no meio da floresta, com seus animais ferozes.

A paisagem é resultado da ação dos sujeitos, com toda a mudança de ambiente, os sujeitos necessitavam dar ao lugar características semelhante ao vivenciado no nordeste, características impregnadas nos fazeres e saberes de cada sujeito. Paul Claval (2001) trata cultura como todas as ações humanas, os fazeres e saberes as relações com o trabalho, lazer, lar, manifestadas individualmente e as em conjunto. Utilizamos o conceito de cultura utilizado por este autor para fundamentar e desenvolver essa pesquisa. Todas as práticas cotidianas são culturais (CLAVAL, 2001, p. 63):

A cultura é a soma dos comportamentos, dos saberes, das técnicas, dos conhecimentos e dos valores acumulados pelos indivíduos durante suas vidas e, em uma outra escala, pelo conjunto dos grupos de que fazem parte. A cultura é herança transmitida de uma geração a outra. Ela tem suas raízes num passado longínquo, que mergulha no território onde seus mortos são enterrados e onde seus deuses se manifestam. Não é portanto um conjunto fechado e imutável de técnicas e de comportamentos. Os contatos entre povos de diferentes culturas são algumas vezes conflitantes, mas constituem uma fonte de enriquecimento mútuo. A cultura transforma-se, também, sob o efeito das iniciativas ou das inovações que florescem no seu seio.

A questão religiosa perpassa por toda história da humanidade, sendo um agente cultural fruto das relações humanas por diversos períodos, de grande valor para se entender o processo de formação das sociedades contemporâneas. Nos seringais, as estruturas religiosas estão compostas, respeitando o espaço do seringueiro, estas estruturas surgem às margens da estrada da seringa (SILVA & CASTRO, 2013, p.03):

Ao percorrer os caminhos da religiosidade nas aglomerações humanas verificamos diferentes manifestações religiosas, sendo o culto ao sagrado uma das fontes para as contínuas lutas pela sobrevivência do homem na terra. Movidos pela fé, que simboliza a renovação e dá força para fenômenos chamados pelos fiéis de “causas impossíveis”, estes recorrerem ao sagrado. Constantes movimentos são provocados pela religiosidade no Brasil tais como: festas, romarias, procissões que ocorrem nas diferentes partes, com diferentes misturas e aglomerando multidões.

A ocupação do território é marcada por contexto sociocultural, e o sincretismo religioso é de fácil percepção ao adentrar as comunidades que vivem na floresta. A religiosidade experimentada na região do nordeste do Brasil é reproduzida na localidade, mas são agregados elementos das experiências vivenciadas na localidade à dos demais sujeitos que

vieram e outros que ali já estavam. A relação religiosa em seringais tem forte relação com os cemitérios, os túmulos, o temor e respeito aos mortos e a veneração.

Os mortos dos seringais são representações inicialmente de temor. Deixar um ramo ao cruzar um túmulo é feito para que aquela alma não te siga, após o morto emitir algum sinal que este está em um bom lugar, hierofanias, os sujeitos passam a cultuar e pedir que estes intercedem por eles com fins de melhorar a vida na terra e aproximar do céu.

Escolhemos apresentar *o seringal* com três recortes temporais, conhecidos pela historiografia regional como os dois ciclos socioeconômicos da borracha e os empates. Nossa intenção é apresentar como se deu a organização dos seringais para embasar o fenômeno religioso que ocorre na localidade.

Para entender de que forma são constituídos os espaços sagrados na floresta, recorremos à historiografia regional em três recortes, o **I Ciclo da Borracha**, **II Ciclo da Borracha** e os **Empates**, além da historiografia, utilizamos fontes orais ao tratar dos empates. No *I Ciclo Econômico da Borracha*, o território do Acre pertencia à Bolívia, esse período tem seu fim marcado pela Revolução Acreana; iniciada em 06 de agosto 1902, finalizada em 17 de novembro 1903; o primeiro Ciclo socioeconômico da Borracha. Segundo os historiadores acreanos⁹, a Amazônia passou a ser o foco de exploração (SOUZA; CALIXTO; SOUZA) 1985 p. 40:

Os primeiros núcleos exploratórios do látex ocorreu praticamente em 1877 e 1879, quando a província do Amazonas decide empreender um projeto de colonização para a produção agrícola e fixação à terra, momento em que o nordeste, principalmente o Ceará, enfrenta uma crise econômico-social jamais vivida em sua história.

O **I Ciclo da Borracha** contou com a presença dos imigrantes nordestinos, que buscavam alternativas para adquirir renda e retornar ao nordeste ao encontro das famílias, nesse primeiro período não houve vinda ao norte expressiva de mulheres, eram poucas as que chegavam à região. Apesar da seca do nordeste os trabalhadores tinham desejo de retornar ao seu lugar de origem para reencontrar suas famílias, SILVA, (2000) p.55,

[...] Na seca de 1904, o Brasil estava no auge de dois momentos econômicos: o da borracha na Amazônia, e o do café no Centro- Sul, havendo inclusive incentivo do governo em forma de passagens gratuitas para que os migrantes pudessem se deslocar para essas regiões. Mesmo aqueles que não queriam sair do nordeste eram compelidos, pois o governo utilizava-se da força policial para obriga-los a migrar.

⁹ Apesar de a Gramática Portuguesa tratar como correto à escrita Acriano, a autora irá utilizar a forma escrita, Acreano, como o povo do Estado do Acre utiliza, em respeito ao movimento social apoiado pela Academia Acreana de Letras, no desejo que fosse respeitada a forma popular de grafar Acreano(a) no novo acordo ortográfico.

O **II Ciclo Econômico da Borracha** é marcado pela II guerra mundial, (1939-1945), momento da segunda grande migração nordestina à região, fortalecendo os agrupamentos familiares e diversas territorialidades no espaço geográfico, o que possibilitou a formação de núcleos populacionais. A vinda destes sujeitos era voltada para exploração do látex. Trabalhadores denominados *Soldados da Borracha*, que vieram à localidade para trabalhar na extração com fins de abastecer os Estados Unidos para guerra mundial. SILVA, (2000) p.66,

Os nordestinos optavam pela Amazônia, alistando-os no exército da borracha, pois acreditavam que correriam menos riscos de vida e ainda contavam com a possibilidade de enriquecimento, produzindo borracha no esforço de guerra para os aliados, para então retornarem a sua terra vitoriosos.

Esses sujeitos acabaram vivendo um regime de exploração do trabalho a serviço do seringalista; dono das terras. Com o fim da segunda guerra a saída do patrão, o seringalista, deixa os sujeitos sem perspectiva financeira para retornar ao seu lugar de origem, e assim tiveram que recomeçar a viver na floresta sem patrão. (WOLFF, 1999, p.98), os sujeitos que ali estavam após a crise da borracha, permaneceram no lugar, no modelo dos seringais, vivendo do extrativismo, herdeiros do primeiro ciclo e soldados da borracha, permaneceram na localidade e reestruturando suas vidas e o trabalho, organizadas nos moldes do seringal, com atividades extrativistas, e agora com agricultura e criação de animais que para sobreviver era necessário a constituição de famílias para conseguir trabalhar com todas as frentes produtivas possíveis visando a sobrevivência.

O terceiro momento foram **os empates** que representa a união dos seringueiros na luta e desejo de permanecer nas terras, lugar de vivência e trabalho dos seringueiros. Os *empates* iniciaram na década de 1970, com fim marcado pela consolidação da primeira Reserva Extrativista de Uso Sustentável 1990. Segundo ALLEGRETTI, (2002, p.24), encontrar o modelo do seringal, “em 1978, um seringal estruturado de forma muito semelhante aos do início do século, parecia não fazer sentido, uma vez que a borracha nativa perdera competitividade no mercado”, mas os sujeitos que ali permaneceram constituíram seu novo modo de vida com a extração de recursos florestais e a agricultura de subsistência.

Os empates foram conflitos entre os trabalhadores extrativistas com os “novos sujeitos” vindos à região com incentivo federal para exploração pecuarista, denominados “sulistas”, tirando assim o sustento das famílias que viviam da economia de extração de recursos florestais (látex, castanha, copaíba, andiroba, entre outros). O movimento “empates” foi dos trabalhadores rurais, liderado por Chico Mendes, Wilson Pinheiro, entre outros líderes

e mulheres (invisibilizadas na história) que deram voz e se colocaram à frente dos capachos¹⁰ dos pecuaristas junto com crianças e homens, com intuito de evitar o derrubamento da floresta, de suas casas e do seu modo de vida.

Nesse período, os sujeitos que ali viviam já estavam estruturados ao novo modelo de vida na Amazônia, adaptados ao ambiente, vivendo de forma produtiva e em equilíbrio com a floresta, livres para cultivo e extração. A religiosidade presente fora estruturada pelos seringueiros na nova configuração do lugar, dando garantia à sobrevivência e permanecem na localidade, além de remetê-los a memória da família que vivenciou os diferentes momentos no seringal (ROSENDAHL & CORREA, 2008, p. 56, 57):

O território religioso, entendido como reflexo de espaço vivido no cotidiano da fé, contribui para fortalecer as relações e os fluxos que se instauram pouco a pouco no espaço e que dão origem a uma identidade religiosa e a um sentimento de pertencimento ao grupo religioso envolvido. As construções identitárias são reformuladas ou reconstruídas sobre territórios. Vê-se, portanto, que território e identidade estão indissoluvelmente ligados. Lembremos que o território favorece o exercício da fé e da identidade religiosa do devoto. A religião só se mantém se sua territorialidade for preservada.

A luta no período era voltada ao desejo e necessidade de permanecer na terra, contra os pecuaristas que pretendiam transformar a floresta em pasto para implantação da agropecuária. As práticas religiosas, as romarias, o envolvimento com o lugar era vivido e fortalecia o desejo de permanecer na localidade, em vez de ir aos núcleos urbanos o movimento para permanecer cresceu. Segundo ALLEGRETTI, (2002), o conflito ganhou repercussão internacional, provocando o bloqueio de recursos financeiros das agências multilaterais de desenvolvimento, as derrubadas de áreas de floresta, as mortes de trabalhadores e sindicalistas como: Ivair Higino, Wilson Pinheiro, Chico Mendes, tornaram o conflito local um conflito de repercussão internacional que culminou com a criação e consolidação das reservas extrativistas de uso sustentável. Atualmente, somam cinco reservas no estado do Acre: Reserva Extrativista Alto Juruá; Reserva Extrativista Alto Tarauacá; Reserva Extrativista Cazumbá-Iracema; Reserva Extrativista Riozinho da Liberdade; Reserva Extrativista Chico Mendes. Brevemente, apresentamos como “configurou-se os seringais” e as diversas formas de conflitos vivenciados no território em diferentes períodos.

Os processos de territorialização e desterritorialização, que formaram e anexaram o Estado do Acre ao Brasil, adquiriram diversos elementos dos países de fronteira, como da Bolívia e o Peru, elementos adicionados à cultura dos primeiros habitantes, os indígenas, com

¹⁰ Capacho é um tapete usado na frente de portas. O termo é utilizado de forma pejorativa, designando os “funcionários” dos pecuaristas, por serem pessoas de fácil influência.

dos principais imigrantes nordestinos, árabes e em tempos mais recentes dos “sulistas”. Este processo possibilitou a formação de uma cultura diversificada e peculiar ligada aos personagens da floresta com os agentes modificadores que adicionavam novos elementos a sua cultura, religião e história.

Na festividade na floresta, o Festival de Resgate da Cultura no Seringal, organizado pela comunidade do Santa Quitéria, conseguimos perceber a soma das temporalidades vividas na floresta, o culto ao sagrado com representações advindas no primeiro e segundo ciclo da borracha, somados aos símbolos da cultura indígena, a gastronomia é uma variação da culinária brasileira representada fortemente pelo nordeste, somada aos alimentos indígenas e hábitos alimentares dos vizinhos peruanos e bolivianos e as brincadeiras, os jogos como o futebol entre outros elementos que são agregados as atividades vividas e experimentadas.

1.2 A COLOCAÇÃO, A CASA, A FAMÍLIA SERINGUEIRA

Os seringais são grandes porções de terra com presença relevantíssima da planta nativa da Amazônia *Hevea brasiliensis*. No espaço do seringal, a distribuição das terras dar-se-á com o nome *colocações*. Cada colocação, não é regra, possui uma média de 03 (três) hectares, com uma faixa de três estradas de seringa, onde o seringueiro sai para coletar látex no espaço da colocação, realizando um percurso pesado de 10 (dez) quilômetros a 18 (dezoito) quilômetros, em média para uma estrada de seringa.

Na imersão da rotina no seringal, em nossa vivência no lugar, no cotidiano das famílias seringueiras que vivem na Reserva Extrativista Chico Mendes, verificamos que a rotina das famílias inicia cedo, ainda na escuridão da madrugada todos de pé, em suas atividades rotineiras. A mulher, matriarca é a primeira a levantar, em um silêncio tão profundo; mesmo para uma casa toda erguida em madeira, onde o caminhar provoca o ranger das tábuas, o pisar é vivido diariamente ano pós anos, que é imperceptível aos que ainda estão mergulhados no sono, ouvir qualquer ruído. Quando o café, os ovos, arroz estão prontos, os demais acordam, sem que haja necessidade de chamá-los.

Nas famílias que ainda vivem da extração do látex, o marido já iniciou seu preparo para sair às estradas de seringa, sua primeira atividade é realizada pela esposa, na casa, e envolve a cozinha. O caminho é longo e duro, e o corte de seringa deve iniciar cedo, ainda no escuro da madrugada, junto com seus instrumentos de trabalho vai a “bóia” comida mesmo,

forte, para garantir o sustento do sujeito no fazer diário, além da cabrita¹¹, a poronga¹², o vasilhame¹³, ou saco encauchado¹⁴. A vestimenta é a mesma, pois o látex mancha a roupa, os sapatos são botas e na bainha um facão para possíveis imprevistos.

As estradas de seringa, representadas na pintura do artista acreano Hélio Mello¹⁵ (Figura 3), são circulares, onde se inicia, termina, o seringueiro passa realizando cortes na primeira ronda com sua cabrita, e deixa encaixado um vasilhame, tigela, que armazena o látex. Assim ele segue até o fim da estrada, que é em ciclo, quando chega ao ponto de iniciar a segunda ronda, a esposa já o espera, com outra refeição, já é hora do almoço e na segunda ronda, o que nunca foi evidenciado, ela é feita em sua maioria por mulheres, que é o de colher todo aquele látex dos vasilhames. As estradas de seringa são em meio à floresta, a jornada que inicia na madrugada e só termina no calor do dia, porém o seringueiro experimenta o caminhar na floresta, seu labor duro.

Retomando ao ambiente da casa, concomitante a saída do homem, segue a mulher, que vai para o preparo e distribuição dos alimentos para as criações¹⁶, moer milho para os pintos, jogar milho para as galinhas, cortar macaxeira para os porcos e cabras, colher alguns ovos, entre outros. Os filhos, todos, também ocupam-se em uma função. Em uma casa como a que experimentamos vivenciar, a filha mais velha é professora da escola e antes da sua saída, a casa já está cheia de alunos, que saem mais cedo e caminham com ela varadouro adentro para chegar à escola¹⁷.

A mulher ao concluir as funções de alimentação, vai para outras frentes: produção de farinha, (trabalho duro) no geral os filhos arrancam a macaxeira, e a mulher descasca e inicia a ralação para produção da farinha, atividade que não conclui sozinha e não tão rapidamente. O intervalo dado serve para o preparo do almoço, que conta com a colaboração das outras filhas (quando o seringal conta com filhas mulheres). A galinha quem mata é a mãe; a filha

¹¹ Cabrita é instrumento para corte da seringa, o cabo com a lâmina de corte.

¹² Utensílio utilizado na cabeça para iluminar o trajeto.

¹³ Lata para armazenar látex junto à árvore.

¹⁴ Saco encauchado são sacos de pano cobertos com látex (técnica utilizada por seringueiros e indígenas) para impermeabilizar a sacola que serve para transporte geral.

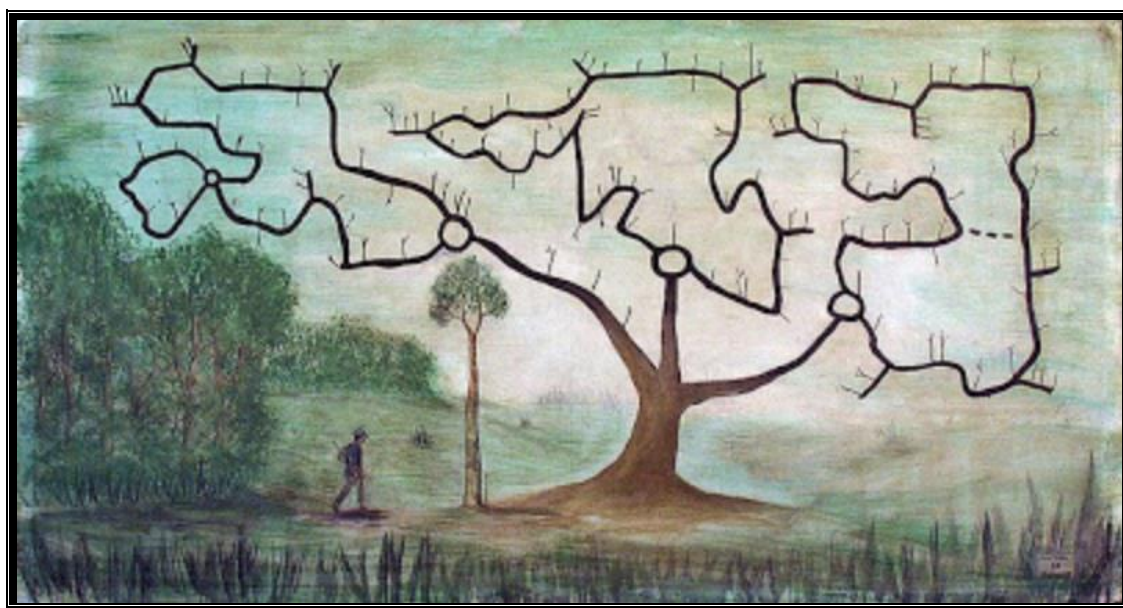
¹⁵ O acreano Hélio Melo foi artista plástico, músico, compositor e escritor. Ao sair do seringal para a cidade, trabalhou como catraieiro, vigia entre outros ofícios. Sua pintura retrata o cotidiano do seringal, a peleja do seringueiro e a pressão da pecuarista. Sua obra faz uma crítica ao desenvolvimento desenfreado. Um das características de suas obras são os traços feitos com “pincel” e tinta produzidos pelo artista, as tintas eram extraídas dos sumos das plantas.

¹⁶ Vale destacar, o primeiro ciclo da borracha os sujeitos eram proibidos de trabalhar com a agricultura e criação animal. No segundo ciclo, com a crise da borracha, os seringueiros que estavam nas terras tiveram que buscar uma nova lógica e forma de sobreviver no seringal.

¹⁷ A primeira escola construída foi em 1981, chamada Wilson Pinheiro, localizada no Seringal Nazaré, colocação Já com Fome, atualmente Reserva Extrativista Chico Mendes, no período integrava a Fazenda Bordon.

limpa e corta. O arroz e feijão já estão no fogo. Rápido tudo fica pronto e vão um a um servindo seus pratos e se acomodando na grande mesa disposta na cozinha com bancos longos. Em tempos atuais, onde vivemos, todos almoçam juntos. No seringal do primeiro ciclo, em tempos da extração forte da borracha, era o momento em que a esposa encontrava o marido na boca da estrada (espigão), dava-lhe a comida e seguia uma estrada coletando o látex, e ele adentrava para outra.

Figura 2 - Pintura do artista acreano Hélio Melo.
Obra da Estrada da Floresta- retrata as estradas da seringa.



Fonte: Acervo: Particular, emprestado a Fundação Elias Mansur. Local: Rio Branco/Acre Ano: 1983

A hora da refeição é embalada de longas prosas, da labuta do trabalho, ou as histórias antigas do avô e suas rezas. Os netos dominam o ambiente, assim como os genros e as filhas que já não moram nesta casa, mas a cozinha é grande e cabe mais um e sempre chega mais um e é recebido com alegria, e o convite insistente para comer. O fogão de barro tem sempre um ou outro que passa e acrescenta ou afasta a lenha para não deixar o feijão esfriar ou queimar.

No terreno ao entorno da casa correm os bichos, galinhas, cachorros etc. Na parte da tarde, a dona da casa retoma sua função na farinha, depois de ralada, torcida agora é torrar. Paralelo a isso, as crianças vão saindo da escola, e o acesso principal vira um grande espaço de brincadeiras, as crianças sobem e descem a ladeira com uma bicicleta, uma a uma esperando sua vez de iniciar a nova jornada de subir a ladeira para jogar-se abaixo com a

bicicleta, os mais velhos, 12, 13 anos, cuidam dos mais novos, 1, 2 e 3 anos, todos brincam, mas todos sabem qual sua responsabilidade.

Os seringais já não vivem exclusivamente da extração do látex, copaíba, castanha, andiroba, entre outros, alguns já não extraem látex, os que ainda o fazem organizam diversas frentes produtivas. A extração já não é principal fonte de renda, pelo difícil acesso ao mercado, o trabalho e a baixo preço pago ao produto, por isso é necessário agregar outras frentes produtivas, como o roçado e criação de animais, em alguns seringais já não atuam com a extração do látex. O roçado no entorno da casa é cuidado por todos, assim como o novo e em fase de implementação, modelo de criação de pintos em granja. Lição que o filho aprendeu na escola da floresta para aprimorar as técnicas do campo, experimentadas quando o filho mais velho foi para cidade estudar e agora experimenta as novas tecnologias para aprimorar a criação em casa com a participação de todos.

O roçado fica próximo à casa, lá se planta macaxeira, milho, banana, entre outros. No entorno, árvores frutíferas, como cupuaçu, ingá, manga e o canteiro com cebola de palha, coentro, chicória, pimenta etc., estes cercados, do contrário, as galinhas acabariam invadindo. Também encontramos no ambiente muitas plantas com flores, ocupando o terreiro, deixando o ambiente colorido e acolhedor para quem vive e para quem passa pelo caminho.

No fim do dia, a família reúne-se novamente para o jantar e as prosas longas. Quando tem energia elétrica, alguns vão assistir à novela, e assim que termina todos já estão na cozinha novamente, que representa a animação, a conversa, a comida, uma garrafa de café, lenha no fogão e assim o jantar vai sendo preparado, com algo que sobrou do almoço, um peixe para um caldo, arroz, farinha, ovos fritos e longas conversas que envolvem todos, família e visitantes.

As prosas no seringal, em quase todos que visitamos, vão e voltam no tempo, vão ao tempo da infância dos mais velhos, as andanças, namoro, casamento e filhos, a morte prematura, casórios de seus filhos, rezas, os chás que curam, os conflitos por terra nos famosos empates, as festas que são em que ninguém fica sentando, os contos e lendas da floresta, entre outros assuntos.

A noite no seringal chega cedo, a escuridão logo toma conta, a temperatura fria da floresta invade a casa, como de costume para quem vive no lugar, aquela brisa fria, agradável, o banho é frio, o banheiro é fora da casa, a água puxada do açude, gelada de doer os ossos. Em outros seringais experimentados não existe banheiro, o lugar de banho é ainda mais frio, em fonte d'água e na volta é necessário subir o barranco com um balde para colaborar com a

água da cozinha, água para beber, para o preparo dos alimentos e para lavar a louça utilizada. O sanitário é no entorno da casa, no famoso mato. O céu é estrelado, a luz da lua torna o ambiente claro, os sons dos animais são diferentes dos que dominam o dia, e a prosa segue até que um a um vá indo dormir.

A dormida é em cama, mas para as visitas há muitas redes distribuídas pela casa, o preparo é intenso, são necessários dois cobertores, um para cobrir bem as costas, pois o frio da madrugada transforma a rede em um igarapé de tão gelada corrente de ar que passa no fundo da rede, tornando a dormida impossível; o outro para cobrir-se. A vida no seringal é cheia de detalhes enriquecedores, as atividades que são o sustento financeiro também compõem o ambiente emocional, pois o viver diariamente trabalhando para as famílias é uma grande festa!

Os obstáculos, como acesso, entre outras dificuldades com material, maquinários e insumos são discutidos coletivamente com as demais famílias do seringal, em reunião de associação. Lá são definidas as frentes de trabalho, as necessidades e forma de buscar intervenção, de forma a surtir efeito, pois uma saída do seringal tem custo alto e quando é feita, se pensa na coletividade.

A saída para o centro da cidade é momento para levar e trazer produtos. Quando saem para vender a produção são comprados no núcleo urbano da cidade alguns insumos, como sabão, remédio, gasolina, sal, açúcar, feijão, arroz. Coisas que a comunidade não produz, e levam para vender, farinha, ovo caipira, galinha, banha de porco, castanha, a rapadura entre outros produtos. Os filhos que já são grandes ajudam o pai com essa função.

Viver nas florestas requer uma dinâmica de atividades que oscilam com a temporada, o período de chuva e a estiada no verão. No período da chuva, tudo é mais difícil, momento em que as famílias trabalham com o que já foi produzido e com as criações de animais domésticos. O acesso à cidade fica quase impossível em algumas localidades, a lama formada deixa os ramais intrafegáveis, as poucas motos são os veículos que se arriscam, outros meios são a cavalo ou a pé.

1.3 A RELIGIOSIDADE NO SERINGAL

Os espaços religiosos são vividos nas diversas representações humanas, um elemento cultural distinto, porém presente nos agrupamentos humanos. O espaço do seringueiro é marcado por diversas espacialidades e o espaço sagrado é vivenciado por todos e perpassa

todos os campos emocionais da comunidade. Cassirer aponta os processos de formação do homem. Os processos que os impulsionam estão voltados à crise de conhecimento, do descobrir-se a si mesmo. A natureza humana perpassa as questões físicas e a curiosidade do homem vai além dos campos palpáveis (CASSIRER, 2012, p.16):

Não podemos descobrir a natureza do homem do mesmo modo que podemos detectar a natureza das coisas físicas. As coisas físicas podem ser descritas nos termos de suas propriedades objetivas, mas o homem só pode ser descrito e definido nos termos de sua consciência.

As questões existências, a necessidade de sobreviver, de permanecer, criar laços e vínculos é percebida ao estudar o espaço do seringueiro, questões vivenciadas em distintos períodos. O espaço e o tempo segundo Cassirer não tem qualquer contrapartida e fundamento em nenhuma realidade física ou psicológica, “são estruturas em que toda a realidade está contida. Não podemos conceber qualquer coisa real exceto sob condições do espaço e tempo.”. A caracterização dos espaços com representações religiosas são realidades da essência humana, o tempo é o fator que demonstra a perpetuação da memória coletiva, da herança cultural, do símbolo que é a representação para a constituição e continuidade do agrupamento humano.

O homem em suas relações culturais, seguindo pensamento de Cassirer, tem suas representações através da linguagem, religião e mito, atividades que não foram construídas aleatoriamente, nem isoladas, e para se medir num processo científico devemos sair das meras análise descritivas, partindo para o histórico das localidades, o movimento social, estudo da situação histórica e o reflexo na atualidade. Segundo CASSIRER, 2012, p.16: “O mito, a religião, a arte, a linguagem e até a ciência são hoje vistos como diversas variações de um tema comum – e a tarefa da filosofia é tornar esse tema audível e compreensível.”.

O espaço seringueiro, nas três temporalidades apresentadas pelos sujeitos em suas narrativas, e conforme adentramos nas bibliografias referentes aos três períodos (ciclos econômicos da borracha e empastes), obtivemos a percepção de como se deu a configuração deste espaço, marcados por movimentos que buscavam a sobrevivência e a permanência nas localidades por meio de lutas e resistência. A religiosidade se apresenta na composição e configuração da paisagem, marcadas por sujeito que necessitam adaptar-se à nova espacialidade, criando mecanismos para a sobrevivência e seguir atendendo aos interesses econômicos, com todos os impasses a religiosidade não fugiu a lógica simbólica dada pelos sujeitos, introduzidos na localidade para atender os interesses do capital. O peso do viés

econômico é presente em todo o processo de ocupação do Acre, aprofundamos nas dimensões simbólicas para compreender a organização das famílias (CLAVAL, 2001, p.293):

A geografia humana insiste sobretudo sobre o peso das lógicas econômicas nas suas interpretações dos espaços humanizados. Ela negligencia, frequentemente, a dimensão simbólica: os homens não podem, entretanto, viver sem dar sentido àquilo que os cerca. Sua preocupação não é somente satisfazer as suas necessidades e assegurar a transmissão do que sabem às futuras gerações. Eles lêem no céu e nos vastos horizontes o peso de forças cósmicas ou a presença do divino: ao profano da vida cotidiana opõe-se o sagrado dos lugares visitados ou habitados pelos gênios, espíritos ou príncipe invisíveis, mas que são mais verdadeiros que o mundo visível.

Os seringais foram construídos atendendo a configuração voltada para as práticas econômicas, mas os sujeitos que movimentavam as cadeias produtivas do látex configuram seus espaços de vivência com o que consideram lógico e necessário para sobreviver. Os seringais eram divididos por colocação voltada a atender o corte de seringa, “a colocação é onde o seringueiro mora e trabalha, numa clareira no meio da floresta está sua casa e na floresta ao seu redor onde existem as trilhas do corte da seringa. Cada família de seringueiro reside em uma colocação” (NEVES, 2007:39). No *locus* de nossa pesquisa, seringal criado no 1º ciclo econômico da borracha, Raimunda viajara do nordeste ao norte acompanhando sua família, estimulada com os demais sujeitos para trabalho na extração do látex, momento que o nordeste acabara de viver uma grande seca.

A vinda à Amazônia surgia como uma excelente oportunidade as famílias nordestinas, diante do cenário de seca no nordeste e as falsas promessas de acúmulo financeiro, mas ao conhecer a realidade foram muitas as decepções. No 1º ciclo da borracha era extremamente proibida a agricultura de subsistência, que resultou em choque para as famílias que saíam de terras que era difícil nascer até planta brava, era um sofrimento, viver em uma terra que no seu pensamento plantando tudo dá, em função das chuvas, solo fértil, entre outros, e ter a atividade proibida (SILVA & CASTRO, 2013, p.06):

É possível verificar na trajetória de Raimunda a migração por vários territórios, pela forma de ocupação do território, o caminho percorrido até os seringais. Na construção do espaço de convivência os elementos do cotidiano dos sujeitos foram sendo assimilados na prática da estrutura do sistema seringueiro. Então sem a participação da igreja instituída, a católica, o povo continua a utilizar elementos do catolicismo, que passam a constituir o cenário de fé no novo lugar. Essa senhora sofredora do seringal e que deu testemunho de fé é considerada santa pelas pessoas do lugar.

Segundo Cassirer, o mito inicialmente parece caos, a percepção da religião as experiências humanas, para isso é necessário o foco especulativo, portanto o papel do pesquisador é perceber a arte, a história, e a natureza humana como fatores no processo da

cultura humana. Os questionamentos de Cassirer impulsionaram nossa pesquisa, quando o autor questionar quem sou eu? O que é o homem? Seu papel na natureza? São fatores determinantes no desenvolvimento científico dos processos humanos. Essas observações nos levam a compreender o fenômeno religioso, a esperança do povo nordestino ao adentrar na Amazônia e ligação com o sagrado para permanecer e sobreviver, bem como as transformar na paisagem para compor um “ambiente familiar”, um ambiente que os remetesse as memórias do nordeste.

No 2º ciclo da borracha, o Brasil enviava soldados à guerra ou à Amazônia para extração do látex, a Amazônia para os nordestinos era a melhor alternativa. Com a decadência da borracha, os seringais falidos, sem a presença do seringalista, o seringueiro precisava reconstruir seu modo de vida, agora é necessário produzir, agricultura para subsistência.

Os traços do 1º e 2º ciclo formaram as identidades dos lugares, as experiências acumuladas no nordeste, somadas a dos sujeitos herdeiros do 1º ciclo a espacialidade do seringal é uma representação das “memórias”. O culto aos mortos tratados como santos as reverências às cruzes milagrosas, as rezas e curas aparecem no 1º ciclo da borracha e a oralidade transmite de geração a geração. O processo de santificação é compreensível para a estrutura de dor e sofrimento, agarrados a necessidade de permanecer nos seringais.

O fixar-se à localidade deu aos sujeitos a necessidade de dar “identidade” ao novo lugar, os sujeitos modelam segundo suas vivências e o espaço, Cassirer aborda o contato do homem com as diversas realizações humanas, como as artes, a linguagem, a religião, que esse contato proporciona as diversas manifestações e o desenvolvimento destes sujeitos que por hora não sabiam quem eram, e que estão no eixo do desenvolver científico. Tratamos de estudar os sujeitos na centralidade, porém os aspectos de “ocupação” da Amazônia não trataram o sujeito como centro, mas objeto voltado a atender os interesses econômicos.

Contextualizado o processo de migração ao território, atual Estado do Acre, percebemos a constituição do espaço sagrado e a caracterização do novo lugar, transformando e adaptando a realidade local com as vivências de cada sujeito, conforme necessidade de fixar-se a terra e reconstruir o modo de vida (CLAVAL, 2001, p. 115):

Em todas as comunidades, os questionamentos sobre a realidade trágica do destino individual estão presentes. Se a comunidade se perpetua geração após geração, eventualmente sobre o mesmo território, os homens morrem e suas cinzas retornam à terra. Os cultos e rituais necessários para permanecerem em contato com os ancestrais – ou com as forças originais que fizeram surgir a vida – são universais. Partilhar as mesmas crenças religiosas ou metafísicas e participar de ritos que reúnem os crentes constituem cimentos sociais muito sólidos.

O contexto vivido nos seringais durante 1º e 2º ciclo econômico da borracha e os conflitos marcados como empates 1970 a 1990 que consolidaram o território em Reserva Extrativista são marcados também pela presença da fé, veneração e devoção, na consolidação das estruturas sociais, os aspectos devocionais foram herdados geração pós-geração e a devoção aos santos populares, mesmo com a grande evasão para a capital no período dos empates a devoção em meio à floresta não se perdeu.

As celebrações ocorridas provocam mudanças socioespaciais, haja vista que as famílias que vivem nos seringais, lócus da nossa pesquisa, meses antes do período da festa, reúnem-se nas associações das comunidades para definir as atribuições de cada participante, nos quesitos: abertura do varadouro, retirada de madeira para construção de banheiro, bancos, barracas, instalação de placas de sinalização, divisão das famílias que vão produzir alimentação e articulação política para solucionar outros problemas identificados pelas comunidades.

A expressão religiosa cresceu em tamanha proporção que houve necessidade das comunidades se articularem para tornar o dia feriado municipal uma vez que os devotos que residem no núcleo urbano de Assis Brasil sentiam-se prejudicados quando o dia 15 de agosto caia em dias úteis, com isso consolidou a Lei Municipal nº 160, de 27 de fevereiro de 2007, estabelece como feriado municipal a Festa de Santa Raimunda do Bom Sucesso, representando o respeito e veneração a Santa Raimunda do Bom Sucesso, e a data de celebração a Santa Popular fora instituída pela comunidade e igreja católica, no ano de 2003.

A vida das famílias nos seringais estudados é dinâmica e cheia de atividades, os meios de produção e escoamento da produção são difíceis em função de acesso, para minimizar as dificuldades se organizam em associações. Os trabalhos mais duros são realizados em adjuntos¹⁸. Vivenciamos a organização da festa e podemos observar o processo de abertura do varadouro. As duas comunidades trabalham juntas, mas no quesito alimentação cada uma define como será produzido e comercializado, haja vista que a produção do São Francisco não interfere na do Icuriã e vice-versa. A presença da pastoral, próximo ao período da festa é como um ente “fiscalizador”, pois as ações não são diretas, nas atividades, e sim na tentativa de orientar a comunidade com o que deve ser feito. Verificamos que o “grupo” pastorais e movimentos da Igreja católica, junto com uma irmã, entram dias antes da festa para lavar e vestir a imagem da Santa, limpar o santuário. Essa função a comunidade já espera todos os anos que a igreja faça.

¹⁸ Adjunto é o mesmo que mutirão, nome dado para trabalhos feitos de forma coletiva.

As comunidades vivenciam a religiosidade e permanecem produtivas “em função da fé”, em relatos percebemos as dificuldades de trabalhar em função das barreiras naturais, bem como os conflitos em função dos diferentes grupos voltados ao desenvolver da festa de Santa Raimunda. Algumas dificuldades naturais são causadas pelas chuvas e o acesso difícil, a falta de trafegabilidade nos ramais após os meses de chuva que ocorrem na Amazônia de janeiro a março. Apesar de ser um aspecto negativo, esse fator favorece os adjuntos familiares para os trabalhos pesados nos ramais.

A celebração a Santa Raimunda do Bom Sucesso provoca nas famílias que vivem na localidade um sentimento de pertencimento, ter a representação do sagrado os anima, a presença dos visitantes é sinal de valorização do seu lugar, da sua produção e do seu modo de vida. A Santa Raimunda, para a comunidade, além de poderosa é uma herança cultural que deve ser passada a todos. Representa o elo com passado, presente e esperança para o futuro da comunidade (CLAVAL, 2001, p. 217):

Num espaço povoado, a tomada de posse exprime-se pela delimitação de fronteiras e pela multiplicação de marcas que lembram a identidade comum: cruz, igrejas, monumentos aos mortos ou arquitetura tipificadas. É como se reescrevesse em toda parte a mesma proclamação de pertinência.

A relação da fé e a organização da festa são manifestações religiosas populares, onde o sujeito participa, dando suas características, cada qual com suas vivências particulares que somadas compõem a representação cultural da localidade. Percebemos elementos de diferentes representações culturais, porém a experiência no campo, na Amazônia e a soma dessas diferentes representações que tornam a expressão religiosa singular. CLAVAL, 2001, p. 131: “As festas manifestam-se por procissões, danças, músicas, espetáculos. Cada um é por sua vez ator e espectador e vive um momento de intensa emoção, de comunhão e de evasão. O sentimento do pertencer coletivo é, então, muito forte.”.

Todas as ações humanas, os fazeres e saberes dos sujeitos, o trabalho, lar, lazer, as manifestadas individualmente e em conjunto, todas as práticas cotidianas são culturais, e essa mescla constituiu o lugar do seringueiro com representação sagrada, dando visibilidade para o sujeito que estava invisível. O espaço do seringueiro é constituído, também, com representação sagrada (CLAVAL, 2001, p. 158):

Entre os símbolos que ajudam a estruturar as identidades coletivas, o território desempenha um papel central (Piveteua, 1995): ele constitui a base material da existência comum e fornece ao menos uma parte dos recursos indispensáveis à existência de cada um. É um contexto compartilhado, formado de lugares

carregados de significações acessíveis a todos – peregrinação, santuários, campos de batalha ou monumentos históricos; as gerações passadas aí viveram, seus corpos aí repousam.

Adentramos em alguns seringais da Reserva Extrativista Chico Mendes e conseguimos pontuar nove santos populares, nos seringais: Petrópolis, na colocação Lua Nova; Icuriã, colocação Bom Sucesso e Benfica; Boa Vista, colocação Guarani; São Pedro, colocação Bom Sucesso; Fronteira, colocação Nova Amélia; Apudi, colocação Flor de Natal; Amapá, colocação Boa Vista; São Salvador, Colocação Arrependido.

A herança familiar, as lembranças dos lugares vividos, a dificuldade de acesso e sobrevivência deram nome aos lugares, batizar o novo lugar conforme sua necessidade apropriada o sujeito ao lugar, caracteriza o processo de pertencimento e proporciona aos sujeitos a relação com o passado e o movimento do presente para o futuro. A escolha do nome dos lugares além de facilitar a identificação geográfica, proporciona a relação simbólica da trajetória dos sujeitos que ali estão com suas lembranças.

O acesso às localidades não é fácil, ao adentrar a Colocação Arrependido, com muito sacrifício em todo percurso conseguimos chegar a localidade, somente lá é possível começar a compreender o nome de batismo da colocação. Outros nomes como Apudi, representam memórias de uma vida na região do nordeste. A cada ida a alguns lugares descobríamos outros santos, porém não foi possível chegar a todas as localidades para pontuar e fazer o levantamento de informações com a comunidade do entorno a fim de vivenciar a relação dos sujeitos com a santidade.

O contexto do sujeito que se tornou santo, no geral sujeitos que em vida viveram dificuldades; mulheres que foram parteiras, ou sofreram violência física e psicológica; homens que morreram “à míngua” ao abandono, com malária, sem assistência. Sujeitos que em vida ou morte mobilizaram pessoas e tornaram o ato da morte uma passagem de esperança, porém foram muitos homens e mulheres que morreram, sujeitos da floresta, os que foram santificados, tornaram-se santos em função das hierofanias apresentadas pós-morte.

Os espaços sagrados no território da atual Reserva Extrativista Chico Mendes foram constituídos com as mesmas expressões advindas do nordeste, elementos do catolicismo popular e símbolos das culturas indígenas. O temor à alma, símbolo indígena, representado pela entrega do ramo, a veneração, elemento do catolicismo, representado no processo de santificação popular (SILVA & SILVA, 2015, p. 06):

O depositar de ramo é tradição de alguns povos indígenas, que necessitam realizá-lo em função da não perseguição dos mortos. Em outros povos indígenas, após a

morte de um parente é costume a troca de nomes para confundir o morto se este tiver intenção de buscar algum.

Compreender o fenômeno religioso nos espaços de floresta requer adentrar no processo histórico de ocupação do local, na configuração das espacialidades, momento em que passamos a compreender a reorganização da paisagem, as características dos lugares e a permanência dos sujeitos na floresta.

A vida em comunidade e o fazer religioso estão intimamente relacionados a perpetuação da tradição, constituiu-se reflexo das relações familiares, transmitidas pela oralidade aos tempos atuais, a memória é tão vívida que os sujeitos experimentam a religiosidade em sua intimidade. Santa Raimunda é a Santa da comunidade.

A fé é essencialmente apresentada pelos sujeitos como a motivação, o impulso, a determinação de seguir em um caminho. Nas diversas indagações da razão, a fé impulsiona os sujeitos, fortalece e dá ânimo para persistir. As diversas abordagens voltadas à sensibilidade, intuição e empirismo, retrata como os fenômenos nos afetam e trata na nossa capacidade, conhecimento e sensibilidade para que o intelecto considere lógico.

A fé percorre fronteiras, do seringal aos núcleos urbanos. Dias antes da festa percebemos o movimento de pessoas adentrando a Reserva Extrativista Chico Mendes. Muitos peregrinos chegam ao núcleo urbano de Assis Brasil e segue trajeto de Assis Brasil até o local. A comunidade dos dois seringais tem sua rotina alterada e esse período para quem vive na localidade é um bom momento, de muita alegria e produtividade. A fé impulsiona as comunidades que vivem na localidade sagrada, bem como os demais peregrinos que desejam chegar ao lugar sagrado com a intenção de solicitar alguma cura e agradecer a graça alcançada.

As vivências dos peregrinos são de devoção e fé, a realidade experimentada cada qual em seus espaços são distintas; mas as mazelas relacionadas a doenças são semelhantes nas áreas de floresta, como a malária; essas experiências os fazem recorrer com fé ao sagrado, recorrer trajetos, viver sacrifícios, é marca que simboliza que os sujeitos estão amparados e fortalecidos, o processo de “interiorização”, do voltar a si é o que motiva o peregrino.

Aos que vivem nos espaços sagrados, preparar o trajeto como a limpeza do varadouro, escolher as melhores criações, comprar os itens necessários na cidade, mobilizar todos das famílias, faz parte do processo religioso e de devoção dos moradores dos seringais. O processo de organização é relatado com alegria. A labuta do trabalho é uma oportunidade de mostrar a produção e vida da comunidade para os peregrinos. Receber os devotos é um ato

vivenciado com muita alegria, além da necessidade de fazer o seu melhor em agradecimento a Santa Raimunda.

O movimento da comunidade é estimulado pela fé, ter uma Santa local é sentir que alguém os olha, os alimenta de esperança e os motiva a seguir na labuta com alegria. A comunidade que em alguns aspectos sente-se invisível, neste período é visível para todos. E toda atividade realizada em prol da festividade, de atender os demais fieis que peregrinam a localidade é oportunidade de sentir e venerar a santa.

A comunidade tem forte devoção, o sacrifício dos que vivem na localidade são voltados à organização, preparo, para que os visitantes tenham uma boa acolhida. As promessas têm forte relação com as políticas públicas, a invisibilidade vivenciada na comunidade não é expressa diretamente nas falas, porém é fácil de identificá-la nas “entrelinhas”, quando você percebe que não é possível deslocar-se em função da não manutenção de ramais, papel dos poderes públicos, municipal e estadual, serviços básicos de saúde entre outros, que deixa claro a ausência de políticas públicas eficientes.

A omissão da gestão pública é perceptível nas promessas, quando um simples ferimento de trabalho é fortemente agravado pela ausência de um serviço básico de saúde e o morador da comunidade deve recorrer ao sagrado para se curar, quando uma senhora cai e fica dias com a perna quebrada sem o devido atendimento médico, pois o atendimento mais próximo é no núcleo urbano de Assis Brasil (36 quilômetros) e lá não tratam membros quebrados, e devem recorrer ao município de Brasília (112 quilômetros) esse atendimento só ocorre nos dias uteis da semana, se o acidente ocorrer em fim de semana, o paciente deve aguardar. Esses problemas são identificados nos ex-votos entregues como agradecimento pela cura.

As diversas promessas feitas especialmente por mulheres que vivem nos núcleos urbanos (Assis Brasil, Brasília, Rio Branco no Brasil e Iñapari e Puerto Maldonado no Peru em relação à cura de câncer de colo de útero, são aspectos implícitos nas narrativas de cura que é perceptível que “estão invisíveis à gestão pública”, mas a visibilidade lhes é dada pelo sagrado, momento em que todos voltam os olhos para aquele lugar que recebe mais de 3000 mil devotos. Neste período, da festa, o empenho de todos, inclusive da gestão pública é fortalecido para facilitar o acesso, terminar de construir a ponte sobre o igarapé São Pedro, que entra ano e sai ano e não existe o devido empenho em concluí-la. A visibilidade lhes é dada, mas a gestão continua com olhos fechados para alguns aspectos e estes são em maior parte voltados à saúde.

A relação de fé é vivenciada por todos que buscam na expressão religiosa popular demonstrar seu vínculo com o sagrado, a fé impulsiona os sujeitos de diversas formas. A ausência de políticas públicas, essa “invisibilidade social” é refletida na devoção, os sujeitos de diferentes maneiras demonstram como diariamente vão sobrevivendo, movimentados por essa fé, os sujeitos que vivem no espaço sagrado, necessitam da fé para curar doenças, escoar a produção, ter boa produção e colheita. A fé é anestesia para o corpo e alma, os peregrinos experimentam a mesma fé ao percorrerem quilômetros, carregando consigo os símbolos necessários para concluir seu agradecimento ao sagrado.

CAPITULO II - ESPAÇO RELIGIOSO: TEMPO DA FÉ



Ilustração: Mapa Seringal São Francisco

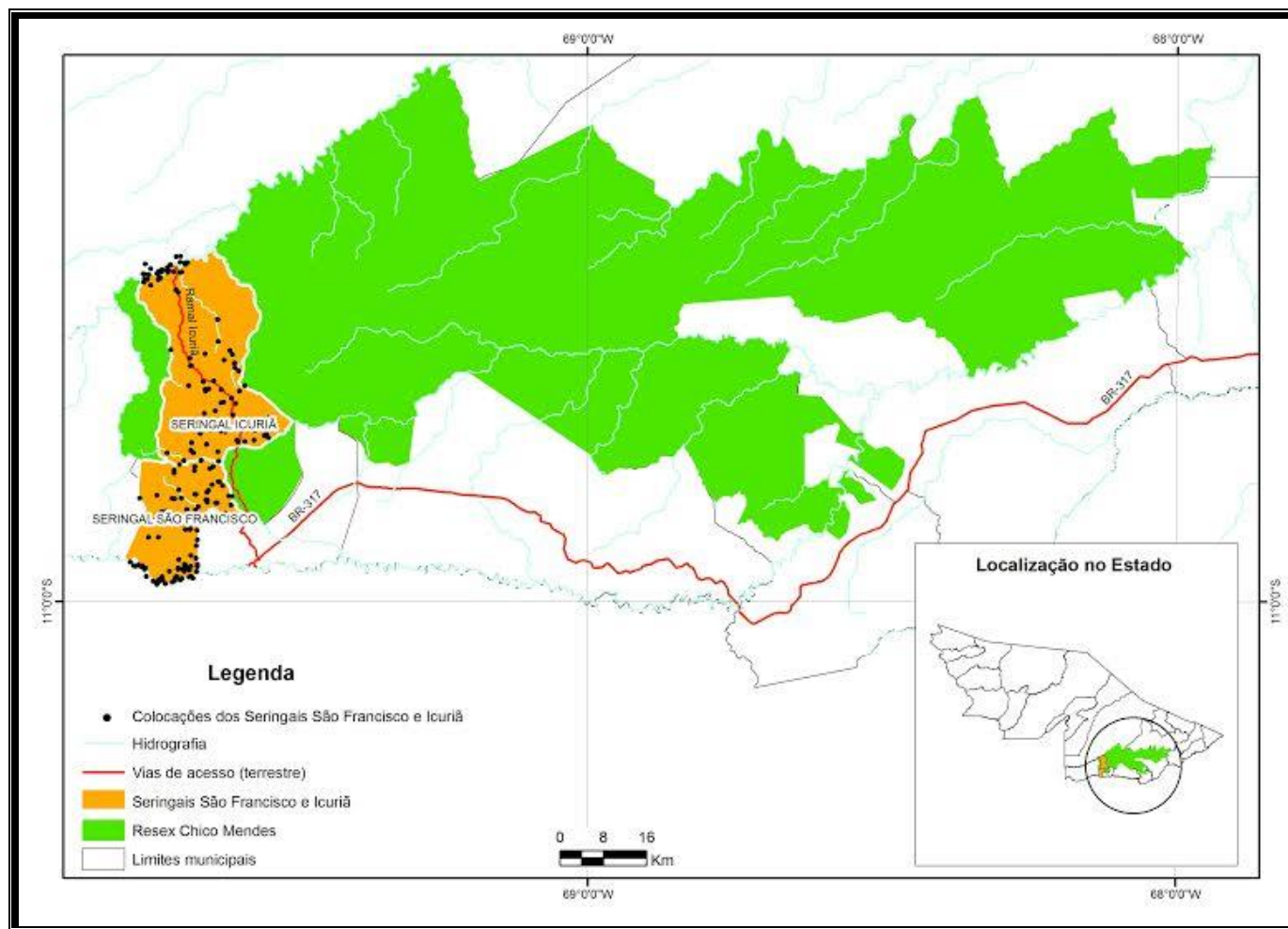
2.1 DEVOÇÃO NA FLORESTA A PARTIR DO MÉTODO FENOMENOLOGICO

As expressões de cunho religioso nos seringais do Acre estão associadas aos elementos do catolicismo, trazidas pela cultura Boliviana; já sobreposta pela cultura espanhola e a cultura dos migrantes nordestinos, que herdaram algo da colônia portuguesa e seguiram recebendo influência do catolicismo com a presença de Padre Cicero no nordeste brasileiro. Os ritos indígenas e as manifestações afro-brasileiras são perceptíveis ao adentrar os seringais e participar das manifestações de caráter religioso associados a festas. As “festas religiosas populares constituem, ademais, por sua própria natureza ritualística, são momentos extraordinários na vida das populações ou comunidades que as realizam [...]” (MAUÉS, 1995 p. 316). Essas representações religiosas estão vinculadas a festas, momentos esperados para os encontros nos seringais.

O Estado do Acre é marcado por diversos conflitos pela posse de terra, ligados a interesses econômicos do capital. Na nossa pesquisa destacamos a Revolução Acreana; iniciada em 06 de agosto 1902 e finalizada em 17 de novembro 1903. A década de 1980, momento em que trabalhadores rurais, liderado por Chico Mendes, Wilson Pinheiro, entre outros líderes, realizaram conflitos por posse de terra, luta dos seringueiros, que desejavam permanecer na terra. Partindo destes processos iniciamos nossa pesquisa apoiados no método fenomenológico e metodologia exploratória.

O Seringal Icuriã, localizado na Reserva Extrativista Chico Mendes, é também conhecido e movimentado pela religiosidade, uma característica recorrente nos seringais é a devoção e movimentos de fé. Nossa investigação foi voltada aos espaços sagrados na composição dos seringais, com fim de perceber como são constituídos estes espaços sagrados e a relação dialógica existente entre a cultura extrativista e a religiosidade arraigada nos seus elementos históricos e culturais. O local e o objeto de pesquisa o Seringal Icuriã, Alto do rio Iaco, colocação Bom Sucesso, espaço onde ocorre às peregrinações religiosas dos devotos de Santa Raimunda Alma do Bom Sucesso. A comunidade está localizada na tríplice fronteira do Brasil no Município de Assis Brasil, com Peru e a Bolívia, dentro da Reserva Extrativista Chico Mendes na sua parte mais a sudoeste.

Figura 3 - Localização seringais Icuriã e São Francisco na RESEX Chico Mendes



Fonte: Mapa organizado por Ezaque Saraiva do Nascimento, 2015. Dados cartográficos, 2006.

Para compreender o fenômeno religioso nos seringais adotamos o método fenomenológico e a metodologia exploratória para realizar a pesquisa, que segundo Gil (1999, 43) “visa proporcionar uma visão geral de um determinado fato, do tipo aproximativo.” A base principal de sustentação da pesquisa é como o conhecimento se realiza nas pessoas, partimos do tempo e do espaço determinado pelos sujeitos em suas narrativas. Utilizamos apoio da história oral para trabalhar as narrativas. Em função do método escolhido tivemos que enfrentar obstáculos que tornou difícil estruturar o corpo da pesquisa, tornou-se abrangente as possibilidades de pesquisa em função das experiências vividas em campo.

Buscamos apoio na epistemologia da geografia e a cada abordagem os problemas cresciam. SPOSITO (2004) aborda as estruturas metodológicas e a contribuição destas para o desenvolver da ciência. O ser humano em sua existência produz conhecimento, viver é experimentar, porém esse conhecimento não é tratado como conhecimento científico, haja vista que o conhecimento científico necessita de métodos para se respaldar e dar base ao conhecimento. O autor apresenta diferentes métodos e os trata diante do construto da academia na elaboração do conhecimento geográfico.

Seguindo pensamento de Sposito (2004) o método são regras de escolha que contribuem com a ação científica, o autor utiliza o pensamento cartesiano para estruturar a apresentação do método hipotético dedutivo, por basear o pensamento no rigor matemático. Expõe que o pensamento cartesiano “a primeira regra é a evidência”, “segundo a análise”, “terceira a síntese”, e por último o “desmembramento tão completo”. O objeto seguindo o pensamento do autor prevalece ao sujeito.

O método fenomenológico é uma corrente filosófica fundada por E. Husserl tem como foco estabelecer um método de fundamentação e desconstituição da filosofia como ciência rigorosa, (SPOSITO, 2004, p.36):

“[...] a fenomenologia é uma filosofia do sujeito, pois é fundamental compreender o peso que a fenomenologia deu ao ‘eu-pensante’, não no sentido cartesiano, mas como intencionalidade, desvelar-se do humano, tendência e apelo para o ser.”

Na fenomenologia o sujeito é maior que o objeto. Na pesquisa científica, a figura do pesquisador faz-se presente na redução do fenômeno para a sua abordagem total, o que justificava nossa utilização do método. Adentramos na leitura com Sposito que apresentou o método dialético De acordo com Sposito, o método foge da refutação de opiniões de senso comum, trabalha pautado nas contradições em busca da verdade. Diante das apresentações o autor contextualiza os agrupamentos das correntes teórico-metodológicas.

Escolhemos com base para produção do conhecimento o método fenomenológico para vivenciar o ambiente, bem como os teóricos que utilizam o método, inicialmente tratamos de trabalhar com Bachelard, com a obra “a formação do espírito científico”, para este autor o processo científico deve ser consistente e essa consistência deve ser fundamentada por problemas formulados com embasamento teórico, assim mergulhamos no estudo da religiosidade. E a afirmativa de Bachelard acompanhou nosso processo, “o conhecimento necessita ser questionado!” Questionar proporciona que o processo científico seja comprovado, fugindo assim da permanência substancial no empirismo, apesar do conhecimento empírico o cientista é proibido opinar, o conhecimento empírico é o impulso para a iniciação científica, mas não contribui com formulações e conclusões sólidas. Bachelard, (1996) p. 18,

O espírito científico proíbe que tenhamos uma opinião sobre questões que não compreendemos, sobre questões que não sabemos formular com clareza. Em primeiro lugar, é preciso saber formular problemas. (...) na vida científica os problemas não se formulam de modo espontâneo.

Os obstáculos epistemológicos, segundo Bachelard pode ser estudado no desenvolvimento histórico do pensamento científico e na prática da educação, o autor expressa a necessidade normativa, que o epistemólogo não pode deixar de exercer, processo que permite a continuidade ou o não interrompido precoce do processo científico. O autor trata dos constantes erros no decorrer do processo de pesquisa provocados pela inexperiência da juventude, da arrogância dos autores em considerar o conhecimento empírico sem avaliar por formas mais concretas e embasadas. Bachelard, (1996) p. 25-26,

O espírito constituído em sistema pode então voltar à experiência com idéias barrocas, mas agressivas, questionadoras, como uma espécie de ironia metafísica bem perceptível nos jovens pesquisadores, tão seguros de si, tão prontos a observar o real em função de suas teorias.

O conhecimento geral segundo Bachelard é o grande obstáculo ao conhecimento científico, uma vez que o geral passa a ser o “real”, explica ainda que o cientista formula seus problemas, constrói seus objetos e para que de fato o geral torne-se científico ele precisa ser técnico, sair do cotidiano com técnicas de realização para aprofundamento da pesquisa, diante do construto de Bachelard nos são apresentadas técnicas das experiências dos filósofos e a necessidade do cientista utilizar a fenomenotécnica para fortalecer e prolongar a fenomenologia. Segundo Bachelard (1996) p. 90, “O conhecimento a que falta precisão, ou melhor, o conhecimento que não é apresentado junto com as condições de sua determinação

precisa, não é conhecimento científico. O conhecimento geral é quase fatalmente conhecimento vago”.

O ambiente Amazônico é bastante estudado, mas as comunidades que vivem nos seringais pouco ou quase nada conhecem dos resultados das pesquisas e não sabem para que tais pesquisas são realizadas, esse foi o primeiro obstáculo encontrado ao adentrar as comunidades, obstáculo superado junto aos grupos de pesquisa de cultura e gênero do programa de mestrado em geografia da Unir. Os grupos foram levados a campo na localidade com finalidade de romper as barreiras pesquisador, resultados e comunidade e as atividades de interação e colaboração com as comunidades dos seringais São Francisco e Icuriã, iniciaram numa perspectiva de responsabilidade social. Os resultados do campo foram trabalhos publicados no NEER – Núcleo de Estudo em Espaço e Representação, 2013 e no Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia, ENANPEGE 2013 e a cada ida a campo os resultados eram expostos com finalidade de colaborar com a redução de impactos negativos percebidos nas diversas pesquisas.

As informações circulam e vivem em ambientes acadêmicos e poucas as experiências são voltadas com fins de contribuir com o ambiente amazônico, com isso nossa trajetória mudou em campo, a primeira abordagem foi de percepção e colaboração com as entraves perceptíveis para a comunidade, ex. maquinário de artesanato parado, ação de manejo na trilha, escola entre outros. Durante as demais visitas para a produção deste trabalho levamos os resultados da primeira ação coletiva, além de doação de livros para escola entre outros.

Trabalhamos com metodologia exploratória, com consulta as fontes orais para basear a pesquisa, recorrendo aos três conceitos de Hall (2006) para identificar a cultura, a identidade e as relações dos sujeitos com o espaço sagrado a partir da perspectiva de experiência cultural como manifestação da essência humana, dentro de uma abordagem fenomenológica, com a comunidade que vive nos seringais Icuriã e São Francisco, além das categorias apresentadas pelos visitantes: comunitário, romeiros, devotos, curiosos, aventureiros, pastorais e movimentos da igreja católica. Trabalhamos tempo e espaço partindo nas narrativas dos sujeitos, seguindo a base teórica de Meihy e Holanda para respeitar a oralidade e assim conseguir um recorte “real” do tempo e espaço e cada indivíduo que contribuiu com a pesquisa. (MEIHY; HOLANDA, p. 85, 2013), “A história oral de vida, no entanto, colocou-se como uma possibilidade de superar a mera aquisição de dados em favor da possibilidade de uma visão mais subjetiva das experiências dos depoentes.”.

Utilizamos em nossa pesquisa os trabalhos desenvolvidos na localidade por pesquisadores vinculados a Universidade Federal do Acre, a pesquisa do antropólogo Estanislau Klein (2003), em “Santos da Floresta.” (2003) e da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Francisco Pinheiro de Assis em “Veneração e fé: viver entre lutas, resistências e milagres na floresta Amazônica 1970 – 2010.” (2012).

Trabalhamos fontes bibliográficas de acordo com o viés teórico escolhido para sustentar a pesquisa, que são os que trabalham com a geografia da religiosidade, espaço, territorialidade, santos populares e santos da floresta. A intenção de trabalhar por meio da fenomenologia teve a pretensão de perceber e vivenciar com os sujeitos, as relações sociais, as relações de gênero, os meios de produção, a caracterização do espaço de vivência, porém, nada se esgota com a pesquisa. Trabalhamos fontes orais, com apoio da história oral na valorização das narrativas, destacando a sensibilidade experimentada diante do método escolhido, ao ouvir as narrativas da comunidade, devotos, peregrinos, bem como a comunidade. O método também contribuiu no desvelar do ambiente, assim os sujeitos nos remetem ao seu espaço e ao seu tempo, demonstrando a importância do fenômeno religioso vinculada a experiência individual. Trabalhamos com pensamento geográfico de espaço, (DARDEL, 2011, p. 7 e 8):

Por toda parte, espaço geográfico é talhado na matéria ou diluído em uma substância móvel ou invisível. Ele é a falésia, a escarpa da montanha; Ele é a areia da duna ou a grama da savana, o céu morno e enfumaçado das grandes cidades industriais, grande ondulação oceânica. Aérea, a matéria permanece ainda matéria. O espaço “puro” do geógrafo não é o espaço abstrato do geômetra: é o azul do céu, fronteira entre o visível e o invisível; é o vazio do deserto, espaço para morte; espaço glacial da banquisa, o espaço tórrido do turquestão, o espaço lúgubre da landa sob a tempestade. Há ainda algo aqui, uma extensão a atravessar ou a evitar, a areia que fustiga, as fornalhas naturais, o vento que uiva. Uma resistência ou ataque da terra. Mesmo silêncio ou a desolação, é também uma realidade do espaço geográfico, uma realidade que oprime, uma realidade que exclui.

Com os processos de territorialização vividos no Acre e os conflitos por posse de terra, provocaram nos sujeitos uma sensação de pertencimento, somadas a fé para garantir força e vida, intensamente experimentadas pelos sujeitos que migraram para a região. As relações com os diferentes imigrantes, nordestinos, o contato com povos dos países fronteiriços, Bolívia e Peru, bem como com sírios, libaneses entre outros e os sujeitos que aqui já viviam, os povos indígenas, proporcionou o sincretismo religioso. Na atualidade é perceptível aos olhos sem um estudo aprofundado a hibridação dos elementos do catolicismo e os símbolos indígenas. Os seringais com suas colocações distantes umas das outras, são povoados por personagens de fé, os sujeitos tratam com temor e respeito seus mortos. Ao

caminhar na floresta, ao cruzar um túmulo, se deve jogar ramos, atividade vivida por seringueiros, mas é um elemento indígena, representado na cultura seringueira, sinal de respeito e temor com a alma, que para o seringueiro está ali presente. Wolff, (1999) p. 155, “[...] Muito dos conhecimentos da floresta e das formas de sobreviver nela, bem como outros bens culturais, magias, festas, relações de parentesco, etc., foram apropriadas pelos seringueiros.”.

Distantes, ou isolados por muito tempo as necessidades de recorrer ao sagrado são especialmente em função de saúde, ao percorrer os seringais na floresta Amazônica, no alto Acre percebemos a quantidade de santos populares nas localidades. O relato da vida desses sujeitos, tratados como santos é sempre associada a dor, sofrimento e caridade. No município de Assis Brasil – Acre, encontramos três Santos Populares; Menino do Miradouro, que para os sujeitos que vivem na região, é uma alma milagrosa devido ao sofrimento na hora da morte; Santa Raimunda não foi diferente, ela era parteira, caminhava longos trajetos em varadouros para realizar o atendimento as parturientes, segundo relatos, ela sofria violência do marido, e teve sua morte ocorrida durante trabalho de parto em uma estrada de seringa. (KLEIN, 2003, p. 49):

Em repetidos depoimentos as pessoas afirmam que Santa Raimunda morreu de parto. Segundo Dona Beatriz, a criança não teria nascido devido à grande fraqueza e cansaço da mãe. O lugar onde foi enterrada a Santa Raimunda tornou-se um lugar diferente, por exalar um perfume nunca sentido antes.

O exalar tão especial é o símbolo para a comunidade em que, pós-morte, Raimunda torna-se Santa e protetora, passando a ser cultuada, protetora da comunidade, das crianças, com forte atenção às mulheres. As necessidades humanas e a não concretização no plano físico leva os sujeitos a recorrerem ao sagrado, fazer pedido e ter o atendimento divino, proporcionando na comunidade a relação de confiança e devoção com o santo e com o lugar, dando maior empoderamento, fortalecendo o pertencimento aos sujeitos.

A devoção comunitária é rica em detalhes, em diversas falas cotidianas escutamos: Raimunda é Santa da RESEX, os milagres recebidos são respeitosamente pagos, as formas de pagamento de promessas são diversas, que vão de participar da romaria ecológica, construções de capelas, limpeza no local, queima de fogos e a entrega de ex-votos, seios, pernas, útero, braços, cabeça, cabelo entre outros.

O local e objeto de estudo atraem romeiros do Brasil e Peru. Os povos da localidade são motivados pelo poder atribuído a Santa Raimunda, alma do Bom Sucesso. As principais razões da motivação de fé são em busca de curas por boas condições de saúde. A localidade

tem um culto religioso popular que agrega diferentes grupos. Os que fazem uso do local e os demais que são atraídos pela festividade, pelo novo sagrado.

Estudar o fenômeno religioso, expresso e vivido popularmente remete a forma de organização social, remete o pesquisador ao passado e o coloca em um estudo e numa organização contemporânea que mescla as transformações dos núcleos populacionais e as representações simbólicas herdadas tradicionalmente. A fé como o impulso para seguir em comunidade e fortalecidos. A religiosidade é agente cultural, fruto das diferentes representações humanas e a soma dos diversos tempos, manifestada nas sociedades contemporâneas.

Ao vivenciar o campo alguns aspectos não são de imediato percebidos, mas ao sair e fazer análise das informações coletadas, escutar as falas, refazer leituras do diário de campo, e visualizar as imagens registradas, carregada de bases teóricas percebemos pouco a pouco o significado do espaço sagrado para esses sujeitos, as manifestações religiosas e o processo de santificação, a representação dos santos populares na Amazônia. Os sujeitos que vivem na localidade ao iniciar seu relato desenvolvem livremente a abordagem, que segundo Meihy e Holanda, p. 40, (2013), “Viver junto ao grupo, estabelecer condições de apreensão dos fenômenos de maneira a favorecer a melhor tradução possível do universo místico do segmento é um dos segredos da tradição oral.”.

Nas atividades de campo, adentramos as comunidades com GPS do Centro dos Trabalhadores da Amazônia, organizamos material para consumo: pinhas, lanterna, bloco de recibo, repelente, protetor solar, chapéu, alimentação, roupas leves e compridas para proteção do sol e dos galhos de árvores, caderno, caneta, tênis confortável, mapa de localização dos seringais, lista de comunitários que são referência em algumas áreas. Nosso primeiro deslocamento foi para o município de Assis Brasil, dia 13 de agosto de táxi lotação, chegamos à noite e não foi possível contatar os moradores do Seringal São Francisco que estavam na cidade. Contamos com apoio do PESACRE em Assis Brasil e adentramos as comunidades com moto-taxista, de apelido, Raimundo; apelido que recebeu após promessa feita por sua mãe a Santa Raimunda. E esse rapaz acompanhou nas idas ao Seringal Icuriã Colocação Benfica onde está o Menino do Miradouro; Seringal Petrópolis Colocação Lua Nova, onde está a Santa da Lua Nova, de nome Sebastiana e Seringal Icuriã Colocação Bom Sucesso – Santa Raimunda Alma do Bom sucesso. E assim fomos adentrando seringal por seringal, alguns trechos de moto, outros caminhando até chegar aos lugares sagrados.

Diante da escolha metodológica, expomos adiante a forma como utilizamos as narrativas para tratar tempo e espaço, dado pelos sujeitos nas entrevistas, cada um em sua individualidade a partir do ponto que é essencialmente importante e relevante para si. Trabalhamos um universo de 45 entrevistas, porém não utilizamos todas, descartamos as que de certa forma tinham aproximação com as demais narrativas, histórias semelhantes de cura, ou contextualização da experiência familiar e utilizamos as que consideramos “completas” (narrativas orais, sem interferência com perguntas do pesquisador). Iniciamos com estudo preliminar no núcleo urbano com sujeitos que frequentam a localidade onde ocorre a devoção a Santa Raimunda, diante das indicações adentramos a localidade e fomos diretamente à família indicada como família referência para a comunidade. Apresentando o projeto e explicamos o porquê estávamos na localidade. A família Araújo, que nos recebeu, indicou os familiares que, segundo vivência comunitária são os mais relevantes para apresentarem suas histórias, e demais comunitários de outras famílias, assim iniciamos nossa pesquisa com fonte oral.

Nosso universo pesquisado foi o total de 30 mulheres (comunitárias, peregrinas, representantes da igreja católica) e 15 homens (comunitários, peregrinos, representantes da igreja católica). Todos com idade superior a 36 anos, escolhemos pessoas referências, sujeitos indicados pela própria comunidade e por peregrinos, considerados por eles como sujeitos com experiência, ou referência do grupo, o ambiente para realizar a gravação da narrativa foi escolhido conforme indicado pelo sujeito a contribuir com sua narrativa para nossa pesquisa. Verificamos que é recorrente nas narrativas falar da fé, do tempo no lugar, da herança cultural, a devoção advinda com seus pais. Nas narrativas os sujeitos dão foco ao tempo que residem na localidade, a separação dos pais em função do matrimônio, a participação nas procissões.

Expomos adiante a forma como utilizamos as narrativas para tratar tempo e espaço, dado pelos sujeitos em suas narrativas, cada um em sua individualidade a partir do ponto que é essencialmente importante e relevante para si. As entrevistas, iremos trabalhar, mais adiante, nossa intenção no momento é dar foco a iniciativa dos sujeitos, considerando que o ponto inicial é o que eles consideram relevante em sua trajetória, apresentamos pequenos fragmentos de suas narrativas.

“Moro há 33 anos, quando casei vim pra cá, mas faz 8 anos que nós começamos a participar da procissão”. (Celita Araújo, 2013). Esses sujeitos, filhos e netos de nordestinos, que vieram para Amazônia trabalhar na extração do látex, vivem em diferentes colocações, e

em diferentes seringais, conforme vão se casando mudam para outra colocação, as vezes no mesmo seringal, mas levam consigo as memórias e a necessidade de fé vividas anteriormente. No início da narrativa acima, Celita enfatiza o tempo que reside na localidade e o período que participada da procissão, compreendemos que o tempo é essencial, lhe empodera, destaca sua experiência na localidade e demonstra o tempo que participa da procissão, mas concluímos que o tempo de procissão não representa o tempo de fé e devoção, em função do desenvolver das narrativas constar que a devoção foi vivenciada com os pais, quando esses sujeitos eram crianças.

É essencial nas narrativas para os sujeitos seu vínculo de fé, o período de participação no festejo, às relações vividas nos ambientes, mesmo com uma colocação distante uma da outra é necessário manter vínculo diante da dificuldade de viver tão distantes dos núcleos urbanos e a representação religiosa é vivenciada como seu elo com o sagrado, o símbolo que esse povo não é esquecido.

As mazelas vividas, malária, febre amarela, leishmaniose entre outros, por sujeitos são grandes, em uma localidade onde os serviços de saúde são limitados a ocasiões especiais de campanhas e visitas dos agentes de saúde, percebemos também que o sagrado se configura com a busca por tais necessidades não supridas na terra, nas localidades de floresta especialmente, mas essenciais para sobrevivência dos sujeitos. *“O que eu sei o povo que se pega com ela, eu acho muito importante eu me pego com ela e peço a ela que foi moradora desse seringal, negócio de doença, eu lutei com dor de cabeça por muito tempo”*. (Elói Araújo, 2013). O morador destaca que a Santa Raimunda foi moradora da localidade, para quem vive na floresta ter uma santa que é da localidade é sinal que o sagrado é vivenciado ali, assim o espaço sagrado marcado pela presença da Santa Raimunda é uma demonstração de cuidado com os trabalhadores da terra, se apegar à santa é necessário, a fé, a religiosidade é o ópio dos sujeitos, o respeito a trajetória da mulher Raimunda é fortalecido diariamente pela comunidade que vive na localidade, sua vivência na localidade os torna responsáveis pelo repasse cultural da história por meio das narrativas, a Santa atende com atenção às questões da saúde da comunidade e dos necessitados.

No início do próximo fragmento, “sou da comunidade do Cumaru e conforme a realidade daqui a respeito da Santa Raimunda do Bom Sucesso, que é uma cultura que eu trago desde meus pais” (José de Araújo, 2013). O morador evidencia a importância da colocação, que ele mora, vive, onde mantém relações sociais com demais sujeitos, e trata logo de dar ênfase a herança cultural de devoção à Santa Raimunda, herdada por seus pais. E na

próxima narrativa o sujeito destaca a necessidade da fé em Santa Raimunda, “Eu tenho muita fé na Santa Raimunda, nós somos muito devotos dela, nós faz promessa com ela e é válido” (Maria Leonice Lima de Souza, 2013). O atendimento do sagrado é destacado. Perceber a localidade desvelar o ambiente, a configuração da comunidade, os meios de produção, escoamento da produção, e a organização da celebração de fé tornam nítidos os envolvimento comunitários, não em função de temor, mas como demonstração de respeito, amor e fé com a Santa local que cura, protege e abençoa a localidade. A presença da religiosidade em todos os contextos históricos nos demonstra como a religiosidade foi agente de pertencimento para os migrantes que povoaram o território do Acre. Vencer as mazelas do ambiente deu-se junto com a ocupação do território no primeiro e segundo ciclo da borracha. A religiosidade popular tornou-se estratégia para configura o novo lugar, sem a presença da igreja instituída, a Católica. Na contemporaneidade, vencer as mazelas estão presentes em todas as narrativas. Segundo Elói Araújo, (Pesquisa de campo, julho 2013),

1. O que eu sei, o povo que se pega com ela, eu acho muito importante, eu me pego com ela e com a alma da minha mulher e uma tia¹⁹ que tá enterrada também no Bom Futuro. Eu me pego com essas três e com outros santos, Nossa Senhora Aparecida, a da vista, Santa Luzia, São Cristóvam, Nossa Senhora da Boa Viagem que eu me pego com ela, eu rezo muito, eu tenho um livro de santos tem oração de tudo, uma vez me pediram esse livro e foi até difícil recuperar. Minha mãe os mais velhos tudo fiel dela, ai foram chegando os peruanos, até parece que os peruanos tem mais fé que os brasileiros. Tem muita gente que faz milagre de um braço de uma perna, uma mão uma cabeça o corpo, já tem milagre, num tem tanto que queimou tudo, lá e o povo tem deixado e isso vai aumentando a fé da gente, que nós não sabe o tamanho da nossa fé. Depois meus filhos também faz promessa e reza promessa também pra ela, agora tão fazendo com a mãe dela (esposa de seu Elói) que também morreu de parto. As pessoas fazem promessa e da certo, e a minha tia também morreu de parto, tá lá a mãe dela, (falando de sua filha que tá próximo ouvindo o depoimento) Eu me pego que elas tem nos ajudado.
2. Quando ela veio (Raimunda), era viva, até que morreu, ninguém dava noticia, o marido dela era bravo, ela deixava comida pra ele na boca da estrada e um dia ele chegou e ela não tinha chegado, ai ele deu muita peia, ele açoitava muito ela, peia, e foi nesse dia que ela perdeu o menino e ai ela não aguentou, onde ela morreu enterraram, ai o povo mesmo fez capela. Ai depois quando bateu na mão da igreja, ai a igreja tomou conta e ai haja gente, ai vem um pela primeira vez, e quando chega lá fala pra outro. A gente tem fé, graças a Deus, eu tenho nela e nessas outras, ela tá vivinha ainda, o que eu sinto é o povo não querer mais saber de santo, só nessas horas, nessas horas o cara quer né? . O Bispo teve aqui, escutou as conversas e foi lá e pegou tudo, nascimento que conta o nome dela direito, quando ela veio, de onde ela veio, não sei com quem, mas ele pegou pegou todos esses dados, eu queria pegar para entender um mucado de coisas dela, foi assim assim assim.

¹⁹ A alma da esposa e tia de seu Elói não tornaram-se santa, porém ele pede intercessão esperando que elas estejam em um bom lugar.

3. Meu amigo, avô do Leonel, ele veio pra cá em 1917, ele chegou aqui e foi perguntar do mais velho que chegou na frente, Chico Rodrigues, “Compadre Chico sabe me dizer quando ela morreu?”, e ele respondeu, não, quando cheguei aqui já faziam promessa. Agora quem que sabe, mas pelos dados do bispo ele pegou da data que ela nasceu a data que morreu.
4. A reza eu não me esqueço nunca, eu vivia andando nesses varadouros, e uma vez eu topei uma mulher que ia viajando para reza numa criança com duas horas, que tava com quebranto ou era vento caído, e ia pra rezar, ela seguiu o caminho dela e eu o meu e fiquei pensando a se eu soubesse reza porque aquela mulher não ia fazer essa viagem, aí eu segui e apareceu uma rezinha por aí, e pouquinho fui aprendendo, as orações foram chegando, peguei oração com um e com outro e tinha um cara que tinha muita oração, aí eu pedi as orações dele – para que eu pedi? Aí eu comecei a rezar, a rezar – e encontrava outros rezadores e perguntava pra essa doença tu reza o que? E fui aprendendo que a reza era fé, e eu comecei a rezar e a aparecer coisa, aí ficou fácil, eu já evitei muitas coisas em muita gente de viver em viagem, porque mesmo em Assis Brasil era uma agonia, aí eu comecei a aprender para “dismitidura”, “campania”, peito aberto, espinhela caída, dor de cabeça, fui me pegar por causa dos santos. Eu rezo com tanta tranquilidade e fé, eu rezo e entro pra ele, graças a Deus tem dado certo até agora, rezo pra dor de mulher, espremedeira de criança, que é a mesma dor da mulher, vermelha, vermelha é quando a pessoa fica toda vermelha, inflamada. Tenho 86 anos, vivo aqui desde que nasci, casei com 20 anos e minha mulher tinha 18, produzimos 20 filhos, uns não nasceram, um morreu depois de nascido, criaram 14, minha mulher morreu num parto, quando ela morreu a gente voltou pra cá, umas coisas vem pro bem, aqui é melhor que Xapuri e hoje eles tão aqui tranquilos, se tivesse lá como será que não tavam? Fora da família, longe da família, porque os que tão tão os que fica fora fica fora.
5. Agora doença é muita minha irmã, agora depois de pouco tempo apareceu a diabete, e quem descobriu foi eu mesmo, eu sou tranquilo mas desconfiei, eu canso, não posso fazer uma coisinha, na madrugada eu experimentei minha urina e parecia que eu tava tomando caldo de banana, aí eu digo, ahhh é ela, no outro dia fui pra Rio Branco fazer exame pra diabete, daí acertei, logo a pressão, fui me tratar do coração, logo depois a diabete, mas eu venho tomando remédio e graças a Deus, também tem muito remédio do mato bom, tem uma folha, a mulher quando tava com uma febrinha e ficava tranquila, eu tomo também, o marido dela reclamou que tomava chá pra tudo, eu disse que tomo só chá que preciso, negocio de tomar chá sem precisar, tem horas que você diz, preciso de um chá, que é puro, tomo muito chá e passo chá, tem chá para curar tudo, casca de pau, chá de tudo. Pai Joca, aquele que toma chá, chá de tudo.
6. Na politica tem muita gente ruim, mas tem muita gente boa, devido a falta de atenção tá mudando a coisa, negocio de politico bom, num tem mais, nem sabe se vai aparecer, e aqui mesmo as coisas tão mudando, um lá que encheu a terra de cabeça de boi, o que interessa é derrubada, criar gado (...)

Na narrativa de Elói ele percorre caminhos longos da história, traçando a caracterização da organização do Seringal. Em sua narrativa ele caminha no espaço sagrado, a devoção e santificação dos sujeitos, como ele apresenta ***“eu lutei com dor de cabeça por muito tempo”***, fica nítida sua devoção, após apresentar como se dá a santificação comunitária, ***“sempre me pego com ela e com a alma da minha mulher e uma tia que tá enterrada também no bom futuro. Eu me pego com essas três e com outros santos...”*** A

tradição oral é o principal agente cultural, as rodas de prosa, e os exemplos são os principais ensinamentos, muitos jovens não compreendem a razão de depositar o ramo num túmulo, porém de tanto vivenciar seus pais fazendo ele reproduz em seu fazer. Na exposição percebemos o envolvimento no movimento “empates” liderado por Chico Mendes, e a necessidade devocional, apesar da ausência da igreja instituída, existia uma experiência anterior que era essencial ser repassada. A visibilidade ao movimento e a devoção em função das dificuldades vividas são enfatizadas, na narrativa constatamos a ausência de serviços básicos de saúde, a necessidade de aprender a utilizar as plantas, a reza em função da cura. Os problemas relacionados a posse de terra, sobreposição cultural, implementação do gado em função dos sujeitos que ali já estavam.

2.2 ESPAÇO E TEMPO DAS MULHERES

Ao adentrar nos seringais com intuito de vivenciar as experiências religiosas no ambiente, a presença das mulheres fez de forma marcante no todo. Apesar de o método abrir as possibilidades de pesquisas, não tínhamos intenção focar na mulher, porém estas se destacam as moradoras, as peregrinas, as representantes da paróquia. Ver Quadro 01.

Quadro 1 - Entrevistados

Entrevistados	Nome verdadeiro / *Fictícios / ¹ Apelidos	Local	Data da entrevista	Naturalidade
	Maria das Graças	Brasiléia/Acre/Brasil	04 do junho 2013	Acreana
	Eleonor*	Brasiléia/ Acre/Brasil	04 de junho 2013	Acreana
	Tota ¹	Assis Brasil Acre/Brasil	06 de junho 2013	Acreano
	Celita Araújo	Seringal São Francisco / Assis Brasil	08 de agosto 2013	Acreana
	Maria Leonice	Seringal Icuriã/ Assis Brasil	10 de agosto 2013	Acreana
	Maria*	Seringal São Francisco / Assis Brasil	10 de agosto 2013	Acreana
	Joana*	Seringal São Francisco / Assis Brasil	10 de agosto 2013	Acreana

Quadro 1 - Entrevistados. (continuação)

Entrevistados	Nome verdadeiro / *Fictícios / ¹Apelidos	Local	Data da entrevista	Naturalidade
	Cida*	Seringal São Francisco / Assis Brasil	13 de agosto 2013	Acreana
	Juan	Seringal São Francisco / Assis Brasil	13 de agosto 2013	Peruano
	Carmem Luz	Seringal São Francisco / Assis Brasil	13 de agosto 2013	Peruana
	Beatriz	Seringal São Francisco / Assis Brasil	13 de agosto 2013	Peruana
	Angela*	Seringal São Francisco / Assis Brasil	14 de agosto 2013	Acreana
	José Marques	Seringal São Francisco / Assis Brasil	14 de agosto 2013	Acreano
	José Araújo	Seringal São Francisco / Assis Brasil	15 de agosto 2013	Acreano
	Elói Araújo	Seringal São Francisco / Assis Brasil	13 de agosto 2013	Acreano
	Lucinero	Seringal São Francisco / Assis Brasil	14 de agosto 2013	Peruana
	Natalia	Seringal São Francisco / Assis Brasil	14 de agosto 2013	Peruana
	Lola	Seringal São Francisco / Assis Brasil	14 de agosto 2013	Peruana
	Emília	Seringal São Francisco / Assis Brasil	14 de agosto 2013	Peruana

Continua.

Quadro 1 - Entrevistados. (continuação)

Entrevistados	Nome verdadeiro / *Fictícios / ¹Apelidos	Local	Data da entrevista	Naturalidade
	Consuelo*	Seringal Icuriã/ Assis Brasil	15 de agosto 2013	Peruana
	Rosangela	Seringal Icuriã/ Assis Brasil	15 de agosto 2013	Acreana
	Maristela	Seringal Icuriã/ Assis Brasil	15 de agosto 2013	Brasileira
	Júnior	Seringal Icuriã/ Assis Brasil	15 de agosto 2013	Acreano
	Tufi ¹	Assis Brasil	20 de julho 2014	Acreano
	Maria*	Brasília	21 de julho 2014	Acreana
	Dalva*	Seringal Apudi/ Brasília	21 de julho 2014	Acreana
	João*	Seringal Amapá/ Brasília	21 de julho 2014	Acreano
	Antônio*	Brasília	21 de julho 2014	Acreano
	Ademir Pereira	Xapuri	22 de julho 2014	Acreano
	Océlio Pimentel	Xapuri	26 de julho 2014	Acreano
	Josefina de Oliveira	Seringal São Carlos /Brasília	28 de julho 2014	Acreana
	Mario Alves	Colônia Porto Seguro / Brasília	29 de julho 2014	Acreano
	Valdo Alves	São João do Guarani/ Xapuri	30 de julho 2014	Acreano
	Sevy	Rio Branco	01 de agosto 2014	Acreana
	Antônia*	Xapuri	01 de agosto 2014	Acreana
	Deuzira Alves	São João do Guarani / Xapuri	30 de julho 2014	Acreana
	Sergiane Ramos	Santa Quitéria/ Brasília	12 de agosto 2014	Acreana

Continua.

Quadro 1 - Entrevistados. (continuação)

Entrevistados	Nome verdadeiro / *Fictícios / ¹ Apelidos	Local	Data da entrevista	Naturalidade
	Maria das Neves	Seringal Amapá / Brasília	10 de agosto 2014	Acreana
	Raimundo	Colocação Benfica, seringal Icuriã, Assis Brasil	14 de agosto 2014	Acreana
	Euda Lopes	Seringal Florência/ Rio Branco	18 de agosto 2014	Acreana
	Nazaré	Seringal Icuriã/ Assis Brasil	18 de agosto 2014	Acreana
	José Maria	Seringal São Pedro/ Xapuri	26 de julho 2014	Acreano
	Carmem*	Seringal Fronteira Brasil	26 de julho 2014	Acreana
	Milagros*	Cobija/ Bolívia	09 de agosto 2014	Boliviana
	Luz*	Cobija/ Bolívia	09 de agosto 2014	Boliviana

Fonte: Organizado: Rachel Dourado, Junho, 2015

O cotidiano dos seringais é cheio de atividades, as funções são desenvolvidas por todos, porém constatamos que aspectos do machismo são mantidos no fazer cotidiano, verificando as funções em uma reunião familiar, questionamos as atribuições das mulheres, de pronto recebemos de uma mulher a resposta “*as mulheres não fazem nada*”. Mas convivendo com o grupo, constatamos que não é realidade e que as mulheres lideram diferentes frentes produtivas. Ver figura 4.

Os aspectos das práticas machistas são características que perpetuam na memória e no fazer cotidiano das comunidades. Na atualidade e na história, percebemos que as mulheres são responsáveis por diversas frentes produtivas e estão à frente das atividades, porém em sua fala, o fazer cotidiano não é algo mensurado como atividade, pois o homem é o sujeito que sai, faz negócios e se apresenta como o senhor responsável pelas atividades produtivas, limitando o espaço feminino ao ambiente doméstico, nas narrativas e no entender feminino, porém não corresponde a realidade vivida.

Convivendo com as comunidades, imersa no cotidiano, verificamos que o trabalho é a principal característica das comunidades que vivem na floresta. No primeiro momento tivemos a oportunidade de participar dos processos cotidianos domésticos. A produção do alimento, função direta e única da mulher, porém existe ajuda masculina, quando o sujeito está presente, se houver necessidade de matar algum animal de médio ou grande porte.

Na trajetória de Raimunda, a Santa estudada, percebemos que ela além dos serviços domésticos, de ser mãe, ser parteira, também trabalhava na extração do látex, Segundo Sr. Océlio Pimentel de Lima que explica como funciona o trabalho da extração do látex, (Pesquisa de campo, agosto 2014),

O serviço da borracha é feito em dois turnos, o primeiro o seringueiro sai cedo para o corte, passa pelo espigão (caminho até a entrada da estrada da seringa) e faz a primeira ronda cortando as seringueiras, quando ele chega na boca do espigão a comida já tá lá. E inicia a segunda ronda. Depois a defumação.

Os relatos apresentados durante a pesquisa, somados aos apresentados nas pesquisas do antropólogo Estanislau Klein em “Santos da Floresta.” (2003) e Francisco Pinheiro de Assis em “Veneração e fê: viver entre lutas, resistências e milagres na floresta Amazônica 1970 – 2010.” (2012), torna claro que Raimunda fora seringueira, parteira e sofria violência e opressão. Opressão física, psicológica e opressão social. Os moldes capitalistas oprimem e reduzem os sujeitos a mão de obra. O primeiro e segundo ciclo econômico demonstram a força do capital e a omissão a vida. O empate segue o mesmo ritmo voltado ao viés econômico. Conforme narrativa acima citado, seu Elói explica uma das funções da mulher, ir deixar comida na boca da estrada, isso demonstra a necessidade de colher o látex tornavam todos “escravos” do modelo econômico. Gerando o ciclo de opressores e oprimidos, e a mulher, Raimunda, torna-se a vítima do modelo econômico e vítima da violência de seu marido.

Na explicação de Océlio é apresentada a função da mulher, na entrega do alimento, na boca da estrada de seringa, como o trabalho era duro e dado as informações que Raimunda e sua família viveram em meados do primeiro ciclo da borracha o sistema de produção contava com a figura do patrão e era necessário produzir muito para atender as metas de produção da borracha, conseguir mantimentos, medicamentos e outros. Fazendo com que todos estivessem envolvidos com a produção. Na narrativa de Elói verificamos que o marido de Raimunda era violento, que um dia houve atraso e por isso ele a açoitou, mesmo assim ela seguiu o trajeto, pois em diferentes relatos a morte de Raimunda é descrita aos pés de uma

seringueira. Segundo relato dado após a celebração da missa por um membro da pastoral e movimentos da Igreja Católica em 15 de agosto 2010, (Pesquisa de campo, agosto 2010),

A Santa Raimunda, alma do Bom Sucesso, do Seringal Icuriã, alto Iaco é considerada Santa em toda região do Município de Assis Brasil e Alto Iaco. A palavra de um seringueiro santo é assim definida, em um Seringal chamado Icuriã por volta da década de 1910, morava em uma colocação por nome Bom Sucesso, uma família na qual a mulher tinha por nome Raimunda.

Raimunda mulher seringueira ajudava o marido no sustento da casa, na qual a família vivia do extrativismo da seringa. Raimunda que já estava no nono mês de sua terceira gestação continuava fazendo o mesmo trabalho como sempre juntamente com o seu marido.

Certo dia quando voltava da estrada, Raimunda carregava látex colhido pelo casal, cansada da carga e também da sua gestação já não tem força para andar tão depressa. Seu marido com pressa para chegar em casa vai andando na frente deixando assim Raimunda para trás. Após subir uma enorme ladeira Raimunda senta para descansar, já que seu marido já havia passado e a esperava na casa mais próxima. Acontece que ele esperou que cansou e Raimunda não chegou. Ele volta e a encontra morta, pois havia entrado em trabalho de parto - ela que era parteira nesta hora não teve quem socorresse. Vencida pelo cansaço Raimunda descansa eternamente.

Tentaram carregar seu corpo para sepultar próximo da casa, mas, não conseguiram porque era muito pesado e eles não tinham força suficiente para carregá-lo. Assim resolveram cavar uma cova e sepultá-la ali mesmo [...]

Raimunda morreu trabalhando em uma estrada de seringa, na volta carregando o látex, e são recorrentes as narrativas da violência cometida por seu esposo. Na atualidade ainda são visíveis às marcas da opressão e violência cometidas contra as mulheres, mesmo em tempos atuais ainda é possível perceber o silenciar da mulher quando em conversa seu argumento não é o mesmo do marido. Nas andanças em diferentes seringais, conversando com muitas famílias era recorrente ouvir dos mais idosos, *“minha mãe era quem cortava”*, porém no livro do patrão o nome que aparecia era do marido, a mulher era escondida.

Na obra de Cristina Wolff em *Mulheres da Floresta: Uma história Alto Juruá* (1890 – 1945, a autora expõe que nas obras pesquisadas as poucas páginas destinadas a tratar da mulher tinha como pauta os itens; Mulher – mercadoria; Mulher – privilégio; Mulher – objeto de disputa. Contextualiza que no primeiro ciclo da borracha a vinda homens foi mais intensa, a motivação para trabalhar na Amazônia fora em função da grande seca que viveu o nordeste, porém quem financiava as vindas eram as casas aviadoras e essas facilitavam a vinda de homens para o labor da borracha, empreendimento capitalista nada preocupado com a situação dos sujeitos. Wolff apresenta dados das mulheres do Juruá, região do Acre, em sua análise aponta as diversas negações sofridas e os abusos a elas cometidos.

Durante nossa análise com base na história do Acre, nos três recortes temporais, percebemos a presença da mulher e as suas funções voltadas para o desenvolvimento

econômico. Além das análises voltadas para trabalho/produção constatamos que elas eram constantemente vítimas de violência e opressão. Na contemporaneidade existem políticas públicas para o empoderamento da mulher ações são voltadas para a conquista da igualdade de gênero, mas o discurso machista é tão massivo que impregnou, nas entrelinhas constatamos que as mulheres não conseguem visualizar o seu fazer como trabalho e como ação importante da cadeia produtiva. As mulheres santificadas na floresta, todas tiveram importante função social e econômica no seringal que viveu. Desconstruir aspectos opressores levam anos, apesar das iniciativas voltadas para o grupo de mulheres. Não sabemos como estas serão tratadas no futuro, mas as do passado foram esquecidas de serem apresentadas na história e as da atualidade lutam para romper com aspectos “herdados” de práticas machista.

Convivendo com os grupos familiares por período prolongado anterior a festa de Santa Raimunda, conseguimos identificar as diferentes funções minuciosamente distribuídas para organização da festa, assim identificamos a participação das mulheres, tanto nas funções de mão de obra como na articulação para desenvolvimento e organização da festa religiosa. Segundo Dona Celita Araújo, (Pesquisa de campo, julho 2013),

[...] A gente divide, aqui em casa eu e meu esposo faz o churrasquinho de porco, o Tota faz de boi e traz água e refrigerante de lá da cidade para vender aqui e vela, outros já faz o café da manhã, que é o Totonho... A Teca é a do mungunzá, os doces, doce de mamão, doce de leite, tem a pessoa pra fazer a sopa. Tudo é dividido, na reunião que nós fizemos aqui já colocamos tudo que cada um vai fazer, e os nomes que cada um se preocupa só com aquilo [...]

Na narrativa de Celita a descrição da divisão de tarefas é familiar, as comunidades dos seringais aprenderam a viver de forma colaborativa, a divisão em primeiro é no agrupamento familiar cada qual tem sua função e assim todas as horas do dia são preenchidas com muito trabalho. Os homens ocupados com a construção dos banheiros, mas a mulher tem a responsabilidade de ir até a localidade preparar o almoço deles. Na casa as atividades são intensas, “matança” dos porcos, a limpeza e o corte feito por ela e seus filhos. E todos vão pouco a pouco colaborando com as funções da casa e com as atividades extras para a festa.

Figura 4 - Comunidade São Francisco, alimentação das criações.



Fonte: Rachel Dourado, junho 2013.

As atividades são muitas, o que não falta é serviço. Todos que chegam com disposição vão encontrar algo bom e cansativo para fazer, mas alegre a todos o envolvimento nas atividades familiares. Segundo Maria Leonice Lima de Souza, (Pesquisa de campo, julho 2013). Entrevista na íntegra p. 120, linha 05, *“trabalho com agricultura, para consumo, aqui acolá nós vende alguma coisa, mas é mesmo pra consumo, não falta, quando sobra a gente vende.”*.

As necessidades essenciais são satisfeitas, as famílias são produtivas, vendem e trocam entre si o que é produzido na localidade. No período da festa o mesmo ocorre, e conforme viés produtivo é distribuído às tarefas e os produtos que irão produzir e comercializar no festejo.

Celita Araújo, brasileira, natural do Acre, nasceu em 21 de maio 1968. Durante a preparação para entrevista, continuava a organizar a cozinha e a casa estava cheia de visitas, (peregrinos que adentram antes da festividade). Esperamos um bom momento para não haver interrupções. Organizadas, seguimos na escuridão da noite, iluminados com lamparina, nossa conversa, já com permissão para gravar, Celita ficou envergonhada, porém prossegue.

1. (risos) Moro há 33 anos, quando casei vim pra cá, mas faz 8 anos que nós começamos a participar da procissão, eu nasci no Bom futuro e me criei lá. Fica

duas horas daqui de pé, onde mora minha irmã, a Teca, e quando casei vim morar aqui no cumaru (colocação).

2. Nesses 33 anos já passava gente pra pagar promessa e voltava para deixar os milagres, nesse tempo eram os milagres, se tinha doença na perna fazia uma perna de pau ai deixava lá aquele montão de milagres, era mão, era peito, era cabeça, tudo tinha lá, roupa, deixava a “rumona”²⁰ de roupa, fazia promessa para deixar roupa. Tudo quanto era parte do corpo tinha lá. Mais brasileiros, os peruanos começaram mais depois que começou a procissão, tinha antes, mas era pouco, agora vem mais peruano que brasileiro, antes da procissão o pessoal ia lá, deixa as coisas, acendia as velas e ia embora e iam em qualquer tempo, era o ano todo, eu fui um “bocado” de vezes, ia com o pessoal tirar terço.
3. Depois que começou a procissão eu só fui um ano, eu comecei a trabalhar aqui fazendo a venda, ai não fui mais.
4. Nossa organização se organiza, tem um grupo todo mês faz reunião, ai vai como que nem passou agora, tá chegando o dia da Santa, aí vamos fazendo reunião, marcando e dividindo quem vai fazer as coisas, quem vai fazer o que, depois do dia da Santa a gente faz reunião para vê o que faltou para vê o que precisa melhorar, que todo ano a gente tem trabalho, já fizeram uma cozinha grande, agora tão fazendo banheiro, foi feito uma área grande na frente que todo ano colocava palha e o tempo derrubava tudo e no outro ano tinha que fazer de novo, ai fizeram de telha, aquela área grande que tem na frente, agora tão no banheiro, quatro banheiros, na reunião que marca e cada um dá o nome, quem vai fazer o que.
5. Eu daqui levo feijão, levo farinha, levo carne outro vem de lá e traz outra coisa, chega lá a gente faz a comida, agora eu tava indo cozinhar, levei carne, levei feijão, arroz, para cozinhar para esses que tão trabalhando. O pai Joca trouxe feijão, trouxe banha, o Dea trouxe feijão, farinha e torresmo, e assim vai, eu faço o almoço, eles almoçam e ficam trabalhando.
6. O que eu acho melhor nessa época é porque é um tempo que a gente fica se preparando para chegar aquele dia, todo mundo ansioso esperando e já esperando que passe que sabe que o cansaço é grande, mas é bom, uma alegria, a gente passa o dia cozinhando e a noite toda e o outro dia conversando.
7. A gente divide aqui em casa eu e meu esposo faz o churrasquinho de porco, o Tota faz de boi, e traz água e refrigerante de lá da cidade para vender aqui, vela, outros já faz o café da manhã, que é o Totonho e a Leonarda que vai fazer agora, a Teca é a do mungunzá, dos doces, doce de mamão, doce de leite, tem a pessoa pra fazer a sopa, tudo é dividido, na reunião que nos fizemos aqui já colocamos tudo que cada um vai fazer, e os nomes que cada um se preocupa só com aquilo.
8. Dia 14 chega muita gente, se tiver de verão mesmo passa um mucado desse do carro e fica ai no Tota, já para ir, tem muitos que chegam dia 14 de pés e eu já fico preparada e vou lá pro Tota fazer almoço, eles chegam almoçam, repousam um pouco e vão e dormem na capela, dai ficam passando uns, indo e vindo, mas quando é dia 15 nos passa a noite todinha na cozinha fazendo comida, preparando tudo, quando é 5 horas já tem moto chegando, porque ninguém quer ficar na poeira dos carros, caminhão, então 5h nos tem que tá com as mesas

²⁰ Muita coisa

tudo pronta, de café da manhã de tudo e a churrasqueira já com fogo para começar o churrasco.

9. Toda vinda vem padre para celebrar a missa, padre brasileiro e padre peruano, um faz uma parte da missa e o outro a outra. Celebram a missa todinha na procissão, depois que começou a procissão lá na cidade de Assis Brasil, fizeram um decreto para feriado, os peruanos que vem mesmo, teve uma vez aqui no Tota que tinha 90 carros peruanos, com caminhão, e umas 60 motos, quem vai chegando primeiro vai estacionando até perto, até de amanhecer a gente só vê o claro dos carros chegando.
10. Lá na capela tem outra turma organizada, fazendo comida lá também, lá tem água de coco, garapa, açaí, bolo, sopa, carne assada e o pessoal come, num instante acaba tudo, e cada ano eles tão se organizando mais, e quando eles voltam comem aqui, vai a carne dos dois porcos, sempre a gente mata dois porcos, vai todinha a carne do boi, e as galinhas, têm uma irmã que trabalha só com as galinhas, galinha caipira, galinha picante, mais arroz, macarrão e a salada.
11. Minha mãe morreu quando eu tinha 7 anos, eu só vim entender da santa Raimunda depois de me entender de gente, e só adulta que eu fui lá, a Igreja construiu aquela capela lá, num sei se foi promessa, mas sei que foi o pessoal que organiza as coisas na igreja quem trouxeram as coisas para construir, lá de Assis Brasil que veio o material.
12. A irmã Terezinha era a primeira que começou aqui, depois a irmã Maria, ela tá em Porto Velho, a Santa Raimunda sempre foi santa para a comunidade, eu já paguei promessa, tirar terço, acender uma ruma de velas, o pessoal faz promessa quando a situação tá meio apertada um tanto difícil, aí a gente se pega com ela, se resolver a gente tira um terço acende as velas e vai e paga mais de saúde. Os peruanos já trouxeram gente que não andava, dentro da rede e leva até lá, quando é o outro ano vem pagar a promessa, a pessoa já vem andando já vi passar aqui antes de ter ramal, vendo isso a gente acredita mais, cada vez mais, na Santa. No dia da procissão, tem muita gente que faz a narrativa lá, lá na frente, diz o que passou e tudo que aconteceu com ele, diz tudo lá, na hora da missa tem uma hora para quem quiser subir lá e contar sua história.
13. Depois que começou a procissão também vem máquina agora para arrumar o ramal, se num fosse não ia vim, vem só até aí e volta, tem três anos que vem até aí o Tota, os meninos tavam até brincando de colocar a Santa Raimunda lá pro final do ramal que é pra fazer o ramal todo, muita gente não vem antes por causa do ramal ruim.
14. No começo nós carregava água na cabeça, nos baldes, o fogão era um fogãozinho pequeno, uma cozinha pequena, tinha que fazer fogão lá em baixo com tijolo, passava a noite subindo e descendo na casa, naquele sufoco carregando água, agora tá lá com mergulhão, com energia, a gente leva o fogão a gás, eu levo o meu, outro leva, e a gente coloca lá, cada qual vai fazer sua parte, eu vou para lá de noite descascar macaxeira para cozinhar, de madrugada cozinho o arroz, a macaxeira e a gente vai fazendo suco, e os outros de uma hora pra frente tem gente fazendo tapioca e fazendo o que for pro café da manhã tudo de madrugada, ali é gente cortando verdura, mexendo cada um fazendo uma coisa e ajuda os outros, se eu termino minhas coisas primeiro já vou ajudar os outros.

15. Tem de tudo, no ano passado o marido daquela menina que tava aqui ele me deu 200 sacos de cajarana da mata, eu tô com uns 300 picolés na frízer, tô esperando que a energia volte, eles tão pedrado pedrado, mas num sei, tá sem energia desde ontem, caiu na hora da chuva, tô com o congelador da geladeira cheio, que eu congelo aqui para mandar pra lá.

A narrativa de Celita apresenta os percursos “peregrinos” vividos pelos sujeitos da floresta, majoritariamente todos os moradores da floresta vivem esses processos, de nascer em uma colocação, com o casamento mudar para outra colocação e então consolidar uma nova estrutura de vida familiar. Celita descreve a participação da fé na sua vida familiar, quando criança e na vida adulta. No percorrer da narração são evidenciadas as mudanças sócios espaciais que ela presenciou. As andanças peregrinas e as diversas correntes de devoção, conforme modelo econômico do período.

Nas três décadas que vive neste seringal presenciou dinâmicas distintas de devoção, com participação de brasileiros e peruanos, e somente na terceira década que a presença dos peruanos tornou-se significativa, apesar de sempre existir. Junto a isso, nesta mesma década a igreja católica passou a organizar a procissão ecológica para o Santuário de Raimunda, e com isso a quantificar a entrada de peregrinos, em função da escolha de uma data para a realização da procissão.

Na trajetória narrativa Celita adentra na fé, no movimento dos peregrinos, as mudanças da paisagem, e ela como uma observadora percebe as mazelas, os desejos, as curas e a entrega dos milagres, esse constante movimento de fé acalenta o morador da floresta, que também vive essas mazelas, porém perceber o outro surgir para pedir graças e voltar para entregar o milagre (ex-voto) é bom sinal, sinal que a Santa tem poder e que essa fé percorre longos trajetos, isso lhe faz crer e reunir força para trabalhar e seguir a organização devocional.

CAPITULO III - SANTOS POPULARES DA FLORESTA



Ilustração: Mapa da Reserva Extrativista Chico Mendes

3.1 ESPAÇOS SAGRADOS NA FLORESTA

A questão religiosa perpassa por toda história da humanidade, e é de grande relevância por sua diversidade cultural. Funciona como agente cultural, fruto das relações humanas constituída em diversos períodos que influencia e contribui com a formação das sociedades contemporâneas. O Acre tem no processo de formação social a presença de povos indígenas, que se comunicavam com os demais povos dos países fronteiriços, Bolívia e Peru. E com o processo de ocupação do território por nordestinos, sírios, libaneses entre outros. As manifestações culturais tornaram-se complexas e ricas.

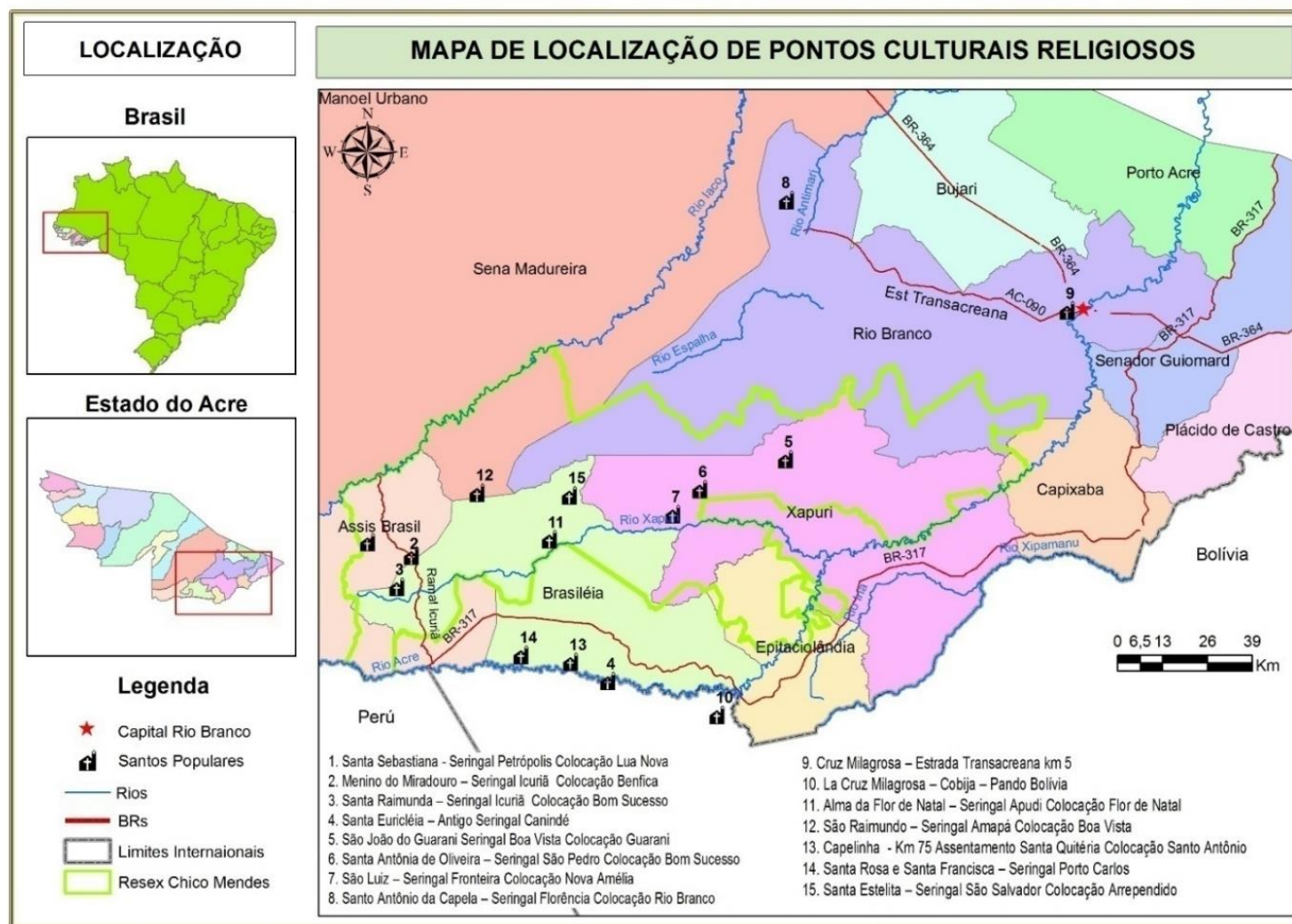
Os seringais, com suas colocações distantes umas das outras, também são povoados por personagens de fé, muitos trazendo em sua bagagem cultural experiências com as romarias, advindas do nordeste. Expressões que relacionam o profano e o sagrado. Ao estudar o espaço religioso no seringal, percebemos a forte presença do catolicismo e a força dos sujeitos em permanecer nas localidades tem vínculo com o culto aos Santos Populares. Sujeitos que ali viveram, trabalharam e sentiram as dores e sofrimentos. Sujeitos que pós-morte apresentam um marco simbólico e passam a ser cultuados pelas comunidades seringueiras como santos, dando força e motivação para os demais sujeitos seguirem na labuta diária na floresta. Na atualidade, esses personagens de fé alcançam fiéis nas áreas urbanas, que os buscam por diversas razões: cura de doenças, passarem em provas escolares, entre outros, e os sujeitos que vivem na floresta sentem proteção diária dos santos e os buscam e são atendidos na cura de doenças, melhora do roçado, entre outros.

O mapeamento dos santos populares teve como base pesquisas de campo realizada pela autora e a obra de Estanislau Klein (2003). A cada ida a um seringal, tínhamos novas informações. A religiosidade é algo presente no universo do seringueiro, a fé é percebida através das representações simbólicas encontradas em cada lugar sagrado, conseguimos visitar 15 espaços sagrados, num total de 16 santos populares (Figura 5).

O campo de pesquisa trabalhou com nossa sensibilidade, que a cada entrada percebia as relações dos sujeitos com o sagrado e as mazelas vividas nas localidades, adentrar as localidades foi realizado com grande dificuldade, os obstáculos da pesquisa, além dos epistemológicos, foram os naturais, as fortes chuvas fizeram nossa entrada ser tardia, o forte sol no verão (agosto e setembro) tornou um suplício caminhar em ramais, as caminhadas mata adentro foram difíceis diante dos animais da floresta, que hora ou outra cruzaram nosso

caminho, além das barreiras do corpo e nossos limites físicos, não preparados para caminhadas longas.

Figura 5 - Mapa de localização de pontos culturais religiosos



Fonte: Levantamento Rachel Dourado da Silva, 2014. Organizado por Ezaque Saraiva do Nascimento. Setembro, 2014.

Viver na Amazônia requer dinâmica para trabalhar no período do verão ao inverno. Nosso desejo de iniciar as entradas na floresta no mês de julho não foi possível. No ano de 2014, vivemos períodos de fortes chuvas, nosso inverno foi rigoroso, isolando-nos do Brasil por via terrestre, e os povos que vivem na floresta viveram esse isolamento, as dificuldades para entrar e sair das colocações. As fortes chuvas tornam inviável adentrar nos seringais em julho. As águas não haviam evaporado dos ramais, e as máquinas estavam por iniciar as entradas nas localidades com finalidade de planar os ramais, em comunicação com moradores de alguns seringais, o relato era o mesmo, “até moto tá ruim de passar”, percebi que era melhor esperar o verão rigoroso de agosto.

Experimentar os seringais deu à pesquisa foco aos ex-votos e ao isolamento das comunidades. Estávamos com a relação dos Santos, nome dos seringais, alguns com nome da colocação, outros não, dispomos de dois meses para concluir o levantamento.

O mapa geopolítico dos seringais da reserva extrativista do banco de dados da Secretaria de Meio Ambiente ajudou a coordenar nossa orientação, mas mesmo com mapa, alguns lugares como o seringal São Salvador não eram conhecidos pelos sujeitos dos demais seringais e intuitivamente e acreditando nas informações do mapa persistimos até encontrar. A cada entrada descobríamos uma nova alma milagrosa, porém não foi possível ir a todos os lugares que descobrimos no desenvolver do mapeamento.

O resultado foi o mapa com quinze pontos culturais religiosos; destes, nove estão na Reserva Extrativista Chico Mendes, três às margens do rio Acre, vale destacar que o ponto 14, próximo às margens do rio, tem duas santas na mesma capela, na divisa com a Bolívia, um às margens do rio Acre, mas em território boliviano, no núcleo urbano de Cobija, dois em Rio Branco, um próximo ao município de Sena Madureira.

Adentramos as comunidades para vivenciar as experiências e contamos com a colaboração dos moradores com suas narrativas de experiências, os obstáculos quando surgiam proporcionar “facilitar” nossa entrada a áreas que não imaginávamos haver santos populares, e assim conhecemos um pouco mais das comunidades da floresta para (ARIAS, 2011, p.29):

La peregrinación inculca que la vida puede y debe ser un viaje con sentido que es preciso recorrer con empeño, asumiendo la objetividad de los valores que nos hacen más. Hogar, destino, camino y compañía tejen el peregrinaje como

referente primordial de uma vida dotada de sentido, tanto em lo que ya se posee como en lo que mediante la búsqueda esforzada es alcanzable.²¹

A cada obstáculo, conseguíamos “compreender” o universo seringueiro, as necessidades devocionais, o processo de santificação, a organização dos seringais e a perpetuação da memória de um povo, a função da memória coletiva nas celebrações aos santos populares da floresta.

Durante nossa pesquisa, a cada lugar registrávamos os ex-votos encontrados e conversávamos com as famílias próximas da localidade, a maior incidência são ex-votos em busca de cura de doenças, relacionamos os principais ex-votos no Quadro 2.

Quadro 2 - Ex-votos dos santos da floresta, levantamento das principais doenças no seringal

DOENÇAS RECORRENTES NOS SERINGAIS				
Seringal	Colocação	Nome do Santo	Ex-voto	Doenças
Petrópolis	Lua Nova	Santa Sebastiana	Cabeça/Blusa/Chapéu/Terço/ Flores/ Perfume/ Nariz.	Dor de Cabeça/ Leishmaniose.
Icuriã	Benfica	Menino do Miradouro	Flores/ Boné/ Blusa	Malária/ Dor de cabeça.
Icuriã	Bom Sucesso	Santa Raimunda	Terço/ Fitas/ Cabelo/Vestimentas para a imagem da Santa/ Fotos/ Roupas/ Chapéu/ Mochila/ Raio-X/ Brinquedos/ Muletas/ Mãos/ Seios/ Nariz/ Escultura humana em madeira/ Pés/ Útero/ Flores.	Dor de cabeça/ Câncer/ Câncer de Mama/ Infecção/ Câncer de colo de útero/ Pneumonia/ Acidente de trabalho/ Acidente na estrada/ Acidente de barco.
Antigo seringal Canindé	Margens do rio acre	Santa Euricléia	Blusa/ Flores/ Vestido	Malária
Boa Vista	Guarani	São João do Guarani	Cabeça/ Flores/ Escultura de animais/ Blusa/ Raio-X/ Tronco Humano/ Pés/ mãos/ Fotos/ Caderno/ Equipo/ Cabelo/ Short/ Ultrassonografia Uterina/ Placas com nome de familiares/ Placa de endereço de residência/ Quadros/ Pela de Borracha.	Dor de cabeça/ Câncer/ Acidente/ Câncer de colo de útero/ Doenças com internação hospitalar no núcleo urbano.
São Pedro	Bom Sucesso	Santa Antônia de Oliveira	Cabeça/ Blusa/ Abóbora/ Roupas infantil.	Doenças na infância/ Câncer/ Dor de cabeça.

Continua.

²¹ A peregrinação indica que a vida pode e deve ser uma viagem com sentido que é preciso viajar com empenho, assumindo a objetividade dos valores que nos fazem mais. Casa, destino, caminho e companhia tecem a peregrinação como referência primordial de uma vida dotada de sentido, tanto no que já possui como o que se esforça para alcançar.

Quadro 2 - Ex-votos dos santos da floresta, levantamento das principais doenças no seringal (conclusão)

DOENÇAS RECORRENTES NOS SERINGAIS				
Seringal	Colocação	Nome do Santo	Ex-voto	Doenças
Fronteira	Amélia	São Luiz	Dinheiro/ abóbora/ vestimentas/ cabeça/ perna.	Ferimento grave/ infecção/ Malária.
Florência	Rio Branco	Santo Antônio	Útero/ Vagina/ Coração/ Cabelo/ Muleta/ Pé/ Vestimenta/ Flores/ Corpo humano/ Cabeça/ Mão/Dinheiro/ fitas.	Câncer de colo de útero/ DST/ Acidente/ Malária.
Estrada Transacriana	Km 5	Cruz Milagrosa	Pés/ Tronco/ Santos/ Flores/ Cabeça/ Roupa infantil/ Quadril/ Bonecos/ Terço/ Fitas	Acidente/ Dor de cabeça/ Doenças na infância.
Cobija – Pando – Bolívia	Núcleo urbano, próximo às margens do rio.	<i>La Cruz Milagrosa</i>	Placas de famílias/ Flores/ Pinturas de coração.	Doenças no coração
Apudi	Flor de Natal	Alma da Flor de Natal – São Luiz	Fitas/ Vestimentas	Acidente
Amapá	Boa Vista	São Raimundo	Boné/ Vestimenta	Dor de cabeça
Km 75 Assentamento Santa Quitéria	Santo Antônio	Capelinha	Vestimenta/ Fitas/ Cabeça/ Mão/Pé.	Acidentes/ Dor de cabeça.
Porto Carlos	-	Santa Rosa e Santa Francisca	Fotos de crianças hospitalizadas/ Fotos de crianças curadas/ Flores/ Roupas/ Perna/ Pés/ Boné/ Flores	Doenças na infância/ Acidentes no trabalho/ Dor de cabeça.
São Salvador	Arrependido	Santa Estelita	-	-

Fonte: Rachel Dourado da Silva, 2014.

3.2 MENINO DO MIRADOURO

O Menino do Miradouro está localizado no ramal do Icuriã, colocação Benfica, seringal Icuriã, Assis Brasil – Acre. O lugar sagrado fica às margens do ramal e é ponto de devoção. O lugar possui uma grande cruz em alvenaria e é marcado com muitas velas, flores artificiais, blusas, bonés, entre outros objetos dados como pedido ou em agradecimento por ser “valido²²”. O Acesso é todo feito de moto, mas no período de verão entra carro, o local fica a mais ou menos uma hora e meia da cidade. O Menino do Miradouro recebe devotos ocasionalmente, não existe um dia para festejo e devoção.

²² Termo popular usado localmente para dizer que foi atendido pelo sagrado.

A família mais próxima não sabia informar a história do Menino do Miradouro, ou não gostam de comentar, pelos olhares atentos, o cuidado em nos receber, percebemos um receio em contar a história, segundo Estanislau Klein (2003), p. 58:

O menino do Miradouro é conhecido por este nome por ter sido enterrado num lugar assim chamado na colocação Benfica, Seringal Icuriã. A História do menino do Miradouro é iniciada com dois meninos, irmãos, caminhando em direção a colocação Talismã, um deles portava uma espingarda que foi utilizada para tentar colher frutas conhecidas por marajá. Na tentativa de colher as frutas a espingarda disparou o tiro, ferindo mortalmente o menino.

O lugar sagrado fica às margens do ramal, de fácil acesso, os devotos sempre passam para fazer uma prece, e a comunidade, ao passar pelo local, deposita um ramo de qualquer planta encontrada; os moradores com os quais conversamos se sentem protegidos por esse amparo e cuidado espiritual e creem que, se são atendidos, é porque a alma vive em um bom lugar.

Figura 6 - Ramal do Icuriã Lugar Sagrado do Menino do Miradouro



Foto: Rachel Dourado, agosto 2014.

3.3 SANTA SEBASTIANA: ALMA DA LUA NOVA

A Santa Sebastiana, conhecida como Alma da Lua Nova, está localizada no Seringal Petrópolis, colocação Lua Nova, Assis Brasil, Acre. O acesso ao lugar sagrado dá-se pelo ramal do Icuriã de moto até a colocação Altamira, onde fica a casa do seu Ozias Moraes Farias, que, segundo ele, esse ano, a romaria contou apenas com 38 fiéis. A celebração até a localidade é feita todo segundo sábado do mês de julho. Da casa do seu Ozias até a Capela são 4 quilômetros de caminhada na floresta, com algumas subidas e travessias por pinguelas,²³ sendo uma pinguela no início e duas já no entorno do lugar sagrado. Antes de entrar na localidade, já conhecíamos a história de morte da Santa, porém sempre que possível perguntávamos a algum comunitário a causa da morte e como se deu a santificação popular.

A paisagem é incrível, no trajeto não encontramos nenhuma casa. Mata densa com um varadouro, cuidado pelo seu Ozias, permite o acesso a pé até a localidade. Ao chegarmos, encontramos uma placa com o nome “Sebastiana Luca da Silva, nascida em 1955, falecida em 12 de novembro 1978” com o dizer “as tuas virtudes de amor, carinho, respeito e fidelidade te levou a morte”. No lugar sagrado, encontramos muitos ex-votos, pés, cabeças, blusas, bonés, flores e marcas de muitas velas. Segundo seu Ozias Moraes Farias, Sebastiana era casada com um seringueiro e tinha filhos, no entorno da sua casa havia um vizinho viúvo que tinha interesse em ter relação sexual com ela, mas ela não queria. Manteve-se fiel ao seu esposo, um dia, porém, na espreita, esse vizinho esperou o marido de Sebastiana sair e foi até a casa dela, onde a assassinou e abusou sexualmente. A história é tão forte que as famílias sentem receio em contar. Seu Ozias e sua esposa são devotos, e é costume frequentar o lugar para pagar promessa. Ele relatou que agora tem dificuldade para caminhar após as aplicações do medicamento para tratamento de Leishmaniose, mas mesmo assim não deixa de ir e de cuidar da manutenção do caminho.

²³ Galhos, pau utilizado como “ponte” para atravessar pequenos igarapés, córregos.

Figura 7 - Capela Santa Sebastiana



Fonte: Foto Rachel Dourado, agosto 2014.

Figura 8 - Ex-Votos deixados na Capela Santa Sebastiana



Fonte: Foto Rachel Dourado, agosto 2014.

3.4 SANTA EURICLÉIA

A Santa Euricléia está localizada às margens do rio Acre no município de Brasiléia, o acesso dá-se por meio da Estrada do Pacífico, km 38, ramal de acesso à Colônia Porto Seguro, de lá pegamos um barco com o senhor Mário Alves de Souza, que vive às margens do rio nesta colônia. O trajeto de barco é feito subindo o rio, o trajeto num barco a motor dura uma hora e quarenta minutos. O acesso nesse período de barco é lento e deve ser feito por quem conhece de navegação no Rio Acre, pois, além de muito seco em diversos pontos, encontramos muitos balseiros, o que coloca a navegação em risco e é necessário redobrar atenção. O lugar sagrado da Santa Euricléia fica no antigo seringal Canindé, as margens do rio ao lado do Brasil, atravessando o rio já é território Boliviano, seguindo por lá até a BR, caso houvesse ramal, teríamos acesso pelo km 50. Segundo relatos de moradores, Euricléia morreu afogada e dias depois encontraram seu corpo ainda intacto. Segundo Mário Alves de Souza (Pesquisa de campo, agosto, 2014):

A história dela, como ela morreu eu não sei explicar não, sei que ela morreu afogada, agora não sei como é que foi, eu sei que ela foi encontrada aqui nessa direção onde é a capela e tornou-se uma santa popular. O pessoal da região acredita nela e acharam que deveriam fazer uma capela e acreditando nela as coisas vem dando certo para a população. A família mesmo dela nunca me contou a história, sei que ela foi achada aqui e que hoje é uma alma milagrosa, a maioria da população acredita, o povo visita, tem 30 e poucos anos que eu conheço essa história, tem tempo.

A festa em devoção a Santa Euricléia ocorre todo segundo sábado do mês de julho. Seu Mario contou que esse ano deu muita gente, que eles pernottaram lá, pois estavam organizando tudo, construindo bancos, e que após a celebração da missa foi oferecido um almoço para todos. A capela da Santa Euricléia é feita em alvenaria, tem uma cruz e uma placa com o nome “Euricléia Alma Milagrosa”. No lugar sagrado encontramos marcas de velas, blusas e bonés entregues a santa como agradecimento à graça recebida.

Figura 9 - Capela Santa Euricléia

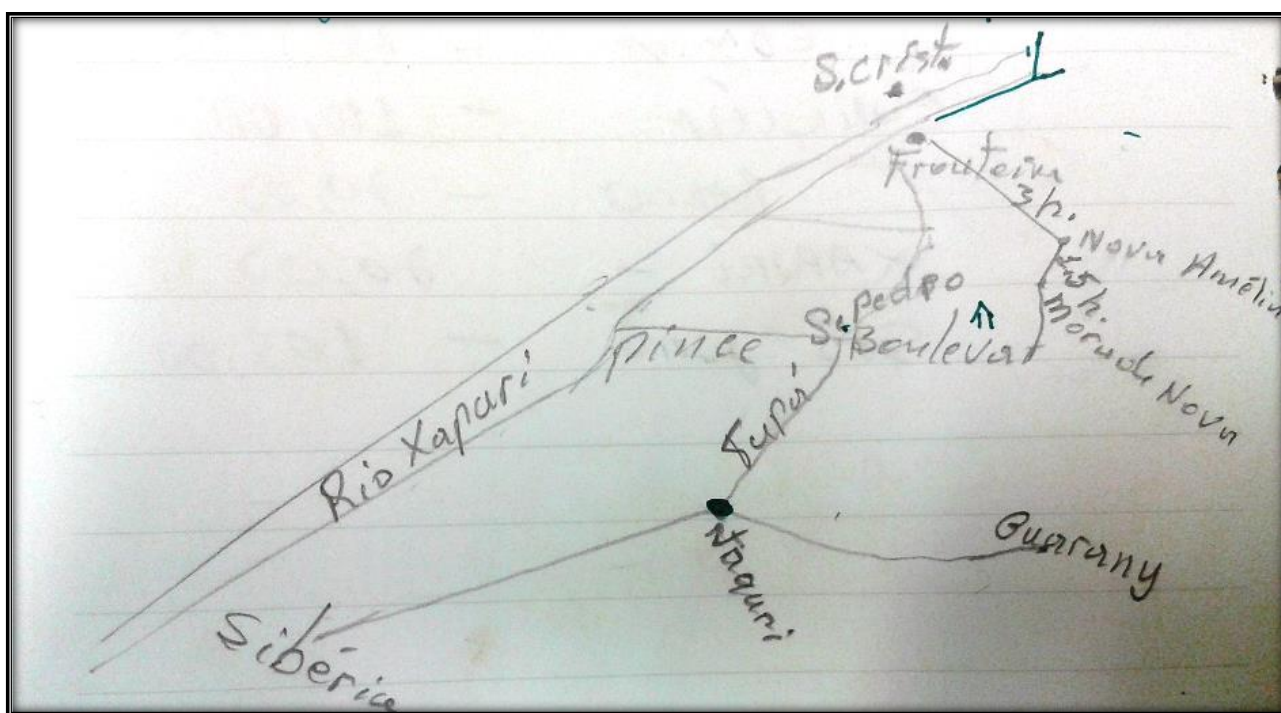


Fonte: Foto Rachel Dourado, agosto 2014.

3.5 SÃO JOÃO DO GUARANI

Durante o planejamento para adentrar aos seringais São Pedro, Boa Vista, Fronteira, Apudi entre outros, o que parece geograficamente próximo não é tão simples assim. Compreendia que estavam próximos, mas era fácil entender que não existe conexão entre alguns, uma opção dada foi seguir de barco pelo rio Xapuri, navegando lentamente entre os balseiros, ou recuar segundo as orientações dadas por Ademir, que foi técnico do Centro dos Trabalhadores da Amazônia e acompanhou o projeto seringueiro. Ele fez o mapa mental do que seria possível adentrar por terra em Xapuri, na Figura 10, mapa mental do bairro Sibéria, o ramal, a bifurcação que divide ida ao São João do Guarani e ida ao Seringal Fronteira São Pedro. Resolvido recuar e desistir de realizar algumas entradas, organizei-me para ir ao São João do Guarani.

Figura 10 - Mapa Mental do Bairro Sibéria.



Fonte: Ademir Pereira Rodrigues, agosto 2014.

O São João do Guarani está localizado no Seringal Boa Vista, colocação Guarani no município de Xapuri. O acesso é todo por terra. Ao sair do núcleo urbano de Xapuri, atravessamos com balsa o Rio Acre e chegamos ao bairro Sibéria, de lá o acesso é feito pelo ramal, que no período estava todo bom, devido às máquinas terem passado na localidade recentemente. São 25 quilômetros da balsa até a capela, o “obstáculo” da viagem são as

cigarras, são tantas no período, que é extremamente necessário usar proteção no rosto para não ter o olho ferido por uma cigarra, e os banhos são certos, pela “urina” da cigarra. Ao chegar à localidade encontramos um grupo de fiéis pagando promessa, mesmo fora do período da festa. Voluntariamente, os fiéis buscam o lugar sagrado com intuito de renovar seus votos e agradecer à graça recebida. O dia da festa de São João do Guarani é dia 24 de junho, e João morreu com febre ocasionada por malária. Segundo narrativa de João Ferreira Lima, dados do professor (KLEIN, 2003, p. 35):

Eu sei dizer que ele vinha viajando ai do outro rio, quando chegou naquele local, não aguentou mais e caiu e morreu lá [...] A causa dele é que ele já vinha sofrendo do que antigamente se chamava de impaludismo, vinha sofrendo e vinha saindo para se tratar aqui em Xapuri, ai não resistiu. Não conseguiu nem chegar na casa e ficou lá. No outro dia, vinha uma pessoa e topou o homem morto. Ai o dono da casa veio, olhou e falou: é desconhecido! Ai foi no barracão e avisou o gerente que tinha um homem morto, lá no meio do varadouro, nem de que, sabe, ai dizer que não tinha ferimento, ai o gerente falou: ele passou aqui muito doente, e ia se tratar em Xapuri. Ai juntaram uma multidão de gente, vieram e sepultaram o homem lá, e lá ficou.

Na composição do lugar sagrado encontramos uma cruz, a capela, a igreja, o lugar sagrado fica em frente à escola Padre Jósimo, uma das escolas criadas pelo Projeto Seringueiro. No local são depositados muitos ex-votos, como: cabeça, membros, pé, mão, cabelo, blusas, boné, animais de madeira e porcelana, placas em madeira, velas, flores, entre outros.

Figura 11 - Capela São João do Guarani: Ex-votos.



Fonte: Foto Rachel Dourado, agosto 2014.

Figura 12 - Capela e Igreja do São João do Guarani-fieis rezando o terço- pagamento de promessa



Fonte: Foto Rachel Dourado, agosto 2014.

3.6 SANTA ANTÔNIA OLIVEIRA

A Santa Antônia Oliveira está localizada no Seringal São Pedro, Colocação Bom Sucesso no município de Xapuri. O Acesso é difícil, parte é feito com moto, e o restante, caminhando. Ao sair do núcleo urbano de Xapuri, atravessamos com balsa o Rio Acre e chegamos ao bairro Sibéria, de lá o acesso é feito por ramal, seguimos em direção ao São João do Guarani, mas ao chegar ao Seringal Taquari, viramos à esquerda no ramal em direção ao Projeto de Assentamento Tupá, mas não andamos até o Tupá, antes entramos outra vez à esquerda em direção ao Seringal Bom Levar. Ao chegar lá, a comunidade estava num verdadeiro alvoroço, pois um caminhão havia ido até a localidade e estava preparando-se para sair em direção à cidade, e todos estão prontos para ir de carona no caminhão, que tinha previsão para voltar com um material. Lá conseguimos informações dadas às pressas, pois o caminhão já estava de saída. Seguimos adentrando de moto até a casa do comunitário e músico Filé. A casa dele é o ponto final de acesso com moto. Filé nos ensinou o caminho que

dá acesso ao Baixa Verde, onde vive a família do seu Fabiano. Caminhamos cerca de 1 hora até o local.

Ao chegar, fomos bem recebidos e por volta das 10 horas da manhã e ao saber do nosso objetivo, foi logo providenciando comida enquanto conversávamos e tomávamos um café. Seguimos logo, pois segundo seu Fabiano a caminhada seria longa e iríamos gastar uma média de 2 horas até a capela, mas no meio do caminho íamos encontrar uma casa, para pedir nova orientação. Almoçamos rápido e seguimos, pois tínhamos intenção de na volta ir à outra capela. Saímos e já com duas horas de caminhada chegamos à casa da senhora Maria Raimunda e sua filha Marciane Rosas de Oliveira, logo convidamos para irem conosco, porém dona Maria pediu que a filha fosse, e essa de pronto estava disposta a ir. Informou que de lá até a capela eram mais de 2 horas, e ficamos um pouco assustados, porém obstinados, o moto-taxista que ia comigo tinha apelido de Zezé e era um senhor de meia-idade bem alegre e disposto. Seguimos os três, a menina conhecia o caminho e foi de prontidão, pois haviam feito uma derrubada e sem a presença dela certamente íamos nos perder. Ao entrar novamente na mata, deparamos com uma Irara²⁴, só vi o vulto da mesma. E seguimos, caminhando longa jornada a passos apressados e atravessamos uma área de capoeira, onde recentemente haviam derrubado, e o mato estava alto pronto para a entrada do fogo. Passamos por meio dele, seguindo nossa condutora Marciane. Após quase duas horas de caminhada, chegamos em um campo com algumas moitas e marcas de queimada, ela não reconheceu o lugar, pois era recente esse novo campo e não havia casa no entorno. Paramos um segundo para pensar, e Zezé tomou a frente, pois havia andado por ali há alguns anos e acreditava estar bem próximo, quando vi um bicho preparado atrás de uma moita para nos atacar. -“Não sei se é um cachorro, mas tem um bicho ali se preparando para atacar a gente” e ao concluir essa frase Zezé já estava com o facão na mão. Marciane seguindo-o e eu atrás. De repente, ali estava o bicho. A nossa segunda Irara estava na nossa frente exibindo seus dentes. Não sei explicar se por instinto ou cansaço nós três corremos em direção a Irara como para o enfrentamento e ela correu para longe. Passado isso avistamos do outro lado do campo a capela. Seguimos nossa direção, realizei o ponto no GPS, fiz as fotos e o Zezé fez o mapa mental do caminho percorrido partindo da casa do Filé. Como em todos os santos visitados, acendemos nossas velas, e fiz as fotos dos ex-votos. O local tem poucos ex-votos, encontramos cabeças, blusas,

²⁴ Segundo Wikipédia “A irara (*Eira barbara*) é um animal onívoro da família dos mustelídeos. É a única espécie do gênero *Eira*. Tem um aspecto semelhante ao das martas e fuinhas, podendo atingir um comprimento de 60 centímetros (não incluindo a cauda). As iraras habitam as florestas tropicais da América Central e América do Sul.”.

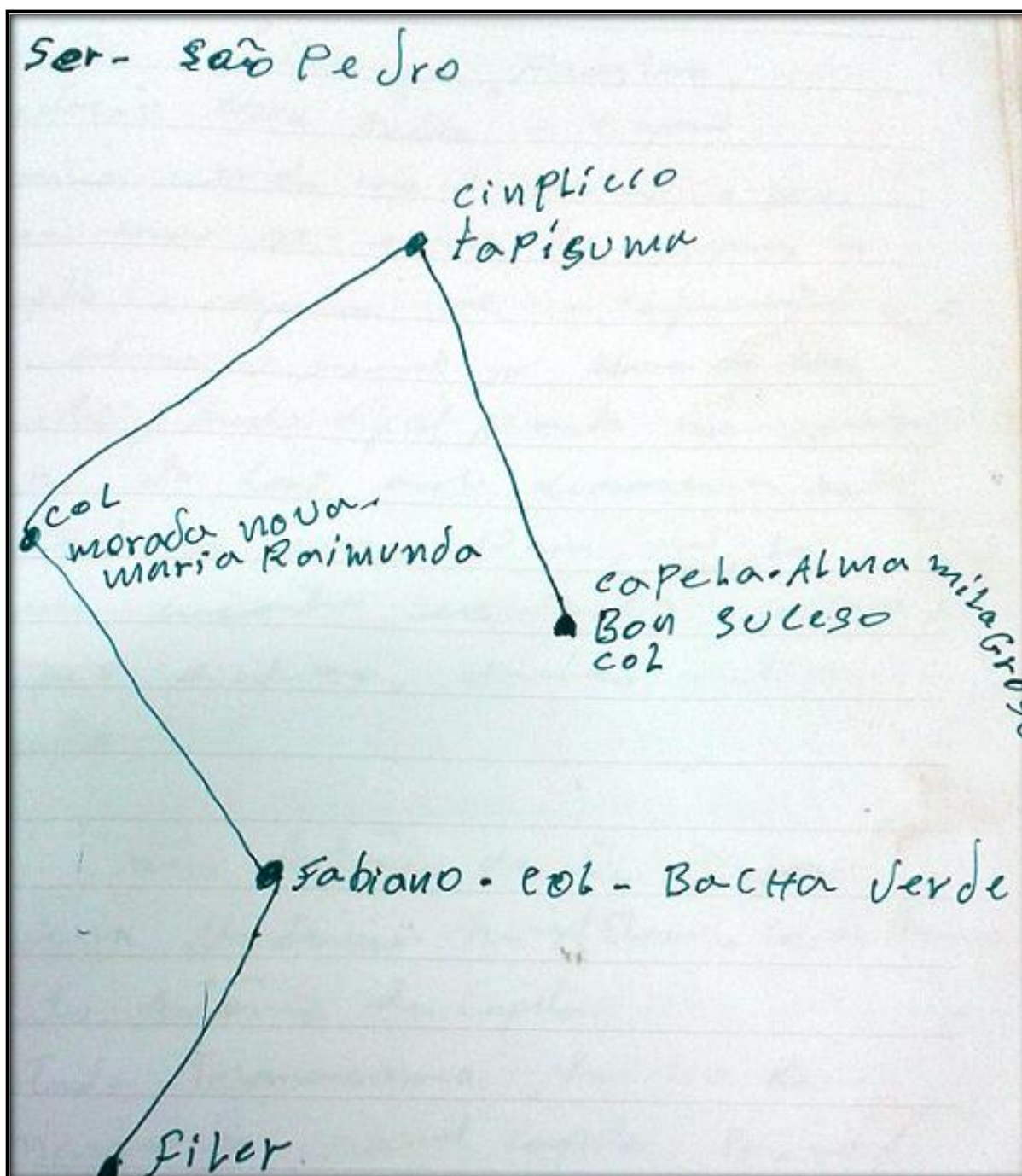
abóbora, já seca do tempo. Na composição do espaço sagrado encontramos uma cruz e a capela, com marcas de velas pelo chão.

Figura 13 - Capela Santa Antônia Oliveira.



Fonte: Foto Rachel Dourado, agosto 2014.

Figura 14 - Mapa Mental: Trajeto realizado caminhando até a capela



Fonte: José Maria Verçosa da Silva, Zezé, agosto 2014.

Antônia Oliveira foi parteira, segundo Paulo Klein faleceu em 9 de abril de 1968, os devotos a buscam em especial para ajudar as mulheres na hora do parto, porém a buscam por todas as causas. Segundo narrativa de Francisco Oliveira Silva, filho de dona Antônia, dado ao professor Paulo Klein (2003, p. 47) Antônia:

Era uma velha muito caridosa, foi uma parteira, assistiu com várias mulheres, graças a Deus nunca morreu nenhuma mulher no dia da assistência dela, você entendeu? Então ela fez muita caridade, dava dinheiro pra todo mundo [...] O trabalho dela era assistir desde aquele seringal que a gente tinha.

O percurso de volta foi exaustivo, ao chegar à casa de dona Maria, tomamos um suco de graviola para nos animar a seguir, já era muito tarde e até a casa de Fabiano levaríamos agora mais de duas horas, pois Zezé apresentava leves câimbras nas pernas.

Nos despedimos e seguimos nosso trajeto, após uma hora e meia de caminhada, Zezé se estirou no chão com a musculatura do seu corpo repuxando. Levava uma lata de vick e o ajudei a massagear suas pernas e foi o que pouco a pouco foi trazendo alívio, e Zezé, com muito sacrifício, conseguiu se reerguer e seguir até a casa da família de Fabiano. Ao chegar à casa já mais de 18h, fomos orientados a não seguir o trajeto, pois de lá até o local onde a moto estava havia outra caminhada de mais uma hora, além do trajeto com a moto, exaustivo. Eu deixei que Zezé decidisse, e ele optou por pernoitar na família de Fabiano, que oferecia acolhida.

O sorriso e a alegria da família em nos receber alegraram e aliviaram toda dor e a nossa preocupação com os familiares que estavam no núcleo urbano esperando nossa volta ou um simples contato. Após um banho na fonte d'água, banho bem gelado, na companhia das filhas de seu Fabiano, voltamos cada uma com um balde d'água na cabeça. Na casa, próximas ao fogo que aquecia as panelas, a companhia alegre de Gustavo, neto do casal, de 4 anos, eram quem motivava as conversas e brincadeiras sob a mesa da cozinha, construindo uma miniatura do seringal com todos os seus brinquedos, cavalos, porcos, onça, animais no comando, a brincadeira dele misturava-se as conversas da vida no seringal, de como era, de como é atualmente. Gustavo aproveitava sua brincadeira e usava um barco de brinquedo feito de algodoeiro por seu avô, para representar as viagens pelo rio Xapuri com a seringa. A avó de Gustavo pediu um espaço para conversar, queria ouvir nossas histórias e saber do trabalho que estava fazendo ali, e então fui conversando e contando um pouco do que sabia e do que estava aprendendo ali. Ao apresentar o livro do professor Paulo Klein, abri com uma narrativa que narra a história da Alma da Nova Amélia (São Luiz), e ao concluir o nome do sujeito que narrava a história era Otacílio Martins de Oliveira e de pronto a esposa do seu Fabiano disse - é meu sogro! e seu filho falou:- o vovô!, a partir de então fui ler outros casos e repetir esse várias vezes para todos ouvirem. A alegria em saber que as histórias do seu pai, sogro e avô tinham importância e estavam em um livro trouxe muita alegria para essa noite.

Jantamos carne de veado, estava muito saborosa e com os elogios seu Fabiano, nos brindou com suas histórias de caça e os segredos da floresta numa noite em que o céu mais bonito do mundo brilhava para quem estava na floresta.

História de Caça de Fabiano

Quando era menino e caçava acompanhado de meu pai, seu Tatá gostava muito de ouvir as histórias que ele contava, porém não dava tanto valor, não sabia que as histórias eram verdadeiras, até que um dia, curioso resolvi teimar com meu pai.

Na colocação ao lado ia haver uma grande festa, e meu pai era convidado, mas ele gostava de beber e todos em casa ficavam preocupados. Eu aproveitei o momento, pois tinha desejo de esperar no local proibido e como se soubesse meu pai antes de ir a festa alertou: – Fabiano, não vá esperar no lugar sagrado. Eu já havia planejado tudo e só esperava meu pai sair para ir esperar, tinha certeza que meu pai não deixava, pois o lugar devia ser bom de caça e ele queria pegar sempre as melhores.

Com a saída de meu pai, rumei para o lugar, com uma lanterna, uma espingarda e montei minha espera, lá no alto das árvores. De lá conseguia ouvir o barulho das festas e comecei a ouvir muitos gritos e isso me preocupou, pois meu pai gostava de beber e era danado para entrar numa confusão. Como que num instante tudo escureceu, a lua já não clareava e deu um vento tão frio com um barulho muito estranho. Eu fiquei aperreado, queria descer para encontrar meu pai, mas o barulho era forte e o turvo do animal mais forte ainda, com um piché forte. Foquei a lanterna no bicho e nada vi, quando senti foi uma puxada forte, e me agarrei na minha rede, lembrando do meu pai falando para nunca ter medo no lugar de esperar e assim tentei manter a calma, mas as puxadas eram mais fortes e com medo de perder a espingarda ou de disparar tirei o cartucho, e o bicho gigante puxava minha rede e soltava e do chão ao alto ia me jogando. Quando dei fé, o bicho largou, e eu um tanto assustado peguei a lanterna e foquei e vi um bicho bem grande já distante, olhei mais, e o bicho ia se transformando em animais diferentes, resolvi colocar o cartucho e disparei. Quando disparei, tudo clareou outra vez. Desci correndo da espera e voltei para casa assustado, meu pai já estava em casa e ao amanhecer ele me chamou: – Fabiano, vamos lá buscar a caça que tu matou. Eu, assustado, não tinha ideia de como ele sabia, e fomos caminhando até o local. Meu pai completava as palavras, dizendo que aquele bicho que matei era um bicho especial e que agora aquele lugar era um lugar como outro qualquer.

Quando chegamos lá vi um veado, lindo, como nunca vi em toda minha vida. E daquele dia em diante, aquele lugar virou um lugar bom de caça, mas o animal que protegia já não estava lá.

3.7 SÃO LUIZ: ALMA DA NOVA AMÉLIA

A alma da Nova Amélia, como é conhecido o São Luiz está localizado no Seringal Fronteira, Colocação Nova Amélia no município de Xapuri. O Acesso é difícil é o mesmo que fizemos até a Santa Antônia Oliveira, porém antes de chegar à casa do Filé na primeira bifurcação entra em um ramal à esquerda, ramal bem difícil de trafegar por causa dos tocos, não é possível chegar sem as informações dos comunitários no caminho. O ramal é cheio de toco e seguimos com muita atenção para não furar o pneu da moto. O último lugar de acesso com moto fica a uns 10 min. do local da capela. Segundo narrativa de Otacílio Martins de Oliveira, dado ao professor Paulo Klein (2003, p. 43), a história do santo começou assim:

[...] que ele, o cara, veio do Ceará e foi, pegô impaludismo e ficou maltratado na colocação. A colocação ficava de recanto, o pessoal não passava lá, e uns passavam e diziam: O Luiz tá melhor, outros diziam agora ele já pegô febre de novo, e foi causando impaludismo, o impaludismo é uma doença que vai matando devagar. Até que chegou num ponto, o comboeiro vinha do centro e passou lá pra olhá ele, e quando chegou ele já tava sem condições, ruim. O rapaz deixa o comboio todinho e vai no barracão avisá e veio doze homens para leva ele na rede. Quando chegaram ajeitaram tudo, mas não conseguiram viajar uns minutos ele morreu, dobrou-se no caminho, mesmo embaixo duma castanheira, ele pediu que não tirasse ele dali, que enterrasse ele ali mesmo e assim o patrão fez o pedido dele. Deixou lá um bocado de gente com ele e foi na outra margem buscar rancho. Trouxeram conserva, trouxeram muita coisa, né, ferramenta para cavá a sepultura. Ai veio muitas pessoas, mulher com menino novo e tudo, e fizeram acampamento na mata mesmo. Lá tinha uma fonte e essa fonte ninguém usava ela e nesse dia fizeram um caminho para trazê água da fonte para gente grande fazê comida pra menino. Eu sei, deu muita gente, era muita mesmo, mas no outro dia, depois que ele foi sepultado ficou assim, quase tudo limpo, ai enterraram ele e ficou lá a sepultura, ai todo mundo foi pra suas casas. Ai desse mesmo dia já começaram a passar mesmo naquele canto, ai todo mundo passava lá, depositava galho do mato lá. Ai o pessoal perguntava: rapaz pra que serve isso [...] Ai digo é porque a alma vai ser milagrosa, ai o pessoal ficaram dessa prece com ela, não sabe, ai começaram a fazê dela que nem milagrosa, não sabe, fizeram uma casa de palha, depois fizeram de zinco e hoje em dia tá lá. Até eu sei como foi que começou.

Ao chegar ao local sagrado, após os 10 min. de caminhada deparamos com uma capela semelhante à da Santa Antônia Oliveira, em madeira com telhado de zinco uma cruz e alguns ex-votos, como: cabeça, roupas e dinheiro, um prato de moedas antigas, cruzeiro, Figura 15. No entorno da capela havia dois homens brocando um campo e eles informaram que são atendidos pelo Santo.

Figura 15 - São Luiz Alma da Nova Amélia – Seringal Fronteira Colocação Nova Amélia.



Fonte: Foto Rachel Dourado, Agosto 2014.

Figura 16 - São Luiz Alma da Nova Amélia – Seringal Fronteira Colocação Nova Amélia.



Fonte: Foto Rachel Dourado, agosto 2014.

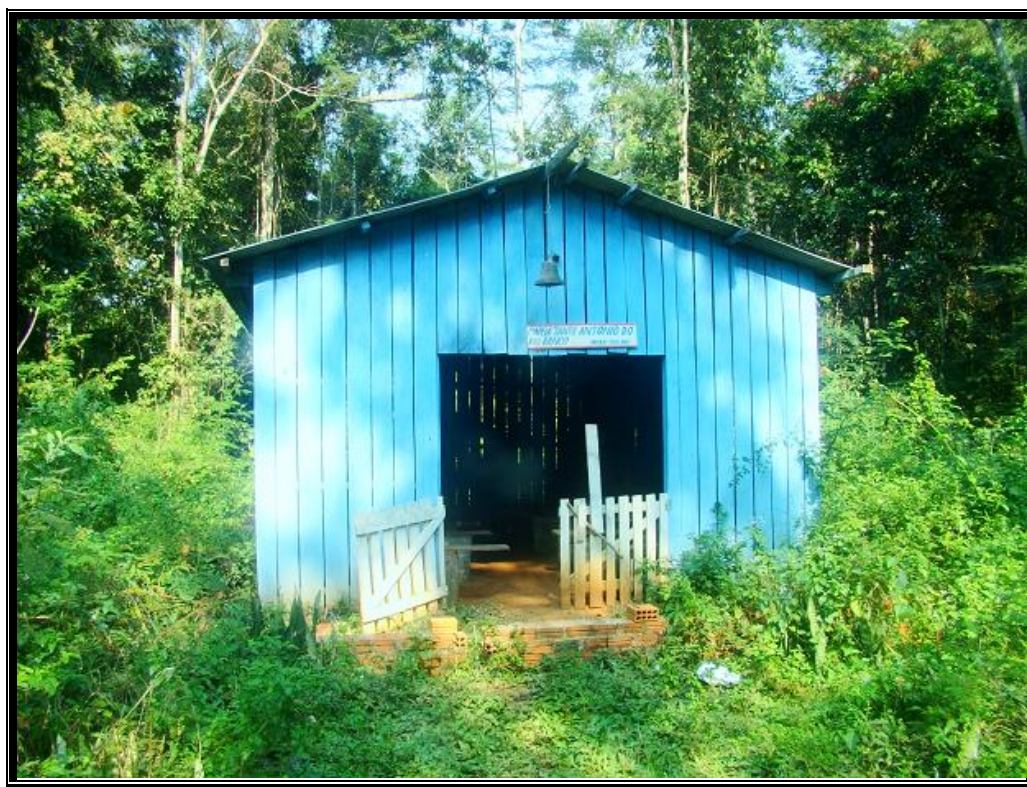
3.8 SANTO ANTÔNIO DO RIO BRANCO – DA CAPELA

O Santo Antônio da capela, como é conhecido também está localizado no Seringal Florência, Colocação Rio Branco, em Rio Branco. O Acesso dá-se pela Transacreana, Km 100, entra no último ramal à direita, ramal Massaranduba, bem próximo da entrada uns 8 ou 10 quilômetros entra no ramal à esquerda chamada ramal da capela. A entrada da capela fica a uns 20 quilômetros da entrada do ramal capela, existe uma placa sinalizando o novo ramal que é bem pequeno, e a entrada é quase imperceptível. Fomos de carro, pois fui informada por Dona Euda que o Padre Chagas estava indo com as irmãs da Paróquia Nossa Senhora de Fátima para celebração de uma missa e batizado de crianças. Segundo dona Euda Lopes Fernandes Gouveia, agosto (2014):

Antônio era o nome de uma pessoa, era um trabalhador, na época que ele faleceu os seringais existia uma modalidade de trabalhadores que se chamavam meeiros, então era aquela pessoa que cortava seringa de meia, o meu produto eu vou fazer, como é o caso se eu fizer durante o mês 10 pelas de borracha seriam 5 dele e 5 do patrão, ele vivia na casa da pessoa se alimentando, apenas no trabalho que seria a meia e esse senhor, esse empregado vivia na casa e lá por já ter bastante idade ele adoeceu, mas ele como percebeu ao longo da vida dele que o patrão era meio descrente, então ele se envergonhou de dizer pro patrão que estava se sentindo doente, até porque nas primeiras tentativas que ele falou para o patrão que estava doente, o patrão disse que ele estava era com preguiça, que ele era um malandro que não queria trabalhar. Diante dessa negativa ele piorou do que estava sentindo e não mais falou e foi trabalhar. Ele chegou um dia do corte de seringa, na tarde terminou o trabalho dele e foi carregar umas tabuas de paxiúba, que faz assoalho igual uma tábua, aí ele foi nesse local buscar essas tábuas de paxiúba, e nesse lugar até chegar na residência era uma ladeira e ao subir a ladeira as tábuas tombaram, uma para as costas dele e outra para frente, pesada e ele caiu de joelhos e ficou tipo uma cruz e ele de joelhos, lá ele faleceu e o patrão sentindo falta mandou ir atrás e quando viram, ele como estava morto naquela posição comoveu bastante, então esse boato se espalhou então todas as pessoas ficaram sabendo da crença popular e começaram a fazer pedidos e eram atendidos, já tem anos mas a fé ficou inabalada, mas todo aquele povo da localidade e da circunvizinhança tem fé, um local muito visitado por quem vai pagar promessa, mas não tem o cuidado necessário. Ele é considerado Santo, Santo Antônio do Rio Branco, rio Branco era a colocação.

O lugar sagrado tem uma capela toda fechada e dentro ex-votos, o túmulo, uma mesa e alguns bancos, pois as missas são celebradas dentro. Os ex-votos encontrados no local são cabeças, mãos, muitas muletas, dinheiro, havia um saco cheio de moedas e muitas notas de dois reais, cabelos, roupas de adultos e crianças, órgão feminino, mãos, entre outros.

Figura 17 - Capela Santo Antônio – Seringal Florência Colocação Rio Branco



Fonte: Foto Rachel Dourado, agosto 2014.

Figura 18 - Santo Antônio – Seringal Florência Colocação Rio Branco



Fonte: Foto Rachel Dourado, Agosto 2014.

3.9 CRUZ MILAGROSA

A Cruz Milagrosa está localizada na estrada da Transacreana, km 5, onde existe uma placa sinalizando a entrada do ramal a direita de quem vem da direção do núcleo urbano. O acesso é todo feito de carro, a Transacreana é toda asfaltada e a entrada do ramal até o lugar sagrado é de no máximo um quilômetro, logo é possível avistar uma grande igreja e ao lado direito o cemitério. O local onde está a Cruz Milagrosa é hoje um grande cemitério, porém segundo senhora Maria Sevy Dourado da Silva, há 44 anos foi com suas irmãs Nazaré Dourado e Maria Mavy e a amiga Valdívia e outras amigas pagar promessa, feita por minha mãe. O trajeto era longo, e saíram caminhando do bairro bosque até a localidade, aproximadamente 30 quilômetros, mas não aguentaram e pegaram uma carona numa picape e só assim conseguimos concluir a promessa. Na descrição dada, o local era aberto, só tinha uma cruz e uma capela e alguns túmulos. Atualmente, mudou muito, não era um grande cemitério, mas o local era muito conhecido e sempre as pessoas faziam promessas.

No local hoje encontramos um grande cemitério todo murado, bem organizado, com zeladores cuidando na manutenção e fazendo a segurança, a capela Cruz Milagrosa é bem conservada e cheia de ex-votos. Existem muitas placas em agradecimento e membros em madeira. Segundo pesquisa de Elane Cristina A. da Silva (2007):

Existem várias histórias de cenotáfios que detêm o poder milagroso em todo mundo e quando se fala em Santos Populares do Acre, logo o imaginário faz lembrar a Cruz Milagrosa.

A Cruz Milagrosa acreana teve possível origem na década de 40 e é contada através de duas versões principais. A primeira é a de um comboieiro chamado Artur, o mesmo vinha de um seringal há dias a procura de tratamento para uma forte malária. Muito cansado e com sede, ele sentou-se no pé de uma cajazeira em uma estrada de barro e ali mesmo faleceu.

Tempos depois um comboio avistou um homem e ao chegarem próximo perceberam que se tratava de Artur e que o mesmo havia falecido, porém seu corpo estava intacto e com aparência sublime de quem dorme. Resolveram então enterrá-lo e colocar uma cruz para identificar o local.

Após isso, as pessoas que passavam pela estrada de barro e consequentemente pela cruz começaram a fazer pedidos e mediante o alcance da graça deixavam objetos e velas em agradecimento. Logo uma capela de madeira foi erguida pelos devotos e até hoje a prática de agradecer permanece entre os fieis.

A segunda versão é a de um fazendeiro que mandou seus peões desmatar com uso de fogo uma grande parte de terras. No entanto, quando retornaram ao local no dia seguinte, uma cruz de madeira que estava no meio do pasto, continuou ilesa e o boato que a mesma era milagrosa começou a se espalhar.

Não se sabe se as duas histórias mencionadas se fundem em algum momento. Afinal, a única coisa real que se sabe é que ao redor da mesma foi feita uma capela e após alguns anos pessoas começaram a ser enterradas no local, transformando o espaço em um cemitério.

Hoje são encontradas várias peças de roupas, muletas, fotos, livros e outros objetos que são deixados por pessoas que acreditam ter alcançado a cura através da intervenção das almas da Cruz Milagrosa.

O comparecimento é diário, mas o dia em que recebe mais oferendas é o dia 02 de novembro, dia dos finados.

Figura 19 - Cruz Milagrosa – Transacreana Km 5.



Fonte: Foto Rachel Dourado, agosto 2014.

3.10 LA CRUZ MILAGROSA – COBIJA – PANDO – BOLÍVIA

La Cruz Milagrosa está localizada em Cobija, no núcleo urbano da capital de Pando-Bolívia. Estava fora dos limites da nossa pesquisa, porém tentar adentrar na Santa Euricléia áreas as margens do rio, fronteira com a Bolívia me fora mencionada pelos moto-taxistas no município de Brasileia sobre a Cruz Milagrosa na Bolívia. Ao retornar ao município de Brasília com intenção de adentrar aos demais santos que faltaram, foi possível conhecer *La Cruz Milagrosa*. Ao chegar ao lugar sagrado, alguns fiéis estavam acendendo velas e rezando, o entra e sai era uma constante. Perguntei de alguns se sabiam informar se era um homem ou uma mulher, mas ninguém soube informar e nem narrar a história. Informaram apenas que *La Cruz* está há muito tempo e que é sagrada, os devotos brasileiros e peruanos costumam ir com frequência ao lugar sagrado. A influência do catolicismo é presente, nos núcleos urbanos logo fora agregado à presença da Igreja instituída, neste caso ao lado da Cruz Milagrosa existe uma igreja católica erguida. Nas áreas de floresta a influência e a história da

santidade é passada de geração em geração constituindo e fortalecendo a relação com o sagrado e os símbolos aprendidos ao longo da vida nas diversas experiências e repassados de um a outro. Onde essa manifestação tornou-se visível e em grande proporção, a representação oficial se faz presente é aproveita o fluxo de devotos e aproveitou para consolidar a Igreja na localidade.

Figura 20 - La Cruz Milagrosa – Cobija – Pando - Bolívia.



Fonte: Foto Rachel Dourado, Setembro, 2014.

3.11 ALMA DA FLOR DE NATAL

A alma da Flor de Natal está localizada no município de Brasiléia, seringal Apudi colocação Flor de Natal. O acesso realizado para chegar à localidade foi através da Estrada do Pacífico, entrada no km 84, um percurso de mais de uma hora de moto até a capela. Os moradores que encontramos sabiam informar onde estava localizado, porém não sabiam contar se a alma é homem ou mulher, os relatos do professor Paulo Klein também não trazem essa informação, mas segundo as descrições dele referentes a este lugar, do período de tempo

da realização da sua pesquisa a nossa entrada, um tempo superior a 10 anos reforça o valor do papel da oralidade apresentado por Meihy, Holanda, (2013), na perpetuação da memória coletiva da comunidade. As muitas famílias que viviam no Seringal Apudi migraram para os núcleos urbanos, no nosso campo não foi mencionado que na localidade havia um zelador, o que visualizamos foi um lugar aparentemente abandonado, com algumas fitas e marcas de vela, a capela derrubada, certamente foi atingida por um galho de árvores, mas não houve nenhuma ação para reparar. No momento que fazia registro no local passou um casal com uma criança montado a cavalo e depositaram ramos. Conversando com o casal, Antônio de aproximadamente 30 anos relatou que nasceu na localidade e desde pequeno essa alma milagrosa já estava lá. Segundo Antônio José Pereira: “Rapaz eu ouvi falar que é homem, mas eu nunca fiz promessa, mas jogo o ramo toda vez que passo, num sei explicar porque, mais eu coloco, todo o pessoal coloca e eu coloco. Vem muita gente pagar promessa por causa de saúde.”.

Na Figura 21 Família passando as margens da capela, seu Antônio José e seu filho montado a cavalo, sua esposa Raimunda Nonata caminhando ao lado com um ramo na mão para depositar no espaço sagrado.

Figura 21 - Capela Alma da Flor de Natal.



Fonte: Foto Rachel Dourado, setembro 2014.

Figura 22 - Alma da Flor de Natal



Fonte: Foto Rachel Dourado, setembro 2014.

3.12 SÃO RAIMUNDO COUTINHO

São Raimundo está localizado no seringal Amapá colocação Boa Vista, em Brasiléia. O acesso até a localidade dá-se através da Estrada do Pacífico, entrada no km 84 é um percurso de mais de uma hora de moto até a casa da senhora Maria das Neves, moradora do Seringal Amapá, de lá seguimos caminhando acompanhadas do filho mais novo da senhora Maria das Neves, um menino de 10 anos. Da casa até a capela são aproximadamente 20 minutos, em uma área inclinada com igarapés e muitas árvores. Segundo Maria das Neves, (Pesquisa de campo, setembro, 2014),

[...] a história que eu sei é que a gente faz promessa com ele, quem tem fé é válido sempre nós aqui e as pessoas de fora vêm, faz promessa vem pagar e tem fé em fazer promessa com ele, eu vivo aqui tem 27 anos, quando eu vim pra cá já existia essa história. Eu já fiz promessa, tenho fé nele! Fiz uma vez uma promessa até pra esse meu filho mesmo, ele baleou a mão, aí eu fiz promessa com ele, aí eu fiz a imagem da mão e levei. Diziam que era preciso cortar o dedo dele, eu pedi que não cortassem, fiz promessa e tá até hoje, depois do tiro que ele pegou na mão, ele era

pequeno, era na base dos 15 anos, 12 anos, Não! Era 13 anos, ia fazer 13 anos quando pegou esse tiro na mão. Ai eu fiz essa promessa para não tirarem esse dedo dele, fiz a mão e levei pra lá. Graças a Deus não foi preciso tirar.

O lugar sagrado fica às margens de um varadouro e é ponto de devoção para a comunidade, à capela é bem conservada, a sua frente tem uma cruz, percebemos os ramos depositados, as blusas, marcas de velas, fitas, entre outros.

Figura 23 – Capela São Raimundo.



Fonte: Foto Rachel Dourado, setembro 2014.

3.13 CAPELINHA

A capelinha está no Km 75 Assentamento Santa Quitéria Colocação Santo Antônio em Brasília, o acesso dá-se pela Estrada do Pacífico, ao chegar no Km 75 entra no ramal e a capela fica aproximadamente 17 km. O lugar é bem cuidado, a capela é toda em madeira com telhado de zinco, o lugar sagrado é bastante frequentando, os ex-votos deixados lá são membros em madeira (cabeça, pés, pernas, braços, mãos) muitas blusas, flores). O túmulo e a cruz são marcados por velas.

Figura 24 - Capela. Na imagem frente da capela do km 75



Fonte: Foto Rachel Dourado, agosto 2014.

Figura 25 Ex-votos da capela



Fonte: Foto Rachel Dourado, agosto 2014.

Ao perguntar o nome do santo ninguém sabia informar, porém era unânime que se tratava de um homem, segundo Sergiane Ramos da Silva (Pesquisa de Campo, setembro 2014):

Da história que eu sei é que esse homem ele vinha passando ai no ramal ai ele morreu, ai disse que não tinha ninguém que conseguisse tirar ele, pesado. Eles iam levar lá pra colocação do sacado, lá no sacado tem um cemitério. Ele ia doente e morreu ai e lá enterraram ele, por isso que é alma milagrosa e chamam de capelinha. De vez enquanto faço promessa, eu já fiz uma promessa que eu estudava e a prova tava muito difícil ai eu fiz uma promessa e consegui passar e fui respondida da promessa.

Dos diversos relatos das famílias que vivem nas localidades próximas aos lugares sagrados, este foi o único relacionado a passar de ano letivo, quase todas as causas são relacionadas à saúde. Pelos ex-votos depositados dentro da capela percebemos também que muitos são vinculados à saúde, pois ex-voto de cabeça, perna, mão são agradecimentos a uma cura atendida naquele ponto específico depositado.

3.14 SANTA ROSA E SANTA FRANCISCA

O lugar sagrado onde estão as duas mulheres consideradas santas pela comunidade é conhecido por Capelinha. Está localizado no Km 67, Seringal São Carlos. O acesso dá-se pela Estrada do Pacífico Km 67, 16 km de ramal. O lugar sagrado tem outros túmulos, não só das duas santas, a santa mais antiga e milagrosa é o da Santa Rosa e em tempos recentes a Santa Francisca, que morreu de parto, passou a ser considerada santa por ter atendido alguns pedidos.

O lugar sagrado é em formato de casa, com janelas e muitos ex-votos dentro. Encontramos cabeças, braços, blusas, restos de soro aplicado em hospital, fotos de crianças. Dona Josefina de Oliveira, que vive às margens do rio Acre, nos relata (Pesquisa de Campo, setembro 2014):

[...] eu sei que ela é uma alma muito milagrosa, tem feito muitos milagres e a gente tem feito muitas promessas com ela e é sempre valido. Dagora mesmo tinha feito uma promessa pro meu menino que tinha se ralado ai, graças a Deus fui atendida, ela é muito milagrosa, o nome dela é Euricléia, não é Raimunda, rapaz tô esquecida do nome dela, sei bem da mãe do Doca, a Euricléia é ai pro rio, a Raimunda da capela lá no Bom Sucesso, então é Rosa, a Francisca é mãe do Doca que mora aqui pertinho. A Rosa não sei como morreu, já tem 67 anos que eu tô aqui e já tinha essa história, agora a Francisca eu sei, tem 28 anos que morreu, ela morreu de parto. Essa capela já tem faz muito tempo, mas reformaram depois.

Durante o desenvolver da pesquisa, percorrendo os seringais e conversando com as famílias, percebemos que a Santa Raimunda do Bom Sucesso é conhecida por todos, e eles chegam a trocar o nome dos santos por Raimunda. Muitos relataram que foram esse ano, 15 de agosto, na peregrinação a Santa Raimunda.

Figura 26 - Capela Santa Rosa e Santa Francisca



Fonte: Foto: Rachel Dourado, Setembro, 2014.

Figura 27 - Túmulo, velas e flores



Fonte: Foto Rachel Dourado, agosto 2014.

3.15 SANTA ESTELITA

A Santa Estelita está localizada no Seringal São Salvador, colocação Arrependido, o acesso dá-se pela Estrada do Pacífico, Km 59, o caminho é longo. Após atravessar o rio Xapuri, a busca é pela casa do senhor João Brandof. Ao perguntar no caminho, cada um dava uma direção, porém a única informação com maior precisão era que precisávamos encontrar este senhor, que ele saberia dar a direção. Após muitas idas e vindas e uma manhã e quase tarde toda andando, por volta das 15h chegamos à casa do senhor João, e ao perguntar sobre o lugar sagrado da Santa Estelita, ele foi logo relatando que o lugar foi queimado, que ele avisou para todos, mas que o feito foi realizado. O seringal onde vive o senhor João se chama Pacuaria, colocação Nazaré, fica bem próximo ao São Salvador. Segundo seu João, o seringal São Salvador é tão pequeno que ninguém o conhece por seu nome e disse ainda que as famílias que viviam lá já não estão. O morador que pôs fogo na área vive lá somente há 8

anos, ele fez um campo e colocou fogo. Perguntei do seu João se ele poderia ir conosco tentar achar o lugar, ele disse que ia, porém era difícil.

O caminho até o local é curto, mas tivemos que atravessar uma área de derrubada até encontrar o caminho outra vez. Ao chegar à casa da família que vive na localidade nos receberam bem. Após explicação do trabalho fomos eu, seu João, o morador da proximidade e o moto taxista, ao chegar ao lugar sagrado, o mato estava alto, cada um seguiu uma direção com intenção de encontrar tocos, pois o cemitério era cercado por esses quatro tocos. Pisando o chão logo percebemos que tratava-se do cemitério, pois os túmulos não se desfazem. Realizei o trabalho, pontuei a localidade e fiz algumas fotografias. Segundo seu João Brandof (Pesquisa de Campo, setembro 2014):

Morreu uma mulher ali, o nome dela era Raimunda, ai, tá com muitos anos isso, tem mais de 40 anos quem morava ai era o Chico Cândido ainda, ai com três dias de morta ela apareceu para o marido dela e disse que tinha virado uma santa, ai apareceu de novo, três vezes ela apareceu pro marido dela dizendo que tinha virado santa, ai o marido dela foi lá em Xapuri e falou pro padre José Carneiro, padre José disse: você volta que eu vou lá mais o sacristão. Quando deu fé o padre chegou mais o sacristão, quando ele chegou o Chico já foi falando – Padre José o que o senhor viu pra vim por aqui uma hora dessas. O padre respondeu – não que me deu uma vontade de dar uma caçada ai vim pra caçar, ai passou por lá uns três dias, quando foi na madrugada foram lá no cemitério, cavaram e viram que era uma santa, e levaram pá Roma.

A história relatada por seu João é a de Estelita, mas percebemos que é comum trocar os nomes dos santos por Raimunda. Na ida ao São João do Guarani, conhecemos uma senhora que estava pagando uma promessa e que foi moradora do seringal São Salvador, segundo dona Deuzira Alves de Figueiredo, 63 anos (Pesquisa de Campo, agosto 2014):

Eu era criança, criança não, eu acho que tinha idade dessa menina, uns 12 anos, o mesmo corpinho a minha irmã morava nesse lugar o nome do meu cunhado era Francisco Cândido e a minha irmã era Osvaldina ai moravam nesse lugar, essa mulher morava dentro do barracão com eles, ela não tinha marido, ai ela apareceu grávida – Pergunta Não era Valdo? Valdo – Não ela já foi com companheiro. – Eu não me lembro do companheiro dela. Eu lembro da madrinha dizer que ela não tinha marido. Seu Valdo – Ela juntou, mas tinha. Interferência – sujeita escutando a conversa diz “naquela época só tinha marido quem era casado no papel” Dona Deuzira dá prosseguimento. Pois é, ai aconteceu que numa noite ela morreu, no mês de ganhar, mais ai deu hemorragia o neném nem nasceu, enterraram com tudo, ai amanheceu o dia aquele velório já era ela morta, eu muito criança, mas eu vi quando sepultaram, era aquele esconderijo danado, mas eu vi, todo mundo via, eu fui, meus sobrinhos tudinho fomos pro enterro dela. Foi dentro do campo mesmo, meu cunhado fez um cercado de arame grande assim. Ai, a gente não tinha medo dela não, não tinha um pinga de medo a gente levava a vida normal. Mas quando foi com três meses ai eu sei que o padre foi lá e a sepultura dela nunca desarrumou era todo tempo arrumadinha aquele barro, aquele altão não ficou assim apragatada, era todo tempo arrumadinha, eu lembro bem disso, ai quando ele mexeu ai espalhou o barro arrumou assim, mas logo desceu e ficou logo plano, que esse cemitério, não

era cemitério mesmo, formaram lá pra ela mesmo. Não sei como chegou até o ouvido do padre, só sei que o padre chegou lá no barracão.

As narrativas complementam-se, foi uma sorte incrível encontrar essa família no São João do Guarani, pois na noite anterior já havia decidido que não iria ao São Salvador e Apudi por conta da dificuldade e em Xapuri todos os relatos davam informação de acesso fluvial em dias de barco com algumas cachoeiras que ficam devido à grande seca do rio, resolvido não correr esse risco adentro ao São João do Guarani e encontro a família que pagava promessa e passa os relatos, dando informação que o acesso por Brasília é mais fácil, o que fez readequar o planejamento e realizar outra volta a Brasília. Segundo seu Valdo Alves, (Pesquisa de Campo, setembro 2014),

Quando o padre abriu a sepultura ela tava perfeita lá, só tava aquela nevizinha, rosada, rosada do mesmo jeito que era ela, branca, não tinha nada deformado. O padre foi pra lá na noite, ninguém nem viu, quando foi no outro dia o padre não tava mais lá, ele passou direto e foi pra Roma, ele levou o corpo pra fazer estudo e não se decompôs, isso tem uns 47, 48 anos. Ela gostava muito duma fonte. Essa fonte ainda tá hoje lá, aquela água saía do túmulo dela, daí o companheiro dela veio falar com o Padre José e o Padre José veio numa voadeira que ela tinha dia e noite e foi bater lá chegou lá, chegou de tarde aí na noite ele foi pro túmulo, ele saiu de lá que ninguém nem viu, saiu de noite e tinha vindo pra cá (Xapuri) daqui ele tinha um aviãozinho aí pegou direto entrou no avião e sumiu, levou o corpo.

Os relatos dos três sujeitos em momentos distintos foi o que deu certeza que estava no lugar correto, os nomes apresentados Chico/Francisco Cândido a fonte d'água que ainda existe e passamos por ela, que fica abaixo do cemitério que foi construído para Estelita e que com o tempo recebeu outros mortos, porém com as migrações dos sujeitos para a cidade fez perder a relação com o sagrado daquele espaço. Seu João Brandof sentia-se incomodado por não ter interferido no ato da queima, que o cemitério deveria ser protegido, após nossa visita percebi a inquietação dos dois homens, comentando que após a nova queima, irão separar o lugar certo do cemitério e colocar uma cruz. Na figura 28 estão reunidos: Aeilson, Antônio, Olil e João Brandof.

Figura 28 - As margens do antigo cemitério onde foi enterrada Estelita



Fonte: Foto Rachel Dourado, agosto 2014.

3.16 SANTA RAIMUNDA: ALMA DO BOM SUCESSO

A Santa Raimunda, a boa alma do Bom Sucesso está localizada no Seringal Icuriã na Colocação Bom Sucesso em Assis Brasil Acre. Seu festejo ocorre em 15 de agosto. O acesso dar-se-á pelo Ramal do Cumaru e Icuriã, entrando pelo Seringal São Francisco. Fomos recebidos pelo esposo de dona Celita, na colocação Cumaru, que estava para sair em busca de alguns itens para a venda na festa. De lá seguimos para a colocação Flor de Xapuri, último ponto feito de moto ou carro, lugar de concentração dos peregrinos para início da romaria. Lá estavam todas as famílias do seringal São Francisco que trabalham na recepção dos peregrinos, todos no maior trabalho, preparo de alimentação, últimos reparos etc. A comunidade na venda dos alimentos, alguns peruanos na venda de roupas, e os devotos comprando e organizando-se para sair com a procissão, que não tardou em sair. O percurso até a Capela é de 6 quilômetros. Esse trajeto é feito em caminhada, com reza do terço e

cantos, porém existem alguns que insistem em ir de moto, o que provoca um transtorno aos peregrinos com maior dificuldade de locomoção, pois constantemente estão saindo do caminho para que as motos possam seguir, tornando a peregrinação arriscada para os idosos que vão caminhando para pagar suas promessas, uma vez fora do trajeto os riscos de cair tropeçando em raízes, ou mesmo de pisar em uma cobra torna-se mais possível fora da trilha de peregrinação. Além desses riscos o trânsito de motos no trajeto do peregrino junto à procissão coloca em risco todos os devotos que podem ser atropelados e a sonoridade dos motores quebra o ciclo de imersão vivido pelos peregrinos. E o circular intenso de motos aumenta o impacto no solo, a trilha vai se alargando e comprometendo o crescimento de algumas espécies.

Ao atravessar o Rio Xapuri, saímos do Seringal São Francisco e entramos no Seringal Icuriã. O trajeto é na floresta, mas com algumas subidas de nível moderado para um jovem com bom ritmo físico. Na localidade da colocação Bom Sucesso já somos recebidos com uma venda de água de coco do seu Paraíba, ponto obrigatório exigido pelo organismo. De lá aceleramos o passo para acompanhar a procissão que já na capela começa a organizar-se para celebração da missa. Os fiéis estão em fila para entrar na capela e muitos acendem velas no entorno do túmulo e da capela, são tantas velas que alguns devotos ficam realizando ações de manejo com areia, para que o fogo não se alastre, e assim vão reduzindo as chamas que se espalham junto com a parafina derretida no chão, próximo a capela existe um igarapé, alguns devotos esticam panos as margens, organizando suas refeições, descansando para logo cumprir sua promessa.

São tantos devotos com diferentes interesses, os que formam fila para a capela conforme conseguem visitar a capela, depositam seus ex-votos, muitas, pernas, cabelos, troncos, seios, pés, muletas, fotos, flores, fitas, cartas com pedidos, nomes, roupas, entre outros. A interminável fila para fazer orações dentro da capela apresenta a importância do pagamento e da relação de fé que os sujeitos vivem com o lugar sagrado. Apesar do cansaço físico ser perceptível em todos, verificamos o sorriso de satisfação em mais um ano de promessa realizada, sinal de cura, de vitória e de atendimento sagrado.

Figura 29 - Peregrinas peruanas – Colocação Flor de Xapuri – Seringal São Francisco



Fonte: Rachel Dourado, agosto 2013.

Figura 30 - Peregrinas peruanas – Colocação Bom Sucesso - Seringal Icuriã



Fonte: Rachel Dourado, agosto 2014.

Figura 31 - Santuário Santa Raimunda



Fonte: Rachel Dourado, agosto 2014.

CAPITULO IV - SANTA RAIMUNDA: ALMA DO BOM SUCESSO

Ilustração: Mapa seringal Icuriã

4.1 SANTA DA RESERVA EXTRATIVISTA CHICO MENDES

Raimunda, segundo alguns moradores, Raimunda Moreno por outros Raimunda da Conceição, era nordestina mulher bonita, forte, trabalhadora, casada, mãe de dois meninos, grávida do terceiro, mas existe relatos que ela era indígena da região. O recorrente em todas as narrativas que ela era parteira, assistia a todas as mulheres que necessitavam, trabalhava na extração do látex e cuidava dos serviços domésticos. Morreu no nono mês de gestação, e sua morte decorreu após episódio de violência sofrida de seu marido. Em repetidas narrativas, foi-nos apresentado o relato de que Raimunda preparou o almoço e foi ao encontro do seu marido, que voltava da primeira ronda da borracha, porém ela chegou um pouco atrasada com a comida e por isso ele deu uma surra nela, e assim ela prosseguiu como de costume, o trajeto na estrada de seringa para coletar o látex que escorria após o corte feito na seringa pelo marido. Com carga pesada entrou em trabalho de parto e não teve força e nem quem lhe ajudasse com o parto complicado e assim faleceram, ali na estrada de seringa, ela e a criança. O marido, com a demora, foi ao seu encontro e deparou-se com ela morta. Segundo o Relato de um membro da Pastoral e Movimentos (Pesquisa de campo, agosto 2010):

O lugar onde enterraram Raimunda tornou-se um lugar diferente, era sentido um perfume que antes não existia, a uma distância de 10 metros já começava a sentir aquele perfume que, na terra e em nenhuma região tinha sentido antes.

Um rapaz que estava de viagem acometido de uma febre muito alta que tomava conta de todo seu corpo, queimando-se em febre continuava seu caminho... De repente, uma tempestade com chuva aproximava-se dele. O rapaz ficou desesperado e chegando próximo a sepultura de Raimunda fez a ela um pedido, para que o guardasse e não deixasse aquela chuva cair sobre seu corpo febril e, se ela o protegesse, ele a ficaria visitando e acendendo velas para ela.

Aconteceu o milagre, a chuva não caiu no lugar onde o rapaz estava e assim a febre passou, ele acreditou confiantemente e cumpriu sua promessa. Manoel Honorato também acreditou e fez uma promessa e para retribuir a graça alcançada, construiu uma capela de madeira de primeira qualidade, como a conhecemos de maçaranduba e a cobertura de zinco. Daí muita gente começou a acreditar fazendo suas promessas e recebendo os milagres. Raimunda passou a ser chamada e conhecida como Alma do Bom Sucesso ou Santa Raimunda.

A fama da alma milagrosa espalhou-se tanto que muita gente fazia promessa com ela e recebia assim a graça, até gente de Brasília, Rio de Janeiro, Ibéria, Iñapari, Maldonado, Cusco, Lima, Estados Unidos e de vários municípios do Acre, dos seringais Guanabara e outras pessoas que não eram identificadas. Segundo o testemunho de Dona Lourdes de Lima na sua infância ela lembra que seus patrões no seringal recebiam cartas, envelopes vindos do Rio de Janeiro para serem entregues no santuário da alma do bom sucesso. O administrador apostólico visitou e benzeu a sepultura em 14 de dezembro de 1943.

Conviver com os grupos em período anterior a festa, fez perceber o movimento dos devotos, dias antes da festa, grupos adentram a Reserva Extrativista Chico Mendes. Muitos

peregrinos fazem o trajeto de Assis Brasil até o local, outros devotos vão de moto, e no dia da festa são muitos carros e caminhões com os devotos das diversas partes. São tantas as causas que motivam a ida até o local onde foi enterrada Raimunda, porém a principal razão é o pagamento de promessa com a entrega de ex-votos e solicitação de milagres.

A data da festa é fator que chama atenção. Os relatos voltados para a data de celebração da festa apresentam-se como recente na comunidade. Segundo narrativas de residentes, a celebração da festa de Santa Raimunda é realizada dia 15 de agosto em função da entrega da imagem de Raimunda feita pela Igreja Católica. Este dia coincide com a festa da Igreja Católica da Assunção de Maria, dia em que se comemora a ida de Maria ao céu, a Assunção.

As mudanças advindas da presença da igreja católica foram muitas em função da facilidade de organização. Segundo seu José de Araújo (Pesquisa de campo, julho 2013):

[...] pois então ficou com esse dia 15 de agosto para comemorar e celebrar a devoção a Santa Raimunda do Bom Sucesso. Inclusive depois de escolhido esse dia 15 de agosto foi descoberto não sei como, foi até uma irmã catequista franciscana que me disse que foi descoberto o dia da morte dela, que foi 25 de julho, que deveria ser esse dia a festa, não sei o ano. Então é assim, aqui tem essa devoção e tem essa comunidade desse porte para fazer todos esses trabalhos aqui onde recebe esses romeiros que vem pra festa no dia da santa, a gente trabalha sempre para melhorar, ainda tem coisa para gente fazer, a gente já tá planejando que vai fazer pro ano que entra.

Anterior a essa mudança era constante o entra e sai de fiéis ao longo do ano. O ato de peregrinar até a localidade já era um costume dos moradores e demais sujeitos que conheciam a história de Raimunda, porém a festividade passou a ter data e com isso a comunidade passou a se organizar para atender os peregrinos e Igreja Católica a organizar a missa e romaria de 6 km, Romaria Ecológica. A igreja acompanha anualmente o fluxo de peregrinos, com um livro de registro, que não atende com precisão, mas é uma fonte documentada ano a ano das visitas ao espaço sagrado de Raimunda.

O culto popular em celebração a Santa Raimunda é herança passada de pais a filhos, moradores dos seringais, os mais velhos relatam os caminhos de fé percorridos por seus pais em devoção a Santa Raimunda. A memória remete as imagens do local em suas diversas fases, mesmo com as interferências externas, os sujeitos que vivem na localidade não conseguem ficar sem participar da festividade a Santa Raimunda. Na narrativa de seu Elói Araújo, ele reforça que a morte de Raimunda é anterior ao ano de 1917. Entrevista na integra p. 38, linha 03:

Meu amigo, avó do Leonel, ele veio pra cá em 1917, ele chegou aqui e foi perguntar do mais velho que chegou na frente, Chico Rodrigues, “Compadre Chico sabe me dizer quando ela morreu?”, e ele respondeu, não! Quando cheguei aqui já faziam promessa.

As narrativas, de forma geral tem como ponto central da narrativa, a memória de infância. Quando crianças acompanhavam os pais ao local do túmulo para entrega de ex-votos, reza do terço, acender velas e destacam ainda que com o passar do tempo o culto a santa foi ganhando mais fiéis, advindos de diferentes partes e deixando a localidade com maior movimentação. Segundo José Marques de Araújo, morador do Seringal São Francisco, (Pesquisa de campo, agosto 2013), é assim que acontece:

Na comunidade do Cumaru toda vez que é pra acontecer a festa dia 15 de agosto a gente se organiza para preparar o local da festa e tudo, e é uma coisa que a gente num quer deixar assim esquecido, é nossa cultura, uma coisa que a gente quer levar pra frente. A história dela mesmo, real a gente não sabe, tem muitas histórias. Muita gente pergunta a história e a gente não sabe a realidade, sabe que ela é uma Santa poderosa e a gente reconhece, o que a gente pode fazer pra preparar quando vai acontecer a festa da Santa Raimunda, ajunta todos da comunidade, já dispostos a trabalhar, preparar o local, inclusive todo ano a gente trabalha para melhorar o local onde começa a procissão aqui da flor de Xapuri, onde o pessoal para, a gente precisa de um local mais adequado e todo ano a comunidade vem fazendo isso. De certos anos pra cá, inclusive essa festa faz muito anos.

A presença da igreja católica, segundo as narrativas, é de aproximadamente 10 anos, o mesmo tempo da Romaria Ecológica. As famílias que já testemunhavam sua devoção e veneração a Raimunda passaram a organizar-se para atender os peregrinos com os serviços de alimentação entre outros. O processo religioso acompanha os processos de territorialização e desterritorialização vividos no lugar. Territorializar o novo lugar com os símbolos religiosos vividos em outros espaços. Raimunda migrou do nordeste ao norte no primeiro ciclo da borracha. (HAESBAERT, 2008, p. 181):

Um processo de desterritorialização, como se ressalta pode ser tanto simbólico, como a destruição de símbolos, marcos históricos, identidades, quanto concreto, material – político e/ou econômico, pela destruição de antigos laços/fronteiras econômico-políticas de integração.

A comunidade considera-se católica, em todos os processos foram vivenciados os símbolos do catolicismo, esses símbolos estão presentes nas narrativas que foram apresentadas em todo o fazer cotidiano: vida em comunidade; morte; plantação; criação. Com Raimunda os elementos foram vividos, e com sua morte os simbólicos sagrados surgiram, a manifestação do sagrado, o que a torna Santa para a comunidade, esse elo da comunidade

torna-se essencial a permanência e sobrevivência e ano pós ano, a festividade ganha mais fiéis.

A presença da Igreja Católica foi-se acentuando conforme a celebração foi ganhando maior visibilidade, expressividade popular. Podemos considerar a presença da Igreja Católica como sinal de respeito ao número de devotos, ou o possível processo de canonização da Santa Raimunda, porém essa presença fortalece a comunidade católica no lugar e “demarca” poder diante das Igrejas Evangélicas que estão adentrando os lugares de floresta e sobrepondo-se os fazeres populares, culto aos santos da floresta. Neste caso, a expressão popular é intensa que não houve espaço para a agregação das igrejas evangélicas que não toleram cultos a santos. Segundo narrativa de José de Araújo (campo agosto 2013):

Eu moro aqui nessa comunidade há 36 anos, quando eu cheguei aqui nessa comunidade a santa não tava esquecida, mas não tinha essa veneração que tem hoje, essa procissão não tinha e as pessoas vinham pagar promessa, como eu já falei quando era criança eu vinha com meus pais pagar promessa, eu tenho exemplo e já conversei com pessoas que foram curados por ela, tantos milagres que a gente vê que a pessoa se pegou com ela e ficou curada e a gente vê assim essa cultura antiga em respeito e devoção a ela. A festa não sei se tá com 8 anos, não tá com 10 anos que começou.

A festividade atrai tantos peregrinos e demais sujeitos motivados pela fé, afirma Coriolano (2006) que as festas religiosas atraem o turismo religioso, fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas, por crença religiosa, desde que nesse deslocamento haja essencialmente manifestação da fé, recreação, entretenimento, contatos culturais, relacionamentos pessoais e geração de novas amizades. Segundo a peregrina peruana Lola Pastor, (Pesquisa de campo, agosto 2013). Entrevista na íntegra p. 136, linha 02,

A fe es o que uno tiene para hacer las cosas, por ejemplo cada vez que nos cansábamos en el camino, decíamos que ya vamos llegar, preguntábamos por el camino ¿cuánto falta? Ah falta mucho, es lejos decían, que era muy lejos, falta mucho ya. Caminábamos más. Ya falta mucho, y ya pronto vamos llegar. ¿Cuanto? Dos horas más. Y nunca llegábamos. Dos horas más, dos horas más. Ya pos la fe es, cada vez que cansa le dije no ya vas llegar, es a motivación que teníamos.²⁵

A história de Raimunda em vida e sua atuação pós-morte vem atraindo e movimentando as comunidades, o culto ao sagrado, apesar de fazer parte da dinâmica de

²⁵ A fé é o que a gente tem para fazer as coisas, por exemplo cada vez que nos cansávamos no caminho, dizíamos que já vamos chegar, perguntávamos pelo caminho, quanto falta? Ah falta muito, diziam que era muito longe, falta muito. Andávamos mais. Não falta muito, logo vamos chegar. Quanto? Mais duas horas. E nunca chegávamos. Mais duas horas. Cada vez que cansava eu lhe dizia, já vamos chegar. A fé era a motivação que tínhamos.

organização dos primeiros imigrantes nordestinos do primeiro ciclo da borracha, ele altera a rotina e vem pouco a pouco causando mudanças socioespaciais.

O movimento do sagrado na espacialidade estudada não difere das demais celebrações de cunho religioso. Por estarem intrinsecamente relacionadas com o profano, na mesma espacialidade que ocorre a romaria, missa, entrega à fé, busca por elevação espiritual, agradecimento da cura por meio da promessa e entrega de ex-votos, também ocorre o lazer, a dança, a comercialização o divertimento, isso sem desvincular o valor religioso dado pelos fiéis ao movimento.

As manifestações religiosas na área da Reserva Extrativista Chico Mendes foram introduzidas pela comunidade fazendo relação com as práticas experimentadas em outros lugares e a associação com elementos do novo lugar. A santificação de santos populares dar-se-á em função da ação do sujeito em vida, porém o principal fator é a hierofanias, que se expressa no lugar de óbito e/ou enterro. Santa Raimunda do Bom Sucesso foi parteira, morte vítima da violência, após enterro o lugar passou a exalar perfume. São João do Guarani morreu sofrendo com malária em uma situação de solidão, seu corpo após a morte não entrou em estado de putrefação. Santa Conceição da Lua Nova foi assassinada e violentada, entre outros que deixaram a vida e permaneceram na memória popular. Todos os Santos Populares situados na RESEX Chico Mendes pós-morte marcam a localidade com um símbolo, um feito “sobrenatural” que o identifica como santo. No caso de santa Raimunda a comunidade relata que no local em que foi enterrada passou a exalar um perfume nunca sentido antes. Segundo ROSENDAHL (1996), p. 68,

Tudo é potencialmente sagrado, mas apenas em alguns lugares escolhidos, o potencial é realizado. A manifestação de poder do sagrado em determinados lugares o diferencia dos demais lugares. O poder do sagrado pode ser atraente, tornando o lugar um centro convergente de crentes, ou pode ser apavorante e repelente, tornando o lugar tabu, considerado maldito.

Em campo e em função do método escolhido foi ampliando o olhar da pesquisadora em relação à espacialidade estudada. O lócus apresenta diversas possibilidades de estudo e alguns foram percebidos, diante do cenário histórico que o Acre apresenta, marcado por dois fluxos migratórios com maior presença de nordestinos, a conquista do território que pertencia à Bolívia, os sujeitos que aqui estavam sem possibilidade de retorno ao “lar” necessitavam caracterizar o novo lugar com marcas já vivida. Diante deste olhar percebemos a necessidade de ampliar o estudo e aprofundar a relação sujeito x espaço, e a religiosidade cumprindo esse

papel de “cenarizar”, transformar a paisagem, o novo remetendo a memória de uma experiência já vivida.

No mesmo sentido histórico de constituição e ocupação do Acre, a figura feminina foi culturalmente, seguindo o conceito antropológico de que cultura é tudo, a mulher foi socialmente excluída das falas, dos registros, da memória da extração do látex, de quase tudo, o pouco que trata da mulher foi voltado a ela como objeto de troca, de disputa, mesmo essa mulher tendo função social efetiva. No primeiro fluxo migratório, as mulheres não foram em grande proporção. A Raimunda, objeto principal do estudo foi junto com seu marido neste período, em 1906, porém o cenário do período era de ausência de mulheres e as poucas trazidas eram utilizadas como presente dado ao seringueiro com maior produtividade. Raimunda trabalhava na coleta do látex e a produção era marcada no caderno do seringalista no nome do esposo, como de costume, Raimunda além da atividade extrativista era parteira, e por sua função social era conhecida e querida por sua generosidade, mas não reconhecida em vida. A mesma mulher que é excluída socialmente, pós-morte e a emissão de um símbolo do sagrado, a mesma mulher passa por um processo de santificação comunitária. Em vida a simples presença de visitas era sinal para mulher entrar e ficar na cozinha, diante do cenário machista como a mesma mulher que é excluída, passa a ser cultuada pós-morte? Essas perguntas que surgiram no desenvolver da pesquisa nos fizeram compreender o papel da Raimunda em vida e o da comunidade em valorizar e cultuar a Santa Raimunda, para os sujeitos, ela no céu é a protetora da Reserva, protetora das mulheres, mãe das mães, mãe de todos os filhos, e os representa muito bem, pois conhece profundamente os males da vida naquele lugar.

O espaço sagrado de Raimunda é voltado para todos fiéis, as principais causas apontadas pela comunidade em tempos atrás eram voltadas a cura da malária, leishmaniose, febre amarela, porém as enfermidades urbanas também alcançam as florestas, como o câncer, assim como os sujeitos da floresta migraram para os núcleos urbanos e levam consigo a devoção e assim foi-se ampliando o número de devotos e as diferentes causas.

Em diferentes espaços sagrados encontramos ex-votos que representam a cura, o atendimento, o milagre recebido, ou o termo local que foi *valido*. Ao visitar Santuários urbanos como o de Nossa Senhora Aparecida, em Aparecida do Norte/SP, percebemos que os ex-votos são relacionados ao roubo da casa, assalto, acidentes de trânsito e algumas doenças como câncer. Em Campinas, ao visitar o Santuário da Nossa Senhora Desatadora dos Nós, os ex-votos entregues seguem o mesmo sentido, já os Santuários das áreas de floresta como o de

São João do Guarani, da Santa da Lua Nova, Santa Raimunda percebemos que os ex-votos deixados são em função da cura de mazelas específicas da floresta e algumas doenças que já estão “globalizadas”. De forma geral percebemos ausência de serviços básicos de saúde, ausência de informação, ausência do agente comunitário de saúde com remédios e anti-inflamatórios, exames regulares: preventivo de câncer de colo uterino, bem como de mama.

Observando os ex-votos, notamos que as políticas públicas não alcançam a localidade e é necessário recorrer à fé para receber a cura por meio de milagre e a situação para os sujeitos que vivem na floresta e para os cidadãos é dada a fé em muitos aspectos. José Marques de Araújo, (Pesquisa de campo, julho 2014):

As promessas são para saúde, se pegam com ela pra saúde, as pessoas adoecem já desengano de médico e as pessoas se pegam com ela e quantas vezes vi gente curada.

A promessa que eu fui pagar agora é que minha esposa adoeceu e eu levei ela para Rio Branco e lá ela ficou em condição que eu achei que ela não ia mais voltar ela ficou sem sentido, os médicos chegavam e falavam e a gente percebe que a coisa tava feia, aí eu me peguei primeiro a Deus pai de todos nós, depois a essa consideração de fé Santa Raimunda, aí depois quando ela foi para Rio Branco ela não foi por isso, ela foi para consultar um problema que ela tinha no seio dela aí chegamos lá para ela fazer essa mamografia que tava marcada pela secretaria de saúde, aí tinha que atender nesse dia, ela num tava em muita condição porque já tinha sido internada em Assis Brasil, mais chegou o dia que tava agendada a mamografia dela e a gente foi, quando a gente chegou lá eu levei até um carão, a mulher me disse “o senhor vem trazer uma mulher desse jeito para fazer um exame? as vezes As pessoas que tão com saúde desmaia.” Aí eu disse eu trouxe ela porque hoje tá agendado, eu sei que ela não tá com condição mas agora o que vão fazer com ela eu não sei, vocês vão ver. Então adiaram a mamografia dela e eu levei ela pro hospital, aí foi feito um exame e apareceu outro problema sério na saúde dela e aí eu me peguei com a Santa, que a Santa é filha de Deus, pedindo que ela sarasse e voltasse pra casa. Tinha horas que eu olhava e via que não tinha mais condição dela resistir ali. Aí ela melhorou, teve alta depois voltamos lá, aí fizeram uns exames lá nos hospitais, e a mamografia dela, aí pediram a ultrassom da mama dela. Disseram assim. – Como a senhora vim para receber os outros exames, a senhora já traga esse ultrassom. E eu me pegava com a Santa pedindo que eliminasse aquele problema no seio dela, eu já tinha muito medo daquilo ter virado câncer, aí eu pedi a Santa que ela fizesse com a ajuda de Deus para eliminarem o problema dela e isso já fazia tempo que ela sofria isso, já tinha feito um bucado de exame, faz é tempo é num é que quando a gente foi fazer o exame o médico disse, ela não tem nada. A senhora me levou para mostrar o exame antigo e o novo e me mostrava, aqui não tem mais nada, chega eu me arrepio, um verdadeiro milagre, ela sarou tudo que ela tinha e aí nós fomos pagar promessa.

O local sagrado da Santa Raimunda, Alma do Bom Sucesso, todos os anos recebe em média 3000 (três mil) pessoas no dia da festa, demais peregrinos adentram dias antes para pagar sua promessa. Em função da festa religiosa, a comunidade dos seringais Icuriã e São Francisco, organizam todos os anos o ramal de acesso, o varadouro (local onde ocorre a romaria até a capela da Santa), os banheiros, o corte dos matos do caminho. Segundo dona Celita Araújo, (Pesquisa de campo, julho 2013,) entrevista na íntegra p. 50, linha 09:

[...] Dia 14 chega muita gente, se tiver de verão mesmo passa um bucado de carro e fica ai no Tota, já para ir, tem muitos que chegam dia 14 de pés e eu já fico preparada e vou lá pro Tota fazer almoço. Eles chegam almoçam, repousam um pouco e vão e dormem na capela, daí ficam passando, uns indo e vindo, mas quando é dia 15 nós passa a noite todinha na cozinha fazendo comida, preparando tudo, quando é 5 horas já tem moto chegando, porque ninguém quer ficar na poeira dos carros, caminhão, então 5h nos tem que tá com as mesas tudo pronta, de café da manhã de tudo e a churrasqueira já com fogo para começar o churrasco...

Os produtos comercializados no período da festa são Carne de porco, vaca, galinha, macaxeira, verduras e legumes. Farinha, arroz, doces, sucos, bolos, caldo de cana, água de coco entre outros. Na localidade do Seringal Icuriã, a construção das barracas e infraestrutura foi dada por liderança da igreja católica, Maria Leonice Lima de Souza, (Moradora do Seringal Icuriã) apresenta em sua narrativa ações com interferência direta da pastoral e movimentos da Igreja Católica. (Pesquisa de campo, agosto 2013),

1. Eu tenho muita fé na Santa Raimunda, nós somos muito devotos dela, nós faz promessa com ela e é valido, nós ajuda todo ano, aqui no dia 15, antes uma semana desde o começo que começaram a catatumba, meu marido é todo tempo ajudando, ajudou a fazer a catatumba a casa e nós faz mesmo com fé nela, e ela tem ajudado.
2. Eu faço merenda pros pessoal que vem, nunca faltou, nunca sobrou e eu sou bem recuperada no lucro, além do trabalho que a gente faz a gente tira muito bem, até porque nesse ano eu disse que não ia fazer ia deixar pros outros que tava muito aperreada e ano passado, até porque eu tive uma raivazinha, porque tomaram nosso canto e não avisaram eu vendi assim na marra no relento, no capim, que não avisaram antes, o Junião²⁶ mesmo, que até eu falei pra ele, falou assim, eu fiquei meio estressada, ai ele disse no outro ano todo mundo tem seus cantos de novo, eu disse muito bem, então nós tamos trabalhando de novo, o meu esposo tá ajudando nas construções até hoje e vai trabalhando até o dia 15.
3. Tá com 50 anos que eu moro aqui, e eu tenho 55 anos, a história da Santa eu não decoro não, as minhas meninas sabem porque anotaram tudo. Eu tive milagre por ela sobre o parto, para doença de criança, a doença desse menino que tinha estourado o braço, a gente fez promessa pra ela.
4. Dos 50 anos pra cá muita mudança, o pessoal vai aumentando mais, a religião dela, vem gente de muito longe que faz milagre com ela, chega tudo. Há uns anos atrás ela vivia abandonada, abandonada na mata, e não tinha quem fizesse nem conta, ai de uns certos anos pra cá que eu nem sei dizer de quanto tempo ai vieram e foram cuidando e hoje tá desse jeito.
5. Eu trabalho com agricultura, para consumo, aqui acolá nós vende alguma coisa, mas é mesmo pra consumo, não falta, quando sobra à gente vende.
6. A fé é muitas coisas, a gente tem fé nela, fé que ela ajuda a gente em muitos problemas que a gente se pede com ela. A gente vê que ela bota fé mesmo. Meus pais falavam nela, minha mãe morreu, meu pai ainda é vivo, quanta gente

²⁶ Membro do grupo pastoral e movimentos da Igreja Católica.

tem fé. Minha mãe contou do milagre dela, ela teve um golpe no pé, e passou bem três meses arriada, aí recorreu a ela e fez o milagre do pé e veio deixar aí, minha mãe ficou parálitica sem andar, eu lembro bem, cortou fundo, ela fez milagre e ficou boa.

A comunidade passa dias no preparo e recebe ajuda da prefeitura do município de Assis Brasil com a disponibilidade de trator para melhorar o ramal principal, o exército ajuda no “brocar” o mato, e nos últimos dez anos a igreja católica também participa da organização da festa. A comunidade faz um esforço para que tudo ocorra de forma correta, porém vivenciam conflitos na divisão das obrigações, mas principalmente a comunidade do Icuriã, que vive a interferência direta da igreja católica. José Marques desvela o campo religioso e a participação da comunidade no processo de organização e devoção à Raimunda (Pesquisa de campo, agosto 2013):

Pois é, meu nome é José, eu sou daqui dessa comunidade, comunidade do Cumaru, e aqui essa colocação, esse local aqui é Flor de Xapuri. Nome bonito, né? Flor de Xapuri. Então aqui é onde o pessoal para, deixa os carros aqui, é daqui que começa a procissão. Então eu venho acompanhando, desde o começo da primeira procissão, aqui nessa organização, como antes a gente tinha que fazer uma latatuma²⁷ de palha de palmeira, folha de palmeira, fazer uma latata pra atender o pessoal e aí depois tinha que fazer lá na capela também, nós aqui ia lá pra capela também fazer essa latada de folha de palmeira e aí depois foi que a prefeitura, o meu cunhado chegou na prefeitura e aí ele butava o pessoal da prefeitura pra vim fazer essa latata lá na capela, depois junto com prefeitura, igreja as outras organização, sindicato, essas coisas decidiram fazer um galpão. Então já tem um galpão e nós já deixamos de fazer essa latata lá. Decidimos fazer uma área aqui, coberta de brasilit, coberta de telha pra atender o pessoal, então já melhorou. Já temos aqui o local pra atender, receber o pessoal, tem essa área aqui, tem a casa aqui pra acolher o pessoal. Essa noite já pernito muita gente aqui, ninguém paga nada pra pernoitar aqui, e aí eu venho sempre, um prazer sempre tá ajudando nessa organização, né, todo ano a gente tem uma atividade a fazer pra melhorar o ambiente aqui, é pra atender as pessoas que chegam pra pagar suas promessas, pra fazer sua procissão, todas as pessoas que são devotas a Santa Raimunda do Bom Sucesso, como eu graças a Deus sou, então eu também ajudava além dessas coisas que tô falando da organização do ambiente com pessoal eu também todo ano costumava ajudar na alimentação, preparar alimentação pras pessoas que chegam se alimentar, num é caro, a gente vende com preço razoável, mas que num é de graça e aí eu sempre fazia esse trabalho, mas aí minha esposa, além dela ser uma pessoa com um pouco de idade, ela pegou um problema, ela passou por uma crise de saúde e aí ela num tá bem recuperada e eu decidi esse ano que eu não vou vender, e eu queria também ir na procissão que eu acho muito bonito e eu não podia ir porque ficava aqui atendendo o pessoal na alimentação, na parte de alimentação, mas por esse problema da minha esposa, dela não tá bem de saúde então eu não vou vender nada, tô aqui só ajudando a organizar mais aqui alguma coisa pra melhorar, para receber o pessoal, então eu não vou vender e quero ir pra procissão se Deus quiser e com muito prazer e também agradecendo a Deus e a Santa Raimunda que minha esposa através do poder de Deus e da Santa Raimunda ela tá por aqui, num tá bem de saúde, mas tá andando, eu considero que ela tá bem.

²⁷ Cobertura de palha, mesmo que latata.

A organização da Festa à Santa Raimunda é iniciada logo após a conclusão, a comunidade trabalha constantemente na organização da festividade, assim que acaba o festejo já iniciam o processo em que avaliam a festa e já iniciam as reuniões e distribuição de tarefa para a próxima. As funções são dadas em reunião das associações do Seringal São Francisco e Seringal Icuriã. Divididas as atividades os grupos iniciam suas tarefas. As reuniões e atividades passam a ser realizadas por grupos, cada qual com suas funções.

As atividades de infraestrutura são basicamente masculinas, a das mulheres é voltada para atendimento de peregrinos que passam constantemente no mês de agosto, como acolhida, preparo de alimentos entre outros. A refeição para os homens nos adjuntos²⁸ de construção de banheiro, melhoria de ramal, abertura de varadouro é feita por uma mulher no São Francisco e por outra no Icuriã.

As atividades femininas são desenvolvidas nos lares, dias antes da festa, elas iniciam os preparativos. Coleta de macaxeira para bolo, preparo de doces, refrescos, rapadura, matança dos animais, galinhas, porcos, corte, preparo de torresmo, as carnes são colocadas no espeto para churrasco, organização das mesas para venda, limpeza da casa onde é a acolhida principal entre os dias 14 e 15 de agosto.

Na noite que antecede a festa, 14 de agosto muitas mulheres reúnem-se na casa, colocação Flor de Xapuri, local onde inicia a romaria, para cozinhar, e lá passam a noite toda cozinhando sopa, galinha, arroz, feijão, dando os últimos retoques em tudo. E a cada novo peregrino, são vendidas alimentação e assim segue a rotina e na madrugada já estão com as mesas postas, com café da manhã, almoço, doces. E assim passam o dia todo, cozinhando e vendendo.

Ao término da celebração, os peregrinos pouco a pouco vão retornando e por volta das 16 horas todos iniciam a nova etapa de trabalho. Coleta de lixo, organização do material individual de cada família para retorno aos lares. A tarefa, mesmo exaustiva, é feita por todos. Existe uma ansiedade em receber e organizar a festividade que mesmo com todas as dificuldades a comunidade toda se envolve, são oportunidades de devoção, comercialização e de reencontrar amigos que retornam a localidade para pagar promessa.

A festa conta com a significativa presença das mulheres, que com toda sensibilidade organizam e colaboram com o desenvolver da festa, elas estão presentes nas comunidades do São Francisco, Icuriã e Pastoral e movimentos, porém a organização da festa é uma ação familiar, todos participam com diferentes funções.

²⁸ Adjuntos na Amazônia tem o mesmo significado que mutirão, reunião de pessoas para concluir uma atividade.

O trabalho é conduzido por mulheres, com colaboração ativa dos homens. As mulheres das comunidades têm seu trabalho voltado para alimentação dos homens que estão em adjunto trabalhando nas construções e ramais e o atendimento dos peregrinos. Nos quesitos alimentação, as mulheres da pastoral e movimentos cuidam da organização da capela, limpeza do espaço e imagem da santa e dos preparativos para celebração da Missa. Seu José Marques de Araújo descreve a organização (Pesquisa de campo, julho 2013),

O caminho daqui pra capela é uma atividade nossa também, todo ano a gente, nós aqui, a comunidade do Cumaru é quem limpa o caminho, então, aí o caminho o primeiro caminho tinha muita ladeira e pegava duas moradias, aí tinha muita abertura, o pessoal os romeiros pegavam muito sol. Aí nós decidimos fazer outro caminho, um desvio só por dentro da floresta, porque aqui a intenção do povo, mais bonita, a curiosidade de muitas pessoas é a caminhada ecológica, que é uma caminhada de uma hora em meia, dentro da floresta. Então nós decidimos tirar outro caminho, um desvio só por dentro da floresta, então a gente fez esse desvio, mas aí todo ano a gente vai limpar o caminho, deixar limpinho, bem belezinha pros romeiros passar, ainda agora mesmo, ontem mesmo nós fomos limpar o caminho daqui pra capela pros romeiros ir tranquilos pagar suas promessas e fazer sua procissão.

Na narrativa de Seu José, percebemos o destaque dado a comunidade que pertence, em diferentes momentos, conversando percebíamos que as comunidades sentem necessidade de realizar grandes feitos, isso para os devotos moradores é a maneira de mostrar sua gratidão com a Santa Raimunda e dar continuidade a ações familiares e ao grupo que pertence, o que evidencia uma disputa de ação entre os grupos envolvidos.

A narrativa de Irmã Maristela abaixo apresenta as ações da Igreja Católica e o envolvimento comunitário. A Irmã Maristela está atualmente na Paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro no município de Assis Brasil, é brasileira, de aproximadamente 36 anos, participa há um ano da festividade a Santa Raimunda representando a igreja Católica.

1. Olá, Bom dia, boa tarde, sou Irmã Maristela, estou trabalhando aqui em Assis Brasil faz um ano e a experiência da igreja com relação à Santa Raimunda, Alma do Bom Sucesso, foi assumida assim como igreja católica a partir do ano 2000. Estava aqui a irmã Terezinha Maria Dalsejo e ela junto com a comunidade começou a organizar melhor esse dia, essa caminhada, que a gente chamou de caminhada ecológica Santa Raimunda Alma do Bom Sucesso.
2. Todos os anos a igreja católica faz essa caminhada. E para que aconteça, nós entramos em contato assim com os órgãos públicos na colaboração pra fazer os preparativos como a limpeza do caminho.
3. A gente faz uma caminhada que vem do Tota até o santuário que são mais ou menos 5 a 6 quilômetros mata adentro por um varadouro, e esse varadouro deve ser assim roçado e a gente pede a colaboração. Esse ano a gente teve a colaboração também do exército pra roçar o caminho. Contamos com a colaboração da prefeitura com relação às placas de orientação para chegar aqui

no santuário, como também a equipe do meio ambiente, Secretaria do Meio Ambiente que também ficou de fazer orientação sobre o cuidado do meio ambiente pra colocar ao longo do caminho no trajeto onde vai ser feita a caminhada.

4. A gente percebe que é um encontro de duas nações, de pessoas que vem do Peru, que na maioria são peruanos que vem, tem promessas, e brasileiros. Então a gente está aos poucos, com os recursos que entram dessa caminhada, desse dia, a gente está investindo na infraestrutura.
5. Outros parceiros que a gente tem é a própria comunidade da colocação do Bom Sucesso, que as famílias mesmo se organizam pra o café da manhã, fornece café da manhã, fornece almoço.
6. E a gente pensa assim que eles estão bem empenhados apesar das grandes dificuldades que eles têm.
7. Esse ano nós tivemos um pouco de dificuldade na questão de acesso. A gente, a prefeitura conseguiu fazer até um pedaço, e aí a gente acredita que até o dia da caminhada já esteja todo trajeto passado a máquina, favorecendo a vinda dos peruanos que vem com seus automóveis, que são adequados para realidade de lá.
8. E assim, eu sinto que como igreja, a gente acompanha essa devoção popular, assumimos essa devoção também porque ela reúne muitas pessoas.
9. Muitas pessoas vêm dar seu testemunho, que através de Santa Raimunda tiveram graça, a graça da saúde, a graça assim de necessidades que eles tinham e foram atendidos por intermédio da santinha, Santa Raimunda, que era uma mulher seringueira que em 1909 ou 1911 por aí que aconteceu que ela morreu, mas essa devoção nunca morreu desde lá.
10. A comunidade paroquial aqui de Assis, iniciou em 1986. E essa santinha já estava, quando a igreja, no caso uma paróquia foi formada aqui. Então a gente foi fazendo toda caminhada, o conhecimento mais profundo dessa devoção e foi assumindo.
11. Outra santinha que nós temos é a Santa Sebastiana, na colocação da Alma da Lua Nova, no ramal Icuriã, km 53. Aí entra e vai pra colocação da Lua Nova, e essa também é uma mulher, também seringueira, dona de casa e tudo e que ela faleceu, eu não sei contar a história, mas em Assis Brasil tem uma família que conhece muito essa história, família do seu Baguel, eles sabem contar, até são parentes da falecida e também todo ano, no dia 14 de julho a gente faz essa peregrinação até o tumulto da Alma da Lua Nova, são mais ou menos uma hora de caminhada, subindo ladeira e atravessando igarapé pra chegar lá no tumulto e também é de bastante devoção popular, não tão forte como é de Santa Raimunda.
12. O dia de Santa Raimunda a igreja definiu para o dia 15 de agosto. Dia 15 de agosto que é uma data central para fazer essa peregrinação como igreja católica e a gente sabe que durante esse mês de agosto, julho e agosto sempre vem muitas pessoas de fora, Peru, vem gente de Lima, vem gente dos Estados Unidos pra cá, soube via depoimentos e que participam dessa grande celebração.

13. No dia 15 a gente, vem todo mundo até o Tota e de lá vem em caminhada, peregrinação, a gente vem rezando, cantando e quando chega aqui no santuário a gente realiza a missa.
14. Quando é possível temos a participação de padres peruanos e padres brasileiros para atender também o povo que habla espanhol, e assim pensamos daqui pra frente a gente planeja se organizar bem melhor.
15. Este ano já conseguimos então fazer os locais pra venda de alimentos e água, que como é um lugar de difícil acesso, não tem muitos recursos e tudo então pra favorecer a comunidade pra ter um lugar pra vender as coisas e também quem vem de fora. E no ano que vem a gente já planeja a construção de banheiros que não tem esse ano já vai ter um pouco a água encanada para favorecer.
16. Então devagarinho a gente vai fazendo. Essa questão, além de ser assim um momento de grande experiência de fé, de testemunhos, que após a missa tem um momento de cada pessoa que quiser dar seu testemunho sobre o milagre, sobre a graça alcançada, é um pouco falada da sua experiência com relação a santinha, e eu acho que é só.

Todas colaboram de forma direta ou indireta nas diversas atividades, porém a presença feminina é intensa nos diferentes grupos. Os trabalhos contam com os serviços realizados por homens, mas os processos são conduzidos por mulheres, percebemos liderança feminina, uma mudança na estrutura do seringal, porém nas diferentes “apresentações” a representação comunitária ou eclesial é feita por um homem. Na narrativa da Irmã Maristela percebemos diversos pontos que analisamos junto com a comunidade no desenvolver da pesquisa. Inicialmente a intenção era fortalecer uma caminhada ecológica, por ocorrer em meio a floresta. Ouve um envolvimento da Secretaria de Meio Ambiente, mas não passou de ações com placas informativas, que dão ênfase ao ambiente de floresta, observação do lixo entre outros.

No aspecto ambiental a caminhada provoca ações negativas e apesar da parceria com secretaria de meio ambiente, não existe ação de manejo para diminuir os impactos negativos causados pela peregrinação, queima de velas entre outros. A comunidade trabalha após a saída dos peregrinos com a coleta dos resíduos deixados no caminho, porém não existe uma destinação adequada, nem um controle da largura da trilha, está ano a ano ficando cada vez mais larga.

Na fala de Irmã Maristela percebemos como o festejo é tratado como atividade da Igreja Católica, que conta com a colaboração das comunidades, isso é um gargalo comunitário, pois para eles a celebração é feita por todos e a Igreja é mais um parceiro que vem até a localidade celebrar missas e ações que são necessárias para os devotos da floresta.

Nas narrativas anteriores, como da Dona Celita e de José Marques, percebemos como a devoção a Santa Raimunda ocorre em suas vidas, desde a infância, e como foi realizada a escolha de uma data específica, Maristela também dá ênfase à escolha da data 15 de agosto para realizar a celebração por ser uma data central, para os comunitários foi bom, pois aproveitam o momento para comercializar seus produtos e uma renda a mais. O 15 de agosto coincide com a Assunção de Maria e com o verão para adentrar na floresta amazônica com maior facilidade.

4.2 SANTIFICAÇÃO DE MULHERES

A presença das mulheres nos seringais deu-se de forma intensa no segundo ciclo da borracha, porém o primeiro ciclo também contou com a presença feminina, e o território anterior aos ciclos econômicos da borracha eram habitados por indígenas. A religiosidade popular em comunidades seringueiras é marcada pelas relações com o catolicismo, porém a Bolívia já experimentava o catolicismo desde século XVI com a vinda dos espanhóis. A devoção é experimentada em todas as fases. O território, atual Acre, quando pertencia à Bolívia, já vivenciava a devoção e veneração aos santos populares. Nossa Senhora da Seringa é pintada por artista plástico boliviano, que a traduz como muita semelhança às práticas vividas até os tempos atuais pelos povos indígenas somados aos símbolos do catolicismo, já introduzidos no Peru e na Bolívia somados às experiências vividas em floresta consolidou-se a devoção dos santos da floresta.

A mulher é presente como Santa em diferentes momentos, Nossa Senhora Seringueira, Santa Raimunda, Santa Estelita, Santa Antônia, Santa Sebastiana e tantas outras santas da floresta. Porém, vale destacar que aspectos machistas eram mais presentes que em tempos atuais: a mulher, esposa, responsável pelas tarefas domésticas e extração de látex em apoio ao marido era oprimida e vivia sob pressão de violência (estupro, surra), essas mulheres não tinham a quem recorrer.

O homem, “figura central” do seringal, também vivia sob pressão, o primeiro e o segundo ciclos da borracha foram vividos sob forte pressão econômica. O seringalista, dono das terras, era o dono de toda produção dos seringueiros que trabalhavam num regime de “escravidão” disfarçada, proibido de plantar, ou de obter qualquer outra forma de renda ou alimentação a coleta de látex era a única alternativa econômica para as famílias, assim a mulher e o homem extraíam látex e entregavam a produção ao seringalista, que vendia aos sujeitos explorados, alimentos, remédios e ferramentas para o trabalho, garantindo assim o ciclo de exploração.

A mulher vivia sob pressão em todos os aspectos, produzia e não tinha nenhum direito, corria o risco de ser vendida, raptada: as práticas machistas marcam o primeiro e segundo ciclo da borracha, se apresentam nas diversas relações de poder estabelecidas na estrutura sociocultural das localidades, um ambiente em que as diversas atividades são exercidas por todos, porém a figura masculina é a que representa o grupo familiar, indiferente

de a produção ser feminina. Em alguns seringais essa estrutura vem sendo modificada, porém ainda é vívida e perceptível.

Adentrando os seringais acreanos, encontramos algumas santas populares, presença significativa, foi possível realizar o registro de santas como: Santa Sebastiana - Seringal Petrópolis, colocação Lua Nova e Santa Raimunda – Seringal Icuriã, colocação Bom Sucesso no município de Assis Brasil; Santa Euricléia – Antigo Seringal Canindé; Santa Rosa e Santa Francisca – Seringal Porto Carlos; Santa Estelita – Seringal São Salvador, colocação Arrependido, em Brasília. E Santa Antônia de Oliveira – Seringal São Pedro Colocação Bom Sucesso em Xapuri.

No contato com sujeitos que vivem no entorno dos lugares sagrados onde estão as santas populares percebemos nas narrativas que a maioria delas em vida atuou na comunidade com funções de parteira, seringueira e que morreram de forma trágica, algumas vítimas de violência de forma direta. Mas em vida essas personagens de fé não foram valorizadas no meio social por suas funções. Compreender como funciona o processo de santificação popular deu luz ao processo de santificação das mulheres. Ver Quadro3:

Quadro 3 - Santificação de mulheres

SANTIFICAÇÃO DE MULHERES						
Nome do Santo	Colocação	Seringal	Morte	Dia de Festejo	Causa da Morte	Manifestação do Sagrado
Santa Raimunda	Bom Sucesso	Icuriã	Por volta de 1911	15 de agosto	Morreu trabalho de parto após levar surra de marido	O local onde foi enterrada passou a exalar perfume
Santa Sebastiana	Lua Nova	Petrópolis	Falecida em 12 de novembro 1978	Segundo sábado do mês de julho	Assassinato seguido de estupro	Causa da morte “fidelidade, para a comunidade essa virtude a torna santa”
Santa Euricléia	Margens do rio acre	Antigo seringal Canindé	Por volta de 1984	Segundo sábado do mês de julho	Morreu afogada	O corpo não entrou em decomposição.
Santa Antônia de Oliveira	Bom Sucesso	São Pedro	Falecida em 9 de abril de 1968	Não existe festejo, ao cruzar depositam ramos ou vão pagar promessa deixando ex-votos.	Não se sabe causa da morte	Continuou a atender mulheres na hora do parto, ampliando os milagres.
Santa Rosa	-	Porto Carlos	Anterior a 1947	Não existe festejo vão pagar promessa deixando ex-votos.	Não se sabe causa da morte	Passou a curar enfermos da comunidade.

Continua.

Quadro 3 - Santificação de mulheres (conclusão)

SANTIFICAÇÃO DE MULHERES						
Nome do Santo	Colocação	Seringal	Morte	Dia de Festejo	Causa da Morte	Manifestação do Sagrado
Santa Francisca	-	Porto Carlos	1986	Não existe festejo vão pagar promessa deixando ex-votos.	Morreu de parto	Passou a curar enfermos da comunidade.
Santa Estelita	Arrependido	São Salvador	Por volta de 1963	Não existe festejo vão pagar promessa deixando ex-votos.	Morreu de Parto	Apareceu depois de morta, disse que era santa, desenterraram seu corpo e ela estava intacta.

Fonte: Santificação de Mulheres e manifestação do sagrado. Rachel Dourado da Silva, 2014.

No quadro 3, separamos as santas populares dos santos, analisamos a causa da morte e o que a comunidade considera manifestação do sagrado, o ato que a torna santa, de forma geral todos os santos tiveram uma vida sofrida, e o ato da passagem (vida para morte) também é marcado com dor e sofrimento. Mas o que os tornam santos, vida em sofrimento? Verificamos que o sofrimento é um aspecto importante para tornar santo, mas a manifestação do sagrado é o fator determinante. Nas nossas florestas, descobrimos que todo cemitério é um lugar sagrado, de temor e/ou veneração. O ato de depositar um ramo é tradição e herança dos povos indígenas, que representa o temor e evita que a alma o perturbe, o siga, mas também representa que o sujeito que ali passou respeita o lugar sagrado. Cruzamos alguns cemitérios cobertos de ramos, mas sem ex-votos e sem devida “importância” comunitária, a explicação é que esses não são venerados como santos por não haverem dado a manifestação do sagrado.

No caso de Raimunda, a hierofania foi o exalar do perfume, “nunca sentido antes”, diante da manifestação a comunidade que já depositava o ramo, passa a fazer pedidos e conforme são atendidos uns vão divulgando para o outro e tornam popular a representação sagrada comunitária.

Santa Sebastiana, a manifestação do sagrado apresentada pela comunidade é o ato de morte, “as tuas virtudes de amor, carinho, respeito e fidelidade te levou a morte”. Sebastiana foi assassinada para ser violentada, pois já havia resistido ao estupro em outras ocasiões. Diante da morte, os sujeitos que ali vivem passam a venerar e fazer solicitação de atendimentos, conforme vão recebendo atendimento se propaga o poder da santidade. Aspectos do machismo estão impregnados na relação estupro x fidelidade, a vítima de violência é cultuada por suas virtudes de amor, carinho, respeito e fidelidade, por ter rejeitado a “opção” de ser estuprada.

Santa Euricléia morreu salvando seus irmãos que estavam se afogando no rio Acre, mas acabou morrendo, a família buscou seu corpo por três dias; no terceiro dia, o corpo apareceu próximo ao local onde construíram a capela. A manifestação do sagrado foi em conservar o corpo intacto, os peixes não o haviam comido, ela estava em perfeita condição e diante da manifestação passa a ser cultuada e venerada pela comunidade.

Santa Antônia Oliveira, em vida, era parteira, e a localidade onde vivia era a única, com sua morte não havia mais a quem recorrer, e as mulheres gestantes passaram a pedir atendimento de Antônia e recebiam a graça do bom parto, diante dos tantos atendimentos, demais sujeitos passaram a fazer pedidos com diferentes causas e receberem atendimento. O lugar sagrado de Santa Antônia recebe poucos devotos, são especificamente sujeitos que moram no entorno, mas que costumam entregar seu ex-voto em agradecimento à causa atendida.

Santa Rosa, a comunidade não sabe como morreu e nem como passou a ser tratada como santa; sabem que ela sempre atende os necessitados de graça. No mesmo lugar, temos a Santa Francisca, que é mais recente que Santa Rosa. Francisca morreu de parto e após sua morte a comunidade passou a rezar e pedir interseção a Francisca, que também atendeu e passou a ser tratada como santa. As duas compartilham a mesma capela, e o lugar sagrado é conhecido como Capelinha.

Santa Estelita estava grávida e morreu em trabalho de parto; a manifestação do sagrado foi aparecer em sonho, informando que havia virado santa, de tanto informar foram e no lugar onde estava seu corpo passou a germinar água; padres foram à localidade, abriram o túmulo e encontraram seu corpo em perfeito estado, ela com a pele corada. Diante da manifestação, passaram a fazer preces e pedir atendimento. A localidade fica distante e ouve um grande êxodo rural e uma nova ocupação na área. Os vizinhos mais próximos conhecem e respeitam, porém o lugar sagrado parou de ser venerado e vem pouco a pouco sendo esquecido, mas os sujeitos que foram para o núcleo urbano lembram e a veneram.

Figura 32 - Santa Raimunda



Fonte: Rachel Dourado, Agosto, 2010

As mulheres santificadas popularmente apresentam histórico de morte similar, porém as manifestações do sagrado são os aspectos determinantes para o processo de santificação popular. Na história de Raimunda e Estelita também apresentam que diante do alvoroço comunitário ouve um estímulo que motivou a vinda de representantes paroquiais, que abriram os túmulos para estudo dos casos.

As moradoras dos seringais atuavam em missão, algumas trabalhavam assistindo as gestantes, todas trabalham ajudando o marido, trabalhadoras, apresentam um perfil de seriedade, entre outras características que eram necessárias às mulheres, suas ações as

tornavam visíveis ao seringal, porém era necessário ao homem torná-la invisível, porém suas ações eram conhecidas no seringal e nas redondezas, demonstra a sensibilidade e caridade com as demais mulheres do lugar. Mas aspectos machistas tentam tornar invisível a ação feminina, Perrot, (2010), p. 167:

As relações das mulheres com o poder inscrevem-se primeiramente no jogo de palavras. “Poder”, como muitos outros, é termo polissêmico. No singular, ele tem conotação política e designa basicamente a figura central, cardenal do Estado, que comumente se supõe masculina. No plural, ele se estilhaça em fragmentos múltiplos, equivalente a “influência” difusas e periféricas, onde as mulheres têm sua grande parcela.

O que não é amplamente reconhecido nos espaços de “poder”, espaços onde a presença feminina não era bem-vinda, o poder de Raimunda era discutido e tratado. Recorremos aqui a Bachelard (2008) em lugares como cozinha, quartos, na essência íntima do lar, onde se reproduzia sua caridade e sua ação para as demais mulheres e filhos.

Raimunda, após morte trágica em trabalho de parto, com marcas de violência sofrida pelo marido, seu opressor e o ato simbólico de surgir no túmulo de Raimunda um perfume que não havia no lugar para Eliade (2010) p. 30, “todo espaço sagrado implica uma hierofania, uma irrupção do sagrado que tem como resultado destacar um território do meio cósmico que o envolve e o torna qualitativamente diferente”. Os elementos das práticas machistas tornam as mulheres invisíveis em vida, porém os males sofridos em vida seguidos de morte, apresentam aos que vivem no seringal uma relação com o sagrado, uma vez que o “sacrifício” a torna forte, poderosa e logo o local de sua morte destaca-se dos demais espaços, tornando o território sagrado, a “alma” milagrosa e com a quantidade de devotos e milagres, essa alma milagrosa passa a ser tratada por seu nome, Raimunda, tornando sagrada e poderosa, ser espiritual de temor e adoração. A história de Raimunda e seus milagres foram contados e são vividos pelos sujeitos. A vida de Raimunda, sua função social, a violência, e o símbolo de exalar de um perfume, são as marcas para os sujeitos que vivem na floresta, nos seringais que agora a alma de Raimunda vive em um bom lugar e é protetora da comunidade, Santa! Sendo necessário todos os anos organizar a festa e propagar o poder da Santa Raimunda, alma do Bom Sucesso em agradecimento as promessas atendidas.

4.3 CAMINHOS DA RELIGIOSIDADE: PEREGRINAÇÃO NAS ESTRADAS DA SERINGA

As peregrinações nos seringais do Acre são ritos aos santos populares, momento em que fiéis recorrem com fé floresta adentro com intenção de agradecer as causas atendidas. O caminhar na floresta é um costume, necessário para o trabalho, as casas distam uma das outras, o intervalo de uma colocação a outra, onde há moradia é longo e normalmente se caminham de 6 a 8 km. A peregrinação nas florestas em devoção aos santos locais cresceu semelhante ao ofício dos extrativistas, nas caminhadas longas. O trabalho nas estradas de seringa é realizado em rondas, peregrinando estrada adentro.

O ato de passar por um lugar sagrado, túmulo, sempre foi razão para os povos seringueiros de veneração e/ou temor, passar e depositar um raminho de árvore qualquer é necessário, muitos nem sabem explicar, porém sabem que devem fazer. A peregrinação a Raimunda ganha uma outra dimensão: passa a ser além, dos depósitos de ramos, os fiéis de Raimunda necessitam agradecer às dádivas atendidas, para os peregrinos ter direito ao lugar sagrado é necessário sacrifício, vivenciado na peregrinação, momento em que o sujeito percorre ultrapassando seus limites, com a certeza que a peregrinação é um ato de fé, renovação e purificação, assim os sujeitos que vivem ou os que adentram a localidade vivenciam a paisagem e interagem com os elementos que compõe o espaço sagrado. (ROSENDAHL, 1996, p. 57):

[...] Os limites da área de abrangência são fornecidos pelo comportamento dos peregrinos, pelos lugares sagrados e pela localização característica dentro deles, pelas atividades auxiliares associadas aos peregrinos ao redor do local, pelas funções como alojamento para doentes e turistas e pela venda de artigos religiosos relacionados aos peregrinos.

A peregrinação a Santa Raimunda do Bom Sucesso tem seu trajeto marcado como ponto de partida, colocação Flor de Xapuri, localizada no Seringal São Francisco, 30 quilômetros após a estrada do pacífico, ramal adentro. E é concluída na Colocação Bom Sucesso, Seringal Icuriã na Reserva Extrativista Chico Mendes. A peregrinação tem um trajeto, (figura 33) de 6 km, feita em procissão com reza do terço e cantos puxados por Padres ou Freiras brasileiras e peruanas.

Figura 33 - Mapa da Peregrinação Santa Raimunda do Bom Sucesso



Fonte: Mapa organizado por Ezaque Saraiva do Nascimento. Dados coletados em campo por Rachel Dourado da Silva, 2014.

Os peregrinos que adentram caminhando, partindo da estrada do pacífico, pernoitam na Colocação Flor de Xapuri, e no amanhecer aguardam os padres para seguir em procissão até a colocação Bom Sucesso, onde está localizado o túmulo da Santa Raimunda, para esses devotos não é suficiente peregrinar o trajeto oficial de 6 km, faz-se necessário adentrar a localidade caminhando, para sentir e vivenciar todo o ambiente e estabelecer a relação com o sagrado etapa por etapa diante do sacrifício, conforme (CLAVAL, 2001, p. 210).

Há vários meios de reatar assim os elos através dos quais o espaço é instituído. Pode-se, como se faz por ocasião do lento vagar das procissões ou dos cortejos, restabelecer a sacralidade controlada que caracteriza o espaço dos homens, passando por pontos onde a carga simbólica é mais forte, ou fazendo a volta no conjunto do território a ser purificado – é a fórmula das festas católicas das rogatórias.

A peregrinação tem carga simbólica forte, os devotos recorrem com intenção, fortalecidos na fé, o trajeto é essencial e deve ser concluído por estes que os prometem percorrerem, apesar do sol forte da Amazônia no período de agosto são muitos os fiéis que adentram caminhando. Esse trajeto é descrito por alguns peregrinos como momento de contato íntimo, momento de conhecer a Santa, de reestabelecer os laços e orientar a nova jornada da vida. A peregrinação funciona como um processo do sujeito em contato com a paisagem, as relações simbólicas com os lugares, sua imersão na devoção ocorre por meio do sofrimento experimentado na peregrinação e isso torna especial o trajeto e o contato espiritual ocorre, para (CLAVAL, 2011, p. 153).

As relações que os indivíduos estabelecem com os outros lugares que dão um sentido à sua vida dão origem a comportamentos relativos ao espaço que nenhuma análise funcional pode dar conta. Faz-se necessário por um momento abstrair-se do mundo e recolher-se para meditar sobre o princípio das coisas, sobre as forças que modelam o mundo, sobre os deuses, os gênios e os espíritos que o povoam, sobre o Deus que o criou e sobre a Razão, que o guia. Para se dirigir ao Senhor e às divindades nas quais acredita, o fiel interrompe o curso de sua existência ordinária e atribui, assim, uma estrutura religiosa ou filosófica ao tempo em que vive. Ele não deseja se distrair enquanto empreende sua meditação ou pronuncia sua prece, o que o leva a procurar a calma, a solidão: os que vão até o fim desta lógica deixam o mundo e isolam-se no deserto, à maneira dos eremitas, ou retiram-se para um convento onde a paz do claustro oferece um refúgio ideal.

Para os sujeitos, peregrinar é essencial em função da devoção e o desejo de ter contato íntimo com o sagrado, alcançado no ato peregrino diante da paisagem, exaustão vivida, imersão íntima com conflitos e capacitada da fé em superar. Alguns necessitam isolar-se para entrar em contato com o íntimo, outros sentem em oração, o peregrino, mesmo em

grupo sente o momento como de reflexão e contato íntimo com Deus, com sua vida e analisa intimamente sua trajetória, vivenciada no percurso percorrido.

O peregrino vivencia sua solidão, imerso na paisagem, o percurso de sofrimento alimenta sua devoção, o processo de exaustão contribui, renovando sua fé, e fortalece a prática devocional, isso o motiva a seguir, seguir em peregrinação e seguir em vida fortalecido, para os sujeitos que adentram sentem-se renovados pela experiência divina e assim concluem no espaço sagrado cumprindo sua promessa, agradecidos, prontos para um novo ciclo de vida.

Para os moradores, a entrada dos peregrinos é sinal de força de Raimunda, por isso todos estão atentos para fornecer água, comida ou abrigo para o que seguem peregrinando. Segundo peregrinos, à tradição de fé e culto a Santa vem sendo transmitida por amigos, familiares. Peregrina peruana, Lola Pastor (Pesquisa de campo, agosto 2013),

4.4 NARRATIVA PEREGRINA LOLA PASTOR

1. Yo me llamo Lola Pastor tengo 23 años y tengo un bebe de un año, yo conocí a la santa intermedio de amiga de mi mama y la amiga de mi mama explico, y en este tiempo pedí ayuda a mi bebe, me hicieran unos examen en coló uterino, entonces me dijeran que tenía principio de cáncer en coló uterino, entonces iniciaran un tratamiento, pero justo nuestra fe en la santa por eso es o segundo año que vengo caminando desde Assis, ¿No? Venimos caminando de Assis hasta acá para ir donde está la santa, para estar con ella, entregar nuestra fe para que nos ayudes, porque nosotros le pedido que me cure, por eso he venido eses dos años consecutivos caminando, este es mi penitencia, no, camino para llegar a ella.
2. A fe es o que uno tiene para hacer las cosas, por ejemplo cada vez que nos cansábamos en el camino, decíamos que ya vamos llegar, preguntábamos por el camino ¿cuánto falta? Ah falta mucho, es lejos decían, que era muy lejos, falta mucho ya. Caminábamos más. Ya falta mucho, y ya pronto vamos llegar. ¿Cuánto?, dos horas más. Y nunca llegábamos. Dos horas más, dos horas más. Ya pos la fe es, cada vez que cansa y le dije, ya vas llegar, es a motivación que teníamos.
3. Con Hijo es más pesado, venido con mi hijo con caroca, con todo, con las cosas do bebe es imprevisible, están traigo un montón de cosas para él, están agarrar a mi hijo es inquieto, de mueve quiere bajar, quiere comer, quiere subir, quiere andar, quiere hacer todo. Todo ese es más pesado. Año pasado tenía un mes de nascido entonces era manejable todo estaba en mi brazo caminando y no pesaba tanto como ahora, pero ahora ya quiere caminar, quiere bajar, muy inquieto, es mucho más difícil y el camino es bien difícil pos tiene subidas demasiadas altas y con mucha carga es muy difícil para subir todas las cosas, todas demoraban por mí porque tenía cosas demasiados de mi hijo, mi mama igual me ayudaba.

4. Timos salido a la siete ocho da mañana y hemos llegado a las ocho de la noche, como doce horas. Salimos de Puerto en el mismo día a las tres de la madrugada y hemos llegado a Assis en las seis da mañana y hemos estado una hora que hemos estado con problemas, en año pasado hemos pasado bien, pero ese año tenía permiso, ya estábamos en Assis y regresamos para Iñapari para ver papéis y otra vez regresamos para poder pasar, entonces salimos en este mismo día, en verdad pasamos de las tres da mañana hasta las ocho, siete da noche la santa en camino ya no aguantamos y vamos a seguir caminando en media, pero este camino tiene piedritas y todos terminamos con los pies lastimados, pero no ha sido todo malo, mi hijo no ya llorado, fue tranquilo, es algo que normalmente en Puerto Maldonado lo baño temprano le doy de comer y acá no he tenido esa posibilidad, de le dar de comer, bañar, esas cosas.

4.5 TRADUÇÃO NARRATIVA PEREGRINA LOLA PASTO

1. Eu me chamo Lola Pastor, tenho 23 anos e tenho um bebe de um ano, eu conheci a santa por meio de uma amiga da minha mãe, e naquele tempo eu pedi ajuda para o meu bebe, me fizeram alguns exames do colo do útero, então me disseram que eu tinha um começo de câncer no colo do útero, logo iniciaram um tratamento. Por nossa fé na santa, por isso é o segundo ano que venho a pé desde Assis. Viemos andando de Assis até aqui para ir onde está a santa, para estar com ela, entregar-lhe nossa fé para que nos ajude, porque nós lhe pedimos que me cure, por isso vim esses dois anos consecutivos andando, esta é minha penitencia, ando para chegar a ela.
2. A fé é o que a gente têm para fazer as coisas, por exemplo cada vez que nos cansávamos no caminho, dizíamos que já vamos chegar, perguntávamos pelo caminho, quanto falta? Ah falta muito, diziam que era muito longe, falta muito. Andávamos mais. Não falta muito, logo vamos chegar. Quanto? Mais duas horas. E nunca chegávamos. Mais duas horas. Cada vez que cansava eu lhe dizia, já vamos chegar. A fé era a motivação que tínhamos.
3. Com meu filho é mais difícil, vir com meu filho nas costas, com tudo, criança é imprevisível, estão eu trago um monte de coisas para ele, tenho que segurar o meu filho e ele é inquieto, se mexe, quer descer, quer comer, quer subir, quer andar, quer fazer tudo. Ele está mais pesado. Ano passado ele tinha um mês de nascido, então era maleável, estava no meu colo e não pesava tanto como agora, mas agora ele já quer andar, quer descer, é muito inquieto, é muito mais difícil e o caminho é bem difícil, pois tem muitas ladeiras altas e com muita carga se torna muito difícil levar todas as coisas, todos demoravam por minha causa, porque eu tinha muitas coisas do meu filho, minha mãe me ajudava.
4. Tínhamos saído sete ou oito da manhã e chegamos às oito da noite, aproximadamente doze horas. Saímos de Puerto no mesmo dia às três da madrugada e chegamos em Assis às seis da manhã e ficamos uma hora, porque tivemos problemas, no ano passado passamos sem problemas, mas esse ano precisávamos de autorização, já estávamos em Assis e voltamos para Iñapari para pegar documentação e voltamos para Assis, conseguimos sair no mesmo dia, na verdade ficamos das três da manhã até as oito. Às sete da noite no caminho da santa, não aguentávamos mais e continuamos andando de meias, mas neste caminho tem pedrinhas e todos ficaram com os pés machucados, mas não foi tão ruim, meu filho não chorou, foi tranquilo, normalmente em Puerto Maldonado eu lhe dou banho cedo e lhe dou comida e aqui não tive essa oportunidade, de lhe dar de comer, dar banho, essas coisas.

Para os peregrinos, vivenciar o território é essencial, integra-os ao sagrado, percorrer o trajeto é um sacrifício em agradecimento, preparo para chegar renovado ao lugar sagrado, ROSENDAHL (2012) p. 159: “A visita a um espaço sagrado é, antes de qualquer coisa, uma vivência afetiva. A partida, a viagem, a desinstalação do cotidiano, a própria linguagem do santuário aproxima o devoto do domínio do sagrado.”

Na narrativa de Lola, a necessidade de percorrer é maior que as limitações, a peregrinação é entregar sua fé a Santa que ajuda, lhe cura, vivenciar os obstáculos, da vida, ambiente, as dificuldades de levar o filho pequeno, esses obstáculos surgem como estímulo para prosseguir. A penitência é ir caminhando em agradecimento à cura, dada pela Santa. Percebemos que para os peregrinos a fé é renovada, o “sofrido” percurso renova, fortalece dá ânimo para seguir. Nas narrativas dos devotos peregrinos percebemos que quanto maior o grau de dificuldade, maior é a presença da fé na fala desses sujeitos.

No percurso oficial da peregrinação, 6 Km, em alguns momentos escutamos algumas queixas dos mais jovens aos mais velhos; do cansaço, e as respostas recorrentes “*não te queixa que ano que vem será pior*”, não com tom de ameaça pessoal, porém dando a deixa de que o sagrado irá cobrar as reclamações. ROSENDAHL, (2008), p. 56: “Na religião católica, os templos, os cemitérios, os pequenos oratórios à beira da estrada, os caminhos percorridos pelos peregrinos representam, entre outros, os meios visíveis, pelos quais o território é vivenciado e reconhecido como tal.”. O percurso do peregrino torna visível sua fé, provoca a sensibilidade e torna palpável a experiência vivida internamente.

As peregrinações são motivadas aos devotos peruanos também com forte vínculo de saúde, porém a maioria dos casos que encontramos é de câncer, em especial de colo de útero, mesmo fazendo parte das políticas públicas de outro país não podemos deixar de mencionar uma vez que a presença peruana é significativa, dando visibilidade aos santuários da floresta para as estatísticas do turismo.

Figura 34 - Peregrinos – Santa Raimunda do Bom Sucesso



Fonte: Rachel Dourado da Silva, Agosto, 2013.

Os peregrinos são pessoas advindas de diversas partes, em especial do Peru, que organizam suas vindas, gastam com deslocamento, comunicam sua saída do Perú e entrada no Brasil. Gastam com alimentação, porém sua motivação é religiosa; pois é necessário estabelecer sua relação com o sagrado, sendo necessário peregrinar e agradecer o atendimento das causas solicitadas.

4.6 NARRATIVA DA PEREGRINA NATALIA VERA CARDENAS

1. Yo conocí a la santa y el santuario todo por medio de mi amiga Luz, ya porque estaba pasando por un momento bien difícil con mi salud, estaba mal de los ovarios y tenía problemas con mi esposo, mi amiga me dijo que tenía que venir al Buen suceso, pero tenía un poquito de miedo por lo que decían.
2. Ya se dicen muchas cosas, qué la santa era castigadora que si no cumples lo que prometes te castiga con la vida, eso me decían los que no saben, y tenía miedo de prometer ir, no cumplir eso era mi temor, de repente no sanarme.

3. Bueno yo estaba con muchas ganas de querer venir al buen suceso, entonces cuando ya los médicos me dijeran que ya tenía que intervenir, hacer una operación que estaba tan grave que tenía que extraer la matriz porque sufría de miomas sangraba muchos días y no era normal y la única solución para eso es la operación. No quería ser extraída de la matriz.
4. Desde el año pasado conté mi problema a mi amiga Luz que me dijo, vamos, vamos, a santa milagrosa de las madres que ya ha curado muchas personas ella es milagrosa ha estado sanando a muchas mujeres y encontré también una amiga que se llama Rosa que se sanó de cáncer uterino y estaba desahuciada le quedaba muy pocos meses para morir y nos contó que ha venido al santuario y le curo del cáncer la santa le dijo en sueños que tenía que hacer para que se cure y que tuvo que caminar por muchos días y semanas. Este camino no se encontraba en buenas condiciones y estaba malo. Entonces yo me animé a venir, yo decía si a ella le curo entonces a mí también me curara y me anime más, y con un grupo de 14 mujeres y niños caminamos todos los kilómetros hasta llegar al santuario lo hicimos en dos días, también el año pasado caminamos porque le dije a la santa que me cure y llegaría a donde esta ella caminando, dije que voy llegar al santuario caminando, porque quería mi salud.
5. Año pasado salimos de Iñapari hasta Assis caminando hasta el santuario y el camino tuve sueños con ella, soñé con ella que tenía su velo lleno de flores, no le había visto a la santa con su velo todavía no le conocía, pero ella me hizo soñar como la iba a encontrar, estaba cubierta de flores y velas de muchos colores para mí fue algo extraordinario nunca pensaba soñar con ella y no la conocía ¡!
6. Y me emocione al soñarla, la noche que pasamos en camino acampamos ahí y en esta noche también la soñé llena de flores silvestres y con un perfume que solo puedes sentir en el monte o en el santuario y lo más impresionante es que todo lo que vi en sueños paso ¡!
7. Tuvimos muchas dificultades como también experiencias muy bonitas con todo el grupo fuimos por primera vez sin guía y sin conocer y no nos pasó nada hasta llegar al santuario, nos encontramos personas muy amables por el camino cuando ya no teníamos agua lo encontrábamos rápido es algo increíble que hay que vivir para creer, han pasado cosas muy hermosas y de esta manera yo conozco el santuario y me sorprendio mas cuando vi a la santa en el santuario estaba como yo la soñé, con el vestido blanco el velo, las flores, las velas , igual al sueño que tuve, así con la forma con el vientre tapadito. Desde ahí las cosas mejoraron, ahí me dijo que me iba a ayudar, así con mucha fe llegamos y todo año que ya pasé van mejorando las cosas y la salud también, ya tenía poco de dolores y ya no había sangrado y los problemas con mi esposo habían calmado . Yo le prometí que tenía que regresar. Voy a regresar por lo menos por cinco años.
8. Dije que venía sola, pero dije que voy a traer a mis hijas, ahora vengo con mis hijas igual caminando, en parte caminando y otra en moto que nos traerán hasta acá, siempre dije a ella que me escuche, que me perdone que no fue por algo que no queríamos y ahora estamos acá otra vez, para verla, para ponerla más bonita o algo más, y estoy con toda mi familia y mi hija que también tiene problema en los ovarios entonces ella ya no va a poder tener hijos, solamente tuvo uno, le dije que tenía que venir, ya con esas cosas de dejar las velitas y poner algo más para ella, le dije que por ahora traía a las hijas menores mas adelante le traeré a la mayor, ya me ha aliviado bastante ha cambiado totalmente la vida, eso sí, estoy bien emocionada y agradecida con la santita. Ella es nuestra intercesora con nuestro padre DIOS.

9. Todas venimos por problemas de salud, somos madres, ella era madre todos tenemos mucha fe y por eso estamos acá.
10. (intervalo, choro, respiração ofegante)
11. Yo tenía problema con mi esposo, era una persona muy violenta, machista tomaba los fines de semana y cada vez que venia a la casa tarde de la noche me hacia problemas a veces me golpeaba me insultaba era terrible mi vida, (interrompimento, lágrimas, respiração) Me metió la mano, pero todo ese problema me dio fuerza para venir, quería ayuda, que ilumine mi camino, que me ayude que tengo tres hijos, -siempre me decía: Tú estás loca, tu eres demasiado fanatica religiosa, crees demasiado en estas cosas. Y paso algo increíble que cada vez cada vez que me trataba mal o me insultaba ; no le dejaba dormir se le aparecía en sueños a castigarle tratando de ahorcarle o aplastándolo hasta dejarle sin respiración ,despertaba asustado y me decía que una mujer vestida de blanco con un velo le seguía para castigarle ; yo le decía por que eres malo conmigo, por que me tratas mal , ; es mi santa que me cuida y protege gracias al señor y su infinita misericordia - Tú estás loca, como vas crear así tu?
12. Yo le dije viste es porque tu estas hablando mal, no se habla, ella es milagrosa y me va a ayudar. Y después hasta el día de hoy el jamás dijo cosas así o se trató de levantar la voz o de hacer algo porque tenía miedo, sí de verdad tenía miedo, justo ahora para venir, dije tienes que ir, tienes que ir, tienes que ir, así estaba siempre pidiendo en la casa. Pero a pasar en la policía sin el permiso de él, yo dije, santita, santita no es justo, yo te prometí traer mis hijas, como vamos a llegar. Y la policía dijo pase nomás, pasé nomás. Dios mío bendito que ahí esta mis hijas no puede quedarse sin que ver, para mi es una emoción grande que las conozca la santa (chora) No pensé encontrar algo que sea así tan fuerte, de verdad cambió la vida, pues voy a seguir viviendo y voy a seguir viniendo, no solo los cinco años que prometí, yo siempre voy a venir.

4.7 TRADUÇÃO NARRATIVA PEREGRINA NATALIA VERA CARDENAS

1. Eu conheci a santa e o santuário por meio da minha amiga Luz, já que eu estava passando por um momento bastante difícil com minha saúde, tinha uma doença nos ovários e tinha problemas com meu esposo, minha amiga me disse que eu tinha que vir a Bom Sucesso, mas eu tinha um pouco de medo por causa das coisas que me contavam.
2. Diz-se muitas coisas, que a santa era castigadora, que se a gente não cumprir com o que promete ela castiga com a vida, os que não sabem me diziam isso, e eu tinha medo de prometer ir e não cumprir, esse era meu temor, de repente não sarar.
3. Eu estava com muita vontade de vir ao Bom Sucesso, então quando os médicos disseram que tinham que intervir, fazer uma operação, estava tão grave que tinha que extrair o útero porque eu sofria de miomas, sangrava por muitos dias, não era normal e a única solução para isso é a operação e eu não queria.
4. Ano passado contei meu problema para a minha amiga Luz, que me disse vamos, vamos à santa milagrosa das mães que ela já curou muita gente, ela é milagrosa, já estive curando muitas mulheres. Encontrei também uma amiga

chamada Rosa que sarou de câncer no colo do útero e estava sem esperanças, lhe restava poucos meses de vida e nos contou que veio ao santuário e a santa lhe curou do câncer, a santa lhe disse em sonho o que deveria fazer para curar-se e teve que andar durante muitos dias e semanas. Este caminho não estava em boas condições, era ruim. Eu me animei pra vir, eu pensava se a santa lhe curou também poderá me curar, e me animei ainda mais, e com um grupo de 14 mulheres e crianças caminhamos todos os quilômetros até chegar ao santuário fizemos a caminhada em dois dias, ano passado também caminhamos porque pedi à santa que me curasse e chegaria onde ela está caminhando, disse que chegaria ao santuário caminhando porque queria minha saúde.

5. Ano passado saímos de Iñapari até Assis caminhando até o santuário e no caminho eu tive sonhos com ela, sonhei com ela com um véu cheio de flores, eu ainda não tinha visto a santa, ainda não a conhecia, mas ela me fez sonhar com o que iria encontrar, estava coberta de flores e velas de muitas cores pra mim foi algo extraordinário nunca pensei que sonharia com ela eu nem a conhecia.
6. Fiquei muito emocionada ao sonhar com ela, a noite que passamos acampamos lá e nessa noite também sonhei com ela, cheia de flores silvestres e com um perfume que só se pode sentir na floresta e o mais impressionante é que tudo o que vi no sonho aconteceu.
7. Tivemos muitas dificuldades, mas também experiências muito boas com todo o grupo, fomos por primeira vez sem guia, sem conhecer e não nos aconteceu nada até chegar ao santuário, nos encontramos pessoas muito boas pelo caminho, quando não tínhamos mais água, encontrávamos rápido é algo incrível, tem que ver pra crer. Aconteceram coisas muito lindas e desta maneira conseguimos chegar ao santuário e me surpreendi mais quando vi a santa no santuário e estava como eu havia sonhado, com o vestido branco, o véu, as flores, as velas, igual ao sonho que tive, a mesma forma e com o ventre tampado. A partir daí as coisas melhoraram, ela me disse que iria me ajudar, com muita fé chegamos e a cada ano as coisas vão melhorando e minha saúde também, eu sentia poucas dores, não sangrava mais e os problemas com o meu esposo tinham acalmado. Eu lhe prometi que tinha que voltar. Votarei pelo menos por 05 anos.
8. Disse que viria sozinha, mas pensei vou trazer minhas filhas, agora venho com as minhas filhas andando, uma parte andando e outra de moto, sempre digo a ela que me escute, que me perdoe, que não foi por algo que não queríamos e agora estamos aqui novamente, para vê-la, para deixa-la mais bonita, e estou com toda minha família e minha filha que também tem problema nos ovários, ela não poderá ter mais filhos, teve apenas um, eu lhe disse que tinha que vir, para colocar velinhas e algo mais pra ela, eu lhe disse que agora trazia minhas filhas mais novas, depois trarei a mais velha. Já me aliviou bastante, mudou a minha vida totalmente, estou bastante emocionada e agradecida com a santinha. Ela é nossa intercessora com o pai DEUS.
9. Todas vieram por causa de problemas de saúde, somos mães, ela era mãe, todos temos muita fé e por isso estamos aqui.
10. (intervalo, choro, respiração ofegante)
11. Eu tinha problemas com meu esposo, ele era uma pessoa muito violenta, machista, bebia nos fins de semana e toda vez que vinha para casa tarde da noite vinha com confusão, as vezes me batia, me insultava, era terrível. Me bateu, mas todo esse problema me deu forças vir, queria ajuda, que ilumine meu

caminho, que me ajude pois tenho três filhos, - sempre me dizia: você está louca, você é muito fanática, acredita demais nessas coisas. E aconteceu algo incrível, toda vez que ele me mal tratava não conseguia dormir, ela aparecia em sonhos para castiga-lo, tentando enforca-lo, esmagando-o até deixa-lo sem respiração, acordava assustado e me dizia que uma mulher vestida de branco com um véu o perseguia para castiga-lo. Eu lhe dizia isso é porque você é malvado comigo, porque me trata mal. É a minha santa que cuida de mim e me protege, graças ao senhor e sua infinita misericórdia. – você está louca, como pode acreditar nisso?

12. Eu lhe disse que é porque você está falando mal, não deve falar, ela é milagrosa e me ajuda. E depois até hoje ele nunca mais disse coisas assim e tentou gritar comigo ou fazer outras coisas porque tinha medo, sim ele realmente tinha medo. Agora quando eu vinha, eu lhe disse você tem que ir também, tem que ir, tem que ir, eu ficava sempre pedindo pra ele em casa. Para passar pela polícia sem a autorização dele, eu disse: santinha, não é justo, eu te prometi trazer minhas filhas, e agora como vamos chegar? E a polícia disse: passem sem problemas, passem. Meu Deus bendito, aí estão as minhas filhas, para mim é uma emoção muito grande que a santa as conheça (chora). Nunca pensei encontrar algo que seja assim tão forte, realmente mudou a minha vida, vou continuar vivendo e vou continuar vindo, não apenas os cinco anos que prometi, eu virei sempre.

A experiência do peregrino é intensamente vivida e compartilhada, são muitos relatos de doenças e violência, muitas sentem receio em compartilhar a vida em violência, porém conforme experimentam a renovação e o atendimento sagrado relatam sua força e libertação, romper com o ciclo da violência. Para muitas mulheres falar da violência vivida em casa é um desafio, para essas mulheres é importante saber que a Santa Raimunda vivenciou isso, que não desistiu, seguiu em vida atuando em prol das demais mulheres, que foi mãe e mãe de todas as demais, mesmo sofrendo, sendo oprimida e vítima de violência.

Na narrativa, romper está implícito, romper com a doença e com o ciclo de violência, no primeiro momento, nossa contribuinte tenta ocultar a informação que é vítima de violência, e rompe a narrativa com respiração ofegante, seguida de lágrimas. Interrompemos a gravação, e somente com nova autorização voltamos. E segue revelando: “*Me metió la mano*”, percebemos neste instante a confiança que sente, a nova força, cura de tantos males, forte e empoderada, mulher decidida a seguir.

Os passos de opressão são vividos em diferentes momentos, existe uma história que diz que Raimunda é uma santa vingadora, que castiga quem não cumpre o que promete. A dificuldade para as mulheres peruanas em pagarem suas promessas são muitas, essa em questão, sofrendo dos ovários e vítima de violência prometeu curada adentrar com suas filhas, porém sem o consentimento do pai era impossível em função da fiscalização da polícia, que não permite entrada de menor sem autorização, mesmo acompanhado da mãe, o temor era diante da promessa, alcançar a graça e não poder cumprir o pagamento e ser castigada pela santa diante do não cumprimento.

A santa Raimunda também não é santa só por ser parteira, é santa por todas as causas, santa de todos. Conforme o marido de Natalia lhe fazia mal, Raimunda aparecia em seus sonhos lhe castigando, lhe sufocando, e assim Natalia conseguiu romper um ciclo de violência que vivia. E quando alcançou a cura dos ovários pode adentrar ano a ano com suas filhas, sem nenhum obstáculo oferecido por seu marido.

No primeiro ano que Natalia adentrou, no caminho ao dormir sonhou com Santa Raimunda, com o santuário, as flores silvestres e descreveu um cenário e um cheiro que é contado sempre. Santa Raimunda passou a ser considerada Santa pela comunidade no momento que em seu túmulo passou a exalar um perfume, isso por volta de 1911, 1912, não se sabe ao certo, porém ao chegar ao santuário, Natalia sentiu o perfume, que só se sente lá.

Diferentes peregrinos relatam sua experiência anterior ao santuário com sonhos, as narrativas dela dizendo aos sujeitos o que fazer, pedindo para não ocultarem informações de sua história, que foi vítima de violência ocorre com alguns sujeitos. Nossa colaboradora viveu diferentes momentos íntimos com a Santa, suas lágrimas são de emoção, mas ela vai ano pós ano, mesmo havendo concluído sua promessa, estimula e leva outras amigas.

O grupo de peregrinas peruanas é grande, a motivação e ânimo do grupo é percebida por todos, quando é véspera da chegada delas, a comunidade já prepara o espaço, limpa material de dormir, deixado por elas todos os anos. Conforme vão chegando à casa que serve de abrigo, na Colocação Flor de Xapuri, exaustos, porém com um brilho de realização, descrevem sua jornada como a realização de um feito especial que os deu oportunidade de viver um momento íntimo com a Santa Raimunda, tentam descrever a intimidade vivida, mas que justificam a falta de palavras para as emoções com “só vivendo para crer”.

Os cuidados da comunidade que vive nos seringais com os peregrinos são especiais, todos atentos com alimentação, água, alguns passam de moto pelo trajeto com intenção de verificar se será necessário intervir em socorro. Cuidados atentos de uma comunidade que respeita e venera Santa Raimunda, apesar da vocação turística esses cuidados não estão relacionados à atividade, e sim com a experiência religiosa vivida.

4.8 TURISMO RELIGIOSO

No Turismo, existe o código de ética a ser trabalhado e respeitado por todos que comercializam, regulam, fiscalizam e usufruem dos destinos. O código de ética do Turismo foi resultado da Assembleia Geral em Istambul, 1997, e em sequência constituiu-se um

Comitê Especial para o preparo do Código Mundial de Ética do Turismo voltado a atender o novo milênio, documento que reafirma a preocupação com os sistemas sociais, de trabalho e ecológico. Segundo Leonardo Boff (2003), três problemas suscitam a urgência de uma ética mundial: a crise social, a crise do sistema de trabalho e a crise ecológica, todas de dimensão planetária.

No Brasil, a partir de 1988, o tema *responsabilidade social* passou a ser discutido na Constituição, e tornou-se referência para o mundo. Na Amazônia, as ações dos sujeitos em meio à floresta foram visíveis mundialmente, o que atraiu sujeitos de diversas partes do mundo com diferentes intenções (pesquisa, conhecimento, experiência) nada no momento relacionado ao lazer, consumo, mas na experiência que atualmente se assemelha ao turismo cultural de base comunitária.

Diante da grande demanda para Amazônia, os interesses voltados ao lazer e à fruição também cresceram, e são associados à prática comercial. Ter um “agente” operando, formatando, operacionalizando todo esse “produto” Amazônia foi o *estopim* para a grande onda de viagens voltadas ao lazer na Amazônia. Porém, não são concomitantes ações de regularização e fiscalização voltadas aos que se beneficiavam das atividades, mantendo o mesmo ciclo de exploração dos sujeitos que vivem nas florestas.

As festas religiosas ocorrem nas diversas aglomerações humanas e atraem peregrinos/turistas que participam com diferentes funções e interesses das celebrações religiosas. Nas florestas verificamos diferentes manifestações religiosas. O culto ao sagrado é uma fonte para as contínuas lutas pela sobrevivência do homem na terra. A fé simboliza a renovação e dá força para fenômenos, vistos pelos fiéis, de causas impossíveis, daí recorrerem ao sagrado. São constantes os movimentos provocados pela religião no Brasil, as festas, romarias, procissões ocorrem nas diferentes partes, com diferentes misturas e aglomerando multidões.

Para a atividade turística, os peregrinos podem ser classificados e tratados como turistas, uma vez que a Organização Mundial de Turismo-OMT conceitua turismo como “as atividades que as pessoas realizam durante viagens e estadas em lugares diferentes do seu entorno habitual, por um período inferior a um ano, com finalidade de lazer, negócios ou outras”. GALLO, (2013), apresenta quadro com as diferença de peregrinos e turistas, “[...] estudiosos del tema hacen una diferenciación de las personas a partir de la principal motivación para efectuar el viaje, así como las actividades que realizan durante su desplazamiento y en el lugar de destino[...]”.

Apesar de o conceito da OMT envolver todos os que se deslocam, os devotos se autodenominam de forma diferenciada, o quadro apresentado por Gallo demonstra as motivações diferenciadas, o peregrino, apesar de consumir, o consumo é voltado a produtos e serviços específicos que atendam a necessidade da peregrinação e da fé, por onde esses passam as comunidades estão disponíveis para apoiar no possível ao fiel que adentra a localidade caminhando. Quadro que diferencia peregrino e turista (GALLO, 2013 p. 4):

Quadro 4 - Peregrino e Turista

Peregrino		Turista
<ul style="list-style-type: none"> La motivación para realizar el viaje es puramente religiosa. 	Espacio Sagrado	<ul style="list-style-type: none"> La motivación para efectuar el viaje es por placer.
<ul style="list-style-type: none"> La llegada al lugar sagrado implica un acto de culto. 		<ul style="list-style-type: none"> Visita el lugar sagrado durante el viaje.
<ul style="list-style-type: none"> Va unida la oración, la penitencia y una serie de simbolismos que realizan durante el viaje. 		<ul style="list-style-type: none"> No se toma como destino final.
<ul style="list-style-type: none"> Completan una ruta a pie, bicicleta, autobús, etc. 		<ul style="list-style-type: none"> Da prioridad a visitas de objetos que pertenecen a la cultura religiosa.

Fonte: César Eduardo Medina Gallo, 2013.

O turista, quando se desloca para uma região “desconhecida” do seu convívio, está praticando turismo, segundo OMT, seja turismo religioso, cultural, de pesquisa, entre outros. Esse deslocamento provoca certas inseguranças que devem ser supridas pela cidade receptora quanto à infraestrutura, hospedagem, banco, saúde, alimentação, lavanderia, entre outros. Enfim, um conjunto de atividades que se interligam para facilitar a comercialização do destino, proporcionado ao viajante a recepção adequada para que ele passe a se sentir em “casa”.

Todos ao se deslocarem necessitam consumir, o consumo básico é feito com deslocamento e alimentação. Ao conversar com os devotos de Santa Raimunda, nenhum se autodenomina turista, o mais próximo denominou-se aventureiro; os demais, devotos e peregrinos. O conceito do turismo da OMT a todos aplica o termo *turista*, porém nenhum adentra a localidade com a mera motivação de lazer, o perfil do visitante que mais se relaciona à categoria turista é o aventureiro, porém este tinha como destino final o lugar sagrado, motivado pela curiosidade, e não devoção ou fé. E a comunidade oferta serviços

básicos para os peregrinos atualmente com retorno financeiro, porém o atendimento com alimentação e acolhida sempre foi realizado, e diante do aumento da demanda houve necessidade de organizar melhor a produção dos alimentos e valorar.

Na diferenciação apresentada por Gallo (2013) percebemos que o perfil dos visitantes é peregrino, e não turista, todos adentram por motivação religiosa, voltados ao espaço sagrado, têm seu destino final o santuário, adentram em oração, penitência, vivência a paisagem em romaria num ato devocional, o trajeto é feito a pé, uns fazem todo o trajeto a pé, outros adentram de carro e participam da procissão.

O ato de consumir, após adentrar o espaço oficial da romaria, Colocação Flor de Xapuri, passa a ser pago, comida, água, doces, sucos. Os peregrinos consomem alimentos que são vendidos a preço justo pelas comunidades dos seringais. Existe também outro comércio estabelecido no espaço profano, o comércio dos produtos peruanos ofertados para a comunidade que vive nos seringais; os produtos são roupas e sapatos trazidos do Peru. A comunidade oferta gratuitamente local para dormir, espaço para acampamento, apoio no trajeto, banheiro com sanitário e banho, também guardam barracas, redes e outros materiais de difícil transporte aos peregrinos que pernoitam na colocação Flor de Xapuri, esse material na próxima romaria é utilizado outras vezes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar nosso trabalho, usamos uma imagem do artista plástico, seringueiro, catraieiro e músico acreano, Hélio Melo, obra intitulada *Estradas da floresta*; no quadro ele pinta na copa de uma árvore três estradas de seringa. O tronco, encontro de todas as estradas, é conhecido como espigão, local onde Raimunda encontrava o marido, deixava seu almoço e entrava na primeira estrada para coletar o látex que já havia escorrido após o corte dado por seu marido. As obras de Hélio Melo fazem críticas à expansão pecuarista, à priorização do gado aos sujeitos que lá estavam, e em outras obras ele retrata o cotidiano do seringal.

A pesquisa nos espaços sagrados na floresta esteve pautada em compreender os aspectos da vida cotidiana na floresta e como os sujeitos constituem os espaços sagrados. Percebemos na constituição do lugar, mergulhando na história do Acre, três tempos distintos: 1º ciclo da borracha, 2º ciclo da borracha e empates, a migração de sujeitos do nordeste, a necessidade de fixar-se à terra, de criar meios de sobrevivência, ocasionado pelas dificuldades dadas pelos homens, bem como as enfrentadas na floresta. Somados às experiências vividas em outras localidades, os elementos do catolicismo, a reverência, o temor dos indígenas aos lugares dos mortos, os cultos afros aparecem de forma singela na organização e na constituição do espaço sagrado.

A cada ida aos seringais, descobríamos novas possibilidades de pesquisa: as relações de trabalho, as frentes produtivas, a ausência de serviços públicos, a religiosidade. Encontramos na religiosidade fundamentada com base na historiografia acreana e necessidade dos sujeitos de se fixarem as terras, que dá ao novo lugar, características de um lugar experimentado anteriormente. E percebemos a agregação de outras culturas, como a dos indígenas, que já viviam no território.

A constituição dos espaços sagrados dar-se-á desde o primeiro ciclo da borracha, com a vinda dos sujeitos, e o processo híbrido vivido nos seringais. A relação da população com seus sujeitos mortos, o tratamento aos cemitérios, o respeito e veneração dada aos lugares onde estão seus mortos, com base nesse respeito e a emissão de algum símbolo, a carga simbólica manifesta-se, o sagrado é perceptível aos sujeitos por não ser semelhante a nada vivido no cotidiano, a hierofania é a manifestação do sagrado. A manifestação do sagrado num objeto qualquer, implica algo de misterioso, ligado à realidade que não pertence ao novo lugar. O objeto relacionado ao fenômeno do milagre que passa a ser visto como

sagrado, sendo assim a população identifica e santifica pessoas que viveram o cotidiano da comunidade e passam a compor uma manifestação religiosa popular.

Os sujeitos santificados carregam uma trajetória de vida forte, com função social importante e suas mortes estão associadas ao trauma da negligencia, morte por doença ou da violência. Mas na Amazônia são muitos os que morrem assim, e o que os torna diferente após a morte é a manifestação do sagrado, o exalar do perfume, o milagre. A população identifica e santifica esse sujeito que passa a compor uma manifestação religiosa popular. Com a história de Raimunda, Sebastiana, Estelita, Francisca, Rosa, percebemos as dificuldades vivenciadas por mulheres, vítimas de violência, vítimas da negligencia. Ausências e sofrimentos experimentados até os tempos atuais por seus devotos, aproximando devoto do santo pela intimidade do lugar e da dor, aproximando os sujeitos do sagrado que vão à busca de curar doenças, romper com a violência, entre outros. Mergulhar no modo de vida dos seringueiros/devotos e peregrinos tornou o processo mais sensível.

A participação dos residentes no culto a Santa Raimunda ocorre de diferentes maneiras, adentramos os seringais com tempo suficiente, com intenção de vivenciar a organização da Festa de Santa Raimunda, a entrada dos peregrinos e o dia da festa. Percebemos e trabalhamos junto aos residentes na organização e divisão de tarefas, além dos residentes o grupo de pastorais e movimentos da igreja da paróquia de Assis Brasil. A organização da festa é uma demonstração de devoção e respeito, outra forma de participação é na devoção, seja por meio da peregrinação até a localidade como a entrega dos ex-votos. Os moradores são devotos e adentram antes da romaria, pois no período da festa precisam vender alimentos e cuidar das demais atividades da festividade.

As celebrações ocorridas provocam mudanças socioespaciais, verificamos muitas delas. As estruturas estão sendo modificadas para atender os peregrinos. Onde era a casa do morador Tota, na colocação Flor de Xapuri, passou a ser principal ponto de acolhida dos peregrinos, lá eles pernoitam, tomam banhos, usam sanitários, compram alimentos, assim, comunidade e peregrinos utilizam esse lugar como ponto base. O entorno do espaço sagrado, túmulo e capela da santa também vêm sofrendo modificações, com construção de barracas. Sentimos maior impacto nas trilhas, apesar das ações de manejo, elas estão ficando cada ano mais largas e em 2014 o trajeto era disputado entre peregrinos e motoqueiros, o que até ano anterior era proibido.

As mudanças nas vidas das famílias também são perceptíveis, apesar de manter os meios de produção nos meses que antecedem a festa religiosa as famílias modificam sua

rotina, a produção é voltada para a festividade, as idas à cidade são com intenção de articular a melhoria e abertura dos ramais, as famílias passam a receber constantes visitantes, pesquisadores, jornalistas, curiosos em busca de informações. Os comunitários consideram positiva e acreditam que o período é de grande festividade e encontro com o outro, mas o sentimento de vazio permanece quando a festividade acaba, e os sujeitos retornam aos seus lugares de origem, e os comunitários voltam às suas funções rotineiras.

Relacionamos os ex-votos para identificar as principais doenças e percebemos muitas doenças com agravamento por omissão de serviço público de saúde. Em relação à saúde, verificamos aspectos doenças tropicais negligenciadas, doenças que matam desde o primeiro ciclo econômico da borracha, além disso percebemos as doenças da modernidade que até então estavam marcando território em espaços urbanos, como o câncer.

Os ex-votos também tem relação com à educação, produção. No desenvolver da pesquisa também constatamos a omissão do estado no que se refere a políticas públicas para o turismo, ações que possam colaborar com a minimização dos impactos negativos que as entradas e saídas de pessoas podem ocasionar ao lugar.

Os problemas da pesquisa estavam voltados a compreender as relações existentes entre a religiosidade popular na floresta e a ocupação do território. Compreendemos a relação da mulher, com a organização espacial, a configuração do seringal e os modelos econômicos e opressores vivenciados nos diferentes ciclos econômicos, bem como a opressão doméstica vivenciada todos os dias, diante dos aspectos históricos e com apoio da geografia com as categorias de análise lugar, espaço, território e paisagem compreendemos como se deram e se dão as relações de fé e santificação em meio à floresta.

Nossa abordagem experimentou as estradas de seringa, a devoção na floresta, o contato com o sagrado, as relações da comunidade com os demais peregrinos que estão conhecendo e divulgando os santos populares, que até então era somente da floresta. Existem necessidades urgentes de acompanhamento e fortalecimento das cadeias produtivas, em diferentes encontros com as comunidades escutávamos que as ações não fortalecem as atividades desenvolvidas.

As comunidades do entorno da Santa Raimunda e São João do Guarani, as que atraem mais fiéis organizam a festividade de forma empírica e não conseguem mensurar os impactos negativos da festividade, como as festividades ultrapassam os limites da localidade os impactos deixados pelos visitantes devem ser conhecidos, estudados para que ações corretivas sejam aplicadas.

As políticas públicas de saúde, educação, turismo não são eficientes, as de turismo não são citadas por nenhum comunitário, e as de educação nas narrativas das crianças percebemos a carência na oferta de livros paradidáticos. Existe nas comunidades a presença do agente comunitário de saúde, porém os serviços não são o todo que os seres humanos necessitam a dificuldade para atendimento nos núcleos urbanos distancia os sujeitos que já estão distantes da cidade.

REFERÊNCIAS

ALEGRETTI, Mary Helena. **A construção Social de Políticas Ambientais: Chico Mendes e o Movimento dos Seringueiros**. Tese de Doutorado em Desenvolvimento Sustentável – Gestão e Política Ambiental- Universidade de Brasília / Centro de Desenvolvimento Sustentável, 2002.

ARIAS, Gonzalo Tejerina, **La Peregrinación y el Camino de Santiago: Actualidad Cultural y Relevancia Antropológica**. Facultad de Teología Universidad Pontificia de Salamanca. Salamanca, 2011.

ASSIS, Francisco Pinheiro de, **Veneração e fé: viver entre lutas, resistências e milagres na floresta Amazônica 1970 – 2010**. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo/SP, 2012.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento**, 9ª reimpressão, Rio de Janeiro/RJ, Editora Contraponto. 1996.

_____. **A poética do espaço**. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2008.

BOFF, Leonardo. **Ethos Mundial: Um consenso mínimo entre os humanos**, Rio de Janeiro: Editora Sextante. 2003.

CANCLINI, Néstor Garcia, **Culturas Híbridas**, 4.ed. 3.reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CASSIRER, Ernst, **Ensaio sobre o homem – Introdução a uma filosofia da cultura humana**, 2.ed. São Paulo/SP, 2012.

CLAVAL, Paul, **Epistemologia da Geografia**, Florianópolis/SC, Editora UFSC, 2011.

_____. **A geografia Cultural**. 2.ed. Florianópolis: UFSC. 2001.

CÓDIGO DE ÉTICA MUNDIAL DO TURISMO, Disponível em: <http://www.ivt-rj.net/ivt/bibli/Codigo_Mundial_de_Etica_no_Turismo.pdf>. Acesso em: 04 de novembro 2013.

CORIOLOANO, Luzia; SILVA, Sylvio. **Turismo e Geografia Abordagens Críticas**. Fortaleza. Editora UECE, 2005.

CORIOLOANO, Luzia; **O Turismo nos Discursos, nas Políticas e no Combate à Pobreza**. São Paulo: Editora Annablume, 2006.

CRUZ, Rita. **Geografia do Turismo de Lugares a Pseudo-Lugares**. São Paulo: Roca, 2007.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: Natureza da realidade geográfica**. São Paulo, Editora Perspectiva, 2011.

DEPARTAMENTO HISTÓRICO DA FUNDAÇÃO DE CULTURA E COMUNICAÇÃO ELIAS MANSOUR, **Relatório Departamento Histórico:Santos Populares no Acre**. Rio Branco, 2007.

DOURADO, Rachel; DOURADO, Suzana; MACIEL, Geovanna; GRAÇAS, Maria das. Revista Uirapuru, **Turismo religioso: Romaria Santa Raimunda Alma do Bom Sucesso** Rio Branco, Editora EDUFAC, p. 24-27 abril 2011.

ELIADE, Mircea; COULIANO, Ioan P. **Dicionário das Religiões**. São Paulo, Martins Fonte, 1999.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. São Paulo: WMF Martins fontes, 2010.

FARIAS, Ísis Bezerra. **Jabuti-Bumbá e Bumba meu boi: referências visuais e circulação de formas culturais**. Dissertação de Mestrado em Antropologia/Culturas Visuais. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa. 2012.

GALLO, César Eduardo Medina. **Transformación territorial asociada al turismo religioso en Santa Ana de Guadalupe, Jalisco, México**. Encontro de Geógrafos da América Latina, Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal14/Geografiasocioeconomica/Geografiaturistica/29.pdf>>. Acesso em: abr. 2013. Lima- Peru.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

HAESBAERT, R. Desterritorialização: entre as redes e os aglomerados de exclusão. In Castro I. *et al.* (orgs.) (Ed.), **Geografia: Conceitos e Temas** (pp. 165-205). Rio de Janeiro, Bertrand Brasil. 2008.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**, Rio de Janeiro: Editora DP&A. 2006.

KANT, Immanuel. **Crítica da razão pura**. Petrópolis/RJ: Editora Universitária. 2012.

KLEIN, Estanislau. **Santos da Floresta: Cultura e Religião entre seringueiros do Acre**. Rio Branco: Editora da UFAC, 2003.

MARTINELLO, Pedro. **A batalha da borracha, na segunda guerra mundial**, Rio Branco. Editora EDUFAC, 2004.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. **Padres, pajés, santos e festas: Catolicismo popular e controle eclesiástico.** Belém. Editora Cejup, 1995.

MEIHY, José Carlos Sebe B.; HOLANDA, Fabiola. **História Oral: Como Fazer Como Pensar.** São Paulo/SP, Editora Contexto, 2013.

NEVES, Marlúcia Cândida de Oliveira. **A colocação e a casa do Seringueiro: Exemplo de arquitetura vernácula da Amazônia.** Rio Branco: Gráfica TJ/AC. 2007.

ROSENDAHL, Zeny. (2008). Os Caminhos da Construção Teórica: Ratificando e exemplificando as relações entre espaço e religião. In Rosendahl & Corrêa I. *et al.* (orgs.) (Ed.), **Espaço e Cultura: Pluralidade Temática.** Rio de Janeiro, EDUERJ.

ROSENDAHL, Zeny. **Espaço e Religião: Uma Abordagem Geográfica.** Rio de Janeiro Very, Nepec, 1996.

ROSENDAHL, Zeny. **Hierópolis: O Sagrado e o Urbano.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

ROSENDAHL, Zeny. **Primeiro a obrigação, depois a devoção.** Rio de Janeiro, Editora UERJ, 2012.

ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (Org). **Espaço e Cultura: Pluralidade Temática.** Rio de Janeiro: EDUERJ, 2008.

SARAIVA, Adriano Lopes; SILVA, Josué da Costa. Revista - NEPEC - Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura. Artigo **Espacialidade das Festas Religiosas em Comunidades Ribeirinhas de Porto Velho, Rondônia.** Disponível em: <www.nepec.com.br/saraiva_silva_esp_cult_24.pdf>.

SILVA, Elane Cristina A. da. **Cruz Milagrosa,** Fundação de Cultura e Comunicação Elias Mansour, Pesquisa Departamento Histórico, Maio 2007.

SILVA, Maria das Graças S. N. **O Espaço Ribeirinho.** São Paulo. Editora Terceira Margem, 2000.

SILVA, Rachel Dourado da; CASTRO, Stélia B./ **Religiosidade Popular: Santa Raimunda, do Bom Sucesso no Acre/Brasil.** Encontro de Geógrafos da América Latina. Disponível em: <http://www.egal2013.pe/wp-content/uploads/2013/07/Tra_Rachel-St%C3%A9lia.pdf>. Abril 2013>. Lima - Peru.

SILVA, Rachel Dourado da; SILVA, Josué da Costa./ **Da Floresta ao Urbano: Cemitérios Espaços Sagrados** Encontro de Geógrafos da América Latina. Abril 2015 / Havana-Cuba.

SOUZA, Carlos Alberto Alves de. **História do Acre: novos temas, nova abordagem.** Rio Branco, Editor Carlos Alberto Alves de Souza, 2002.

SOUZA, Josué Fernandes de; CALIXTO, Waldir de Oliveira; SOUZA, José Dourado. **Acre: Uma história em construção**, Rio Branco, 1985.

SPOSITO, Eliseu Savério, **Geografia e Filosofia: Contribuição para o ensino do pensamento geográfico**, 3ª reimpressão, São Paulo/SP, Editora UNESP, 2004.

WOLFF, Cristina, **Mulheres da Floresta – Uma história Alto Juruá, Acre (1890-1945)**. Editora Hucitec, 1999.

YÁZIGI, Eduardo; FANI, Carlos; CRUZ, Rita. **Turismo, Espaço Paisagem e cultura**. São Paulo. Editora Hucitec, 1999.